FÓRUM DO CAMPO LACANIANO – SP

LIVRO ZERO

revista de psicanálise

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 1 19/11/2021 15:01:52

© 2021 Fórum do Campo Lacaniano SP (FCL-SP)
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Livro Zero
Revista de Psicanálise
É uma publicação anual do Fórum do Campo Lacaniano — São Paulo
da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano — Brasil.
Avenida Brasil, 2.101 — Jardim América. São Paulo, SP, Brasil.
secretaria@campolacanianosp.com.br

Comissão de Gestão do FCL-SP 2021-22
Diretor: Gonçalo Galvão
Secretária: Geni Gentil
Tesoureira: Isabel Napolitani
Coordenação das Formações Clínicas 2021: Ana Lúcia Girardi
Coordenação da Comissão de Cartéis: Fernanda Zacharewicz

Conselho do FCL-SP 2021-22
Silvana Pessoa
Beatriz Almeida
Glaucia Nagem de Souza
Ivan Ramos Estevão
Daniele Guilhermino Salfatis
Rodrigo Pacheco

Comissão de Publicação 2021-22
Geni Gentil (Coordenadora)
Gonçalo Galvão
Isabel Napolitani
Fernanda Zacharewicz
Leonardo Lopes
Luciana Guareschi
Lucília Abrahão e Sousa
Silvana Pessoa

Revisora: Aline Camargo
Diagramação: Sonia Peticov

CIP. – Catalogação na Publicação: Fórum do Campo Lacaniano São Paulo

Livro Zero. Revista de Psicanálise. O Corpo e o sintoma na psicanálise / Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo / Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. — Nº 12 (2021) — São Paulo: FCL-SP: EPCL-SP, 2021.
144 p. ; 17x 24 cm.

Anual
ISSN 2178-0250

1.Psicanálise 2. Psicanálise lacaniana 3. Fórum do Campo Lacaniano. 4.Título

CDD 150.195
CDU 159.964

SUMÁRIO

EDITORIAL 5

LAÇOS EPISTÊMICOS

A FUNÇÃO SUBLIMINAR DO AE 9
Julieta De Battista

ESPAÇO ESCOLA

ESPAÇO ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: O PASSE, A PAUSA E OS IMPASSES 21
Míriam Ximenes Pinho e Sheila Skitnevsky Finger

JORNADA DE ENCERRAMENTO

VOLTAS MOEBIANAS ENTRE DAUS E REDE CLÍNICA: DAS URGÊNCIAS ÀS EMERGÊNCIAS 37
Daniele Guilhermino Salfatis

UM ANALISTA ENTRE: LEIS... LIES, LIVES, LOVE... "E DIE"? 45
Isabela Ledo

QUE COISA É FALAR 52
Viviana S. Venosa

A MENINA E O SAPO 56
Maria Laura Cury Silvestre

COSTURANDO, À LUZ DE VELAS 61
Juliana Gerken de Carvalho

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 3 19/11/2021 15:01:53

ME PROTEGER DO OUTRO? UMA QUESTÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA 73
Beatriz Helena Martins de Almeida

JORNADA DE CARTÉIS

ENLACES E PRODUÇÕES UM CARTEL CLÍNICO 85
Carina Ferreira Guedes

ENTRE O FONE E A JANELA, PERCURSOS EM UM CARTEL CLÍNICO EM MEIO A PANDEMIA 89
Fernanda Ghiringhello Sato

ALGO PASÓ 93
Maria Claudia Formigoni

AS RUÍNAS DA VOZ — TRAVESSIA DO INSULTO AO CANTO 99
Mariana Castro

"PROPOSIÇÃO" SOBRE O DESEJO DO ANALISTA E SUAS MERDAS 106
Marina Rachel Graminha-Cury

A ESCRITA ABERTA 113
Narayan Lima da Silva

REFERRÂNCIA: O GESTO DE LEITURA COMO PRODUÇÃO DE UM REFERENTE DIVIDIDO 120
Laerte de Paula

A LETRA; A ESCRITURA; A CURA DE… 128
Rafael F. Atuati

LETRA: CIFRA DE GOZO? 135
Beatriz Oliveira

REGIMENTO DA REVISTA LIVRO ZERO 141

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 4 19/11/2021 15:01:53

EDITORIAL

RLZ é a revista do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo que reúne os trabalhos produzidos e apresentados pelos membros e cartelizantes, no ano anterior ao vigente, nos espaços do nosso fórum. O tema de cada número da RLZ é o tema das Formações Clinicas do referido ano, tema inspirador dos textos, mas que não necessariamente versam sobre ele, pois contemplam a formação que sustentamos, multifacetada, turbilhão.

O tema das Formações Clínicas, escolhido para o ano de 2020, foi *O Corpo e o Sintoma na Psicanálise*, acompanhando o tema do Encontro Nacional *O Sintoma e o Psicanalista: Topologia, Clínica, Política*, encontro cuja realização foi adiada para 2021, o que não nos impediu de seguir produzindo online.

Aqui reunidos, essa produção de 2020 toma corpo. Um corpo que transmite a variedade que se reúne em nosso fórum, direcionada para a Escola, apostando na transmissão da psicanálise. Cada um engajado em sua pesquisa solitária e, em alguns casos, com boa sorte, enlaçado com outros engajados num tema comum. Cada um desses engajados decidiu compartilhar os produtos dessa pesquisa com a comunidade, sabedores de que em nosso fórum, a cada ano, apostamos numa diversidade de transmissão.

Tivemos, a partir de meados de março de 2020, a chegada em nosso país da pandemia global da Covid-19. Não bastasse a angústia diante do desconhecido, topada com o Real, defrontamo-nos com uma abjeta e intencional política de desgoverno com as medidas sanitárias, acompanhada de execrável descaso com as medidas econômicas protetivas dos mais vulneráveis. Em consequência, ultrapassamos a terrível cifra

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 5 19/11/2021 15:01:53

de mais de quinhentas mil mortes, dentre elas, milhares que poderiam ter sido evitadas.

Nessa conjuntura, a pandemia presentificou o desamparo, o medo, as perdas e o desalento. Sintonizados com o seu tempo, quatro textos abordam esse tema. Um tematiza o trauma e o medo do outro, que pode contaminar com o vírus; outro descreve e tece considerações em torno da aposta da Rede Clínica na criação do DAUS — Dispositivo Acolhimento de Urgências Subjetivas — para a acolhida das urgências subjetivas decorrentes dos impactos da pandemia; outro comenta a resposta de analista ao fechamento ao equívoco que as palavras de ordem de banalização do mal tentavam produzir e outro, ainda, as implicações dessa conjuntura para o espaço escola em nosso fórum.

O cartel, órgão de base da escola, comparece com um número expressivo de trabalhos, ora tecendo articulações em torno de um recorte teórico, ora tratando do processo de implicação com a questão que o trabalho em cartel suscitou, ora articulando clínica e teoria em torno de um recorte clínico.

Contamos ainda com um texto generosamente cedido por Julieta De Battista, AE, (2018-2021) uma das nossas convidadas do Laços Epistêmicos de março de 2020, nosso último evento presencial antes do confinamento, apresentado no Espaço Escola: Função AE.

Esperamos que a leitura dos textos dessa RLZ 12 anime o desejo de continuar escrevendo e compartilhando.

Boa leitura!

Geni Gentil
Comissão de Publicação 2021-2022.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 6 19/11/2021 15:01:53

LAÇOS EPISTÊMICOS

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 7 19/11/2021 15:01:53

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 8 19/11/2021 15:01:53

A FUNÇÃO SUBLIMINAR DO AE

Julieta De Battista[1]

Gostaria de tentar produzir uma diferenciação: uma coisa é a "performance da transmissão" (SOLER, 2019, p. 74) do passante diante dos passadores e outra diferente seria a possível função do AE[2]. São cenas diferentes, que podem cristalizar em cenários e efeitos diversos.

Os motivos que impulsionam um analisado a solicitar o passe são muito variados[3] e alguns se justificam como para que o secretariado do passe dê andamento a essa demanda. Pois bem, no caso dos AE e sua transmissão, é a sua capacidade performática o que conta na sua função? A função AE é uma função didática, performática, política? Minha tendência é pensar que se dependesse unicamente de uma performance de transmissão talvez a experiência do passe não seria necessária, dadas algumas leituras que se costuma fazer da frase de Lacan (1967, p. 243) "o psicanalista não se autoriza senão por si mesmo".

Podemos ler isto como uma autorização do testemunho da experiência analítica por fora do passe, sem apelar a nenhum trabalho com os passadores, sem correr o risco. Agora, será que esta leitura condiz com o agir de uma escola que mantém efetivamente o passe? Por outro

[1]Analista de Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano (2018-2021). Doutora em Psicopatologia pela Université de Toulouse. Professora de Psicopatologia 1 na Universidad Nacional de La Plata e docente do Mestrado em Psicanálise na Universidad de Buenos Aires. Autora de *El deseo en las psicosis,* que ganhou o Prêmio Nacional de ensaio psicológico em 2019. Tradução em português *O desejo nas psicoses,* Ed. Larvatus Prodeo, 2020.
[2]AE é a sigla que utilizarei para me referir ao analista da escola, cuja nominação resulta de haver se apresentado à experiência do passe; tal qual Lacan o define na *Proposição de 9 de outubro de 1967*.
[3]Elisabeth da Rocha Miranda, "Para que a entrevista de entrada no dispositivo do passe?", Wunsch 20, p. 58-61; Clara Cecilia Mesa, "Separar uma demanda de pase", *Wunsch* 20, p. 61-62.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 9 19/11/2021 15:01:53

lado, essa frase não soa igual em 67 que em 2020. Em 1967 o contexto era outro: os analisantes não podiam escolher analista, mas deveriam se submeter a uma lista de didatas, a uma ritualização da prática onde era o didata quem sancionava o começo da análise e seu fim. Hoje não estamos no mesmo ponto.

Obviamente o analista em ato se autoriza por si mesmo, não é essa a discussão. Se Lacan propôs o passe é porque esperava algo de um funcionamento que diga respeito à escola e não à autorização dos analistas na sua solidão. Justamente por isso se faz necessário que a escola garanta que não há garantia, mas que garanta que o analista surge de sua formação. Não basta somente a autorização, se espera que esses analisados queiram trocar e elaborar um saber com alguns outros, dispersos díspares, que queiram de algum modo fazer progredir uma elaboração. E, que encarnem um saber fazer diferente com a diferença, um atuar que seja reverso da extensão da segregação.

Daí que, apesar do analista se autorizar a si mesmo e apesar de não haver garantia, a experiência do passe continua sendo crucial para uma escola que se atreve a se colocar em risco e a se sentar no banco para dar suas razões cada vez. Em alguns momentos, me parece que o desenho do passe contribui com uma mostra que pode se analisar para obter o estado em que se encontram os desejos que formam a escola, como se fosse uma análise do que a escola tem de mais vital.

No passe se testa não somente se houve ascensão do desejo do analista na aventura analítica do passante, como também essa experiência nos dá acesso a uma pequena mostra do ponto aonde chegaram as análises do resto de seus participantes, do estado atual de seu desejo com respeito à psicanálise. Parece que só o passante corre o risco ao apresentar-se, porém estou mais próxima de pensar que esse risco é compartilhado por toda a escola.

O secretariado do passe corre o risco de decidir colocar em marcha o dispositivo, com todos os custos que isso implica. Os AME que designam passadores correm o risco — entre outros — de que essa designação precipite um final, e também de que o passador não funcione. Os passadores assumem o risco de escutar a experiência da

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 10 19/11/2021 15:01:53

análise do passante sem saber que efeito isso terá sobre suas próprias análises, nem em sua relação à escola[4] e ainda mais: assumem o risco sem saber com o que vão encontrar, sem ter pedido para participar[5]. A isso se acrescenta que podem ficar tentados ao aparecimento de uma possível "padronização do passe", de sair da dificuldade tentando "ajustar a experiência própria à dos ideais da Escola" (MESA, 2019 p. 62).

Quem forma o cartel do passe corre também seus riscos. Estão ainda dispostos à surpresa? Qual o peso que há neles o saber acumulado da doxa? Que possibilidades de elaboração surgem no trabalho com outros analistas? Como mantêm uma escuta na pluralidade de línguas que constituem esta escola? É uma aposta arriscada, que se o entusiasmo e a alegria conseguirem se destacar por sobre o aperto e o cansaço já é uma boa notícia para nossa escola.

O passe põe à prova o estado do desejo do analista e do desejo de psicanálise de todos os que constituem o dispositivo. O que acontece, passa contingentemente através de tudo aquilo que pode resultar em um obstáculo: a doxia, a suposição do saber ao Outro, o ego dos analistas, as diferentes defesas que se acendem.

A transmissão do AE é também um risco para a escola, porque há nela algo herético, aberrante e quem escuta essa transmissão não sabe em qual volta desses avatares pode se encontrar com o seu próprio horror de saber desconhecido.

Diante de tal panorama de obstáculos e riscos aos que o passe expõe, certamente seja uma opção tentadora se autorizar de si mesmo e se vangloriar nos efeitos de uma performance já conhecida, com um público já adestrado.

E o progresso da escola? Dá na mesma nesse ponto a performance que tende a capitalizar certo benefício em nome próprio que aquela habitada por algum impreciso desejo de fazer avançar de alguma maneira o trabalho de escola?

[4]Recomendo o trabalho de Gisela Suárez Sepúlveda, "Estar um poco más atrás que o passante". *Wunsch* 20. p. 54-55.
[5]Conservo a expressão de Adriana Álvarez Restrepo "Aquí algo se ha orquestado a sus espaldas", no seu trabalho «Una apuesta a prueba», *Wunsch* 20, p. 52-53.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 11 19/11/2021 15:01:53

Tento por essa via me aproximar ao que entendo seria alguma possível função do AE, que se desprenda um pouco da performance de transmissão que pode resultar efetiva para sua nominação. Seria pensar uma função que talvez não seja tão visível como a performance, mas sim mais subterrânea, marginal: uma função subliminar, subliminar e efêmera. Os AE não fazem parte do Museu da Escola, funcionam um tempo (se é que funcionam!) e caem.

Esta subliminaridade da função AE iria pelo caminho de tentar desmontar o suposto saber performático do AE. Se o AE é analista da escola, a pergunta não seria tanto por sua performance de transmissão, mas sim se em sua função consegue tornar-se causa de um trabalho analisante na escola, se desde sua função contribui à causa do trabalho em cartel e acrescenta então à política dessa escola que, além do mais, é internacional.

Retomo aqui a importância da proposta de Celeste Soranna em *Wunsch* 20 a respeito da constituição de cartel Inter- fórum e internacionais. Acho aí uma possível função subliminar do AE, relacionada à transmissão da polifonia da experiencia do passe. Isso é próprio da nossa escola dos fóruns, que é plurilinguística, e cujo funcionamento de base é o do cartel.

A abertura a essa multiplicidade de línguas, o fato de suportar que não vai se entender tudo, se dispor a escutar o hétero, o estrangeiro, me parecem pontos cruciais na experiência do analista. Esse caráter estrangeiro persiste desde o princípio até o fim em uma análise: a língua dos sintomas, do inconsciente é êxtima.

O dispositivo do passe acentua ao máximo essas notas polifônicas, por que haveríamos de reduzi-las à tradução em nome da transmissão? Por que ficar em uma elaboração da experiência mais local em lugar de favorecer a abertura ao trabalho de escola internacional?[6] Creio então que esta poderia ser uma das funções subliminares dos AE: promover

[6]Junto a alguns outros aproveitamos a oportunidade desta pandemia para pôr a prova esta opção propondo um Espaço Escola Itinirante na America Latina — aberto também à outras regiões — que permitiram nos aproximar de outra forma à dimensão internacional da escola e especialmente aos fóruns em formação.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 12 19/11/2021 15:01:53

na escola a experiência dessa polifonia, manter essa aposta polifônica dos dispersos díspares em ato.

Creio que por esta via posso fazer uma contribuição ao que se associa mais frequentemente com a função do AE: "testemunhar os problemas cruciais nos pontos vivos nos que estão para a análise, especialmente tanto eles mesmos (os AE) estão nessa tarefa ou ao menos no caminho de resolvê-los [...] tornar-se responsável do progresso da escola" (LACAN, 1967/2001, p. 243).

Uma das primeiras perguntas que me surgiram a partir da nominação foi justamente quais eram os problemas cruciais para nossa escola hoje. Não me pareceram evidentes. Perguntei a alguns colegas: também não foi evidente para eles. Alguns me disseram algo por si mesmos. Outros me reenviaram ao seminário XII de Lacan, do qual já se passou meio século!

A pergunta foi tomando cada vez mais força: Quais são os problemas cruciais da nossa escola hoje? Propus trabalhar em um cartel sobre isto, inclusive me parecia que poderia se rastrear nas *Wunsch* quais eram esses problemas nesses quase vinte anos da escola dos fóruns. O cartel não chegou a se constituir, o trabalho travou. Eu me surpreendi muitíssimo porque considero o cartel um dispositivo de uma potência extraordinária.[7]

Pareceu-me estar margeando aí um problema crucial bastante cotidiano: ocorre quando o trabalho começa a interferir por... como posso

[7]Eu me pergunto: Que leituras podemos fazer quando um cartel não funciona? Podemos distinguir um pouco aquelas condições que poderiam ser obstáculo ao trabalho de um cartel? Enquanto dispositivo chave da escola, creio que este é um ponto de importância. A partir do que tem sido minha experiencia poderia dizer que, em ocasiões, há "demanda de cartel", que já levam a marca no pedido mesmo de certa suposição de saber a quem se "demanda" o cartel, mas não uma suposição de saber o trabalho no dispositivo. Se bem isso é potencialmente reversível no trabalho, não sempre ocorre. Na Argentina, é bastante frequente que o trabalho de cartel se confunda com um grupo de estudo ou tenha essa tendência (há aqui uma tradição dos grupos de estudo, mas neles há uma pessoa a quem se supõe saber que é quem o dirige, dirige as leituras e os comentários. A lógica que prima é mais do discurso universitário). Por outro lado, o cartel não está isento dos efeitos do grupo. Em ocasiões, um tempo preliminar de intercambio permite dirimir se há condições para uma transferência de trabalho em cartel.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 13 19/11/2021 15:01:53

chamar? Pessoas que não se entendem? Problemas de agenda? Ou talvez tão somente diferenças: já seja de leituras, de pareceres ou de horários. Diferenças entre analistas. É curioso que as diferenças se tornem obstáculo, já que dedicamos nossa vida a uma prática que aponta para obtê-las. E nosso *métier*. Serão ossos do ofício? Acho que, se algo tenho que agradecer à análise, é o ter-me permitido deixar de padecer minha diferença, deixar de ocultá-la, de maquiá-la e começar a vivê-la.

Creio que neste tratamento das diferenças há um problema crucial que está vivo em nossa escola, ao menos posso ler no boletim do CIG Ecos 17, cito:

> Apesar dos esforços das diferentes instancias e algumas mudanças introduzidas em nossos textos estatutários, a Escola não consegue, infelizmente, impedir que certos Fóruns se dividam. Essas divisões geram problemas com respeito à garantia, posto que alguns dos novos Fóruns já não dispõe da cota de membros de Escola necessária para a constituição de um dispositivo local da garantia (secretariados do passe e recepção de propostas AME). O fenômeno não é particularmente novo, mas desde alguns anos nos enfrentamos a uma situação inédita: a existência de Fóruns que contam com um número importante de membros e que, no entanto, se encontram sem dispositivo local da garantia e às vezes sem dispositivo de acolhimento e epistêmico (privados pois da possibilidade de admitir novos membros de Escola.) [...] Que solução podemos então encontrar para esta situação? E como ler este fenômeno de "divisão"? Nem o fato de conhecer as consequências (perda dos dispositivos), nem as mudanças efetuadas nos estatutos destinados a contrapor dito fenômeno (aumento do número de membros para constituir um novo Fórum) têm conseguido evitá-lo. O CIG dedica muito de seu tempo de trabalho a examinar minuciosamente estas questões que merecem, a nosso ver, uma profunda reflexão em nossa Escola (e não nos referimos somente às mudanças estatutárias).

A questão da cisão é uma marca de origem da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano e também uma sorte do destino inevitável das

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 14 19/11/2021 15:01:53

instituições analíticas. Não tem havido uma só assembleia da IF da qual eu tenha participado na qual não se trate da cisão dos Fóruns. Esse desejo que nos permite suportar o insuportável da clínica analítica, não nos permite, no entanto, suportar o insuportável do trabalho com outros analistas? Isto não quer dizer que a proposta seja perseguir um ideal de união e de harmonia, mas creio que este efeito divisor é algo a interrogar em seus fundamentos: cabe a quase todos os fóruns em algum momento e afeta o funcionamento da escola.

Me animaria dizer que o analista é ao menos três: o que opera, o que lê os efeitos e o que quer ter um lugar na comunidade analítica. O analista que opera na cura não goza da banqueta nem do nome. Como mantêm a "carga" que implica o ato analítico? As compensações não se resolvem somente na obtenção do dinheiro em troca das curas, aqui joga também um lugar importante o nome que um analista constrói na sua comunidade e não necessariamente a partir de sua prática como analista. Não estou dizendo com isto que seria desejável que essa dimensão não se produzisse. Me parece que é um fato que se produz, que em alguns casos contribui para manter uma orientação e, em outros, deriva em certos "problemas de cartaz".[8]

Em alguns casos estes problemas de cartaz preenchem laços de trabalho e em tantos outros levam a cisões. Essas cisões dentro dos fóruns não sempre redundam em um relançar do trabalho, em ocasiões tendem a consumir a disponibilidade libidinal para a transferência de trabalho ou produzem um efeito de concentração excessiva nas desavenças locais, deixando de lado ou apresentando menor disposição ao trabalho na dimensão internacional da escola.[9] Me pergunto então se uma escola cujos integrantes estão muito atentos ao nome próprio ou da banqueta não se constitui em um obstáculo ao funcionamento cartelizante.

[8]Em espanhol, esta expressão se utiliza no mundo do espetáculo, para se referir à aquelas ocasiões em que um artista entra em conflito com outro porque seu nome não aparece suficientemente grande no cartaz publicitario como o do seu colega.

[9]Me parece que este ponto concerne à junta entre Fórum e escola, sendo que há fóruns que parecem poder prescindir das atividades de escola ou fóruns que se extirpam ainda ao custo de perder seus dispositivos locais de escola.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 15 19/11/2021 15:01:53

Por outro lado, me pergunto como é que quem trabalha com as diferenças e para obter uma diferença absoluta, em ocasiões acabamos chagando a diferenças irreconciliáveis nos nossos laços de trabalho com outros analistas na escola. Se supõe que contamos com um saber fazer com as diferenças que nos permitiria ir um pouco mais além da dispersão, e a proliferação de grupos que complicam o funcionamento ou o atestam de acusações ou cisões ("os becos sem saída do grupo, sua obscenidade, a intriga entre analistas").[10] Não é algo da ordem do que não "deveria" acontecer, mas sim que acontece e nos afeta, na medida em que toca o real em jogo na formação do analista.

Talvez seja incómodo apresentá-lo, não creio que a função do AE transite na comodidade: não é uma função ideal nem celebratória, também não acredito que sirva à escola o AE performático que fascina em seu testemunho desde o tribunal ou o AE *superyoico*[11] que pretende se converter em quem analisa à escola. Me inclino a pensar que a função do AE está mais próxima do sintoma: incomoda, é extraterritorial e pode se transformar em trabalho analisante. Mas é uma função que não tem a duração nem a estabilidade do sintoma, é efêmera e subliminar.

Volto então ao assunto que me ocupa: tornar-se responsável do progresso da escola. O que será o progresso da escola? Poderá se manter viva? Haverá analistas? E não só se trata de que haja analistas. Haverá analistas dispostos a trabalhar para o progresso da escola ou prevalecerá sobre isso o trabalho para aumentar a clientela? Sobrará tempo e desejo disponível?

Sobre o final da nota aos italianos, Lacan (1973) desaconselha a nominação de analistas da escola que não tenham tempo para contribuir ao saber ou que fiquem muito interessados por seu próprio patrimônio.

E deixa escutar que, sem esse aporte ao progresso da escola, a análise não tem chances de ter uma prioridade sobre o mercado, quer dizer

[10]Como escreve Dominique Fingermann (2019).

[11]Em espanhol no original (N.do T.) — *Supereu* acrescido do sufixo *ico* que em espanhol pode ser um formador de adjetivo ou ainda indicar uma qualidade, uma relação ou pertencimento.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 16 19/11/2021 15:01:53

que estaria mais próxima de sua extinção. Então, não se trata unicamente no passe de detectar se veio o desejo do analista, mas sim de escutar se esse desejo é acompanhado do querer se tornar responsável pelo progresso da escola.

A pergunta então já não seria a de conservação dos traços dos AE, mas sim se interrogar se houve ou não função AE, quer dizer, se se produziu algum efeito de causa e de transformação no trabalho da escola, se se conseguiu irrigar de outro modo, subliminarmente. E, em todo caso, ficará para a escola a função de constatar se esse trabalho causado efemeramente pela função AE deixou saldo de saber original. Ainda que esse efeito de turbilhão não tenha nenhum nome próprio.

Referências bibliográficas

RESTREPO, A. A. Uma Posta à Prova. In: *Wunsch Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,* nº 20, 2020, p. 52-54.

CIG. *Boletim do Colégio Internacional da garantía* 2018-2020. Ecos Nº 17.

MIRANDA, E, R. Qual a função da entrevista para entrada no dispositivo do passe ?. In: *Wunsch*, *Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*, nº 20, 2020, p. 59-61.

FINGERMANN, D. Do impasse de um discurso ao dizer Outro: um salto. Há alegría! In: *Wunsch*, *Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,* nº19, 2019, p. 68-73.

LACAN, J. (1967). Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: O*utros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 248-264, 2003.

LACAN, J. (1973). Nota italiana. In: O*utros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 311-315.

MESA, C. C. Faz falta tempo. In *Wunsch*, *Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,* nº 19, 2019, p. 33-37.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 17 19/11/2021 15:01:53

MESA, C. C. Cingir uma demanda de passe. In *Wunsch*, *Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,* nº 20, 2020, p. 61-63.

SOLER, C. O que não se garante. In: *Wunsch*, *Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*, nº 19, 2019, p. 41-43.

SORANNA, C. O cartel inter-Fórum e inter-nacional na sua função nodal de colocação à prova do laço social na Escola da IF. In: *Wunsch, Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,* nº 20, 2020, p. 41-44.

SUÁREZ SEPÚLVEDA, G. Estar um passo mais atrás do que o passante. In: *Wunsch, Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano* nº 20, 2020, p. 54-56.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 18 19/11/2021 15:01:53

ESPAÇO ESCOLA

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 19 19/11/2021 15:01:53

ESPAÇO ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: O PASSE, A PAUSA E OS IMPASSES[1,2]

Míriam Ximenes Pinho[3]

Sheila Skitnevsky Finger[4]

Diz-me poeta o que fazes? — Eu canto.
Porém, a morte e todo o desencanto,
Como os suportas e aceitas? — Eu canto.
O inominado e o anônimo, no entanto,
Como os consegues nomear? — Eu canto.
Que direito te faz, em qualquer canto,
Máscara ou veste, ser veraz? — Eu canto.
Como o silêncio dos astros e o espanto
dos raios te conhecem?: — Porque Eu canto.
Rilke, *Diz-me, poeta...*, 1921.

[1]Versão modificada e ampliada de um texto apresentado pelas autoras, então delegadas do FCL-SP biênio 2019-2020, no Espaço Escola desta comunidade em 11 de maio de 2020.

[2]Agradecemos as demais delegadas do biênio 2019-2020, Cibele Barbará, Heloisa Ramirez, Maria Claudia Formigoni, Maruzania Dias e Silvana Pessoa, aos membros desta comunidade, especialmente a todos e todas que contribuíram e enriqueceram direta ou indiretamente os debates ocorridos em 2020.

[3]Psicanalista. Membra do Fórum do Campo Lacaniano – SP. Membra da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Mestre em Ciências, disciplina de Cardiologia, pela UNIFESP.

[4]Psicóloga. Psicanalista. Doutora em psicologia (Massachussets School of Professional Psychology, 2005). Membra do Fórum do Campo Lacaniano - SP e Membra da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 21 19/11/2021 15:01:53

Consta nos *Princí*pios Diretivos para uma Escola... (2018, p. 5), na parte designada "As instâncias de funcionamento de Escola em nível local", que delegados membros de Escola devem zelar pela presença revigorada da Escola em nosso meio: "Os Delegados da IF que são membros da Escola zelam para que a presença da Escola seja efetiva localmente, por meio de seminários ou de outras atividades de Escola apropriadas à situação local. Nas cidades onde já existem comissões de Escola, eles podem estar a elas associados para fazer funcionar esses atividades de Escola". No Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, optou-se por deixar a cargo deste colegiado a animação do chamado "Espaço Escola" (EE), espaço restrito aos membros de Fórum e de Escola, responsável por animar localmente os princípios de nossa Escola bem como por fomentar e atualizar os debates que circulam em torno destes em nível nacional e internacional.

Logo no início da *Proposi*ção de 1967, lê-se:

> [...] O psicanalista só se autoriza por si mesmo [...]. Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação [...]. E o analista pode querer essa garantia, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência. [...] Que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, portanto, está estabelecido. Pode fazê-lo e, portanto, deve fazê-lo (LACAN, 1967/2003, pp. 248-249).

Mais adiante neste mesmo texto, ao invocar a junção moebiana da psicanálise em extensão com a psicanálise em intensão, Lacan (1967/2003, p. 251) comenta:

> Eu me apoiarei nos dois momentos da junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 22 19/11/2021 15:01:53

Na sequência, Lacan (1967/2003, p. 251) ressalta "sua pregnante razão de ser, que é constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que nela figura a finitude, para permitir o a posteriori, efeito de tempo que, como sabemos, lhe é radical".

No início dos trabalhos a serem realizados em nosso Fórum em 2020, a partir da função delegadas, nos indagávamos: Como seguir um trabalho de animação dessa experiência original marcada pelo ato subversivo de Freud e de Lacan? Como transmitir o *freshness*, o frescor renovado dessa experiência original em nosso fazer Escola?

DO PASSE

Decidiu-se então que o fio de enlace com a Escola a animar o trabalho do Espaço em 2020, seria o passe: orientadas por essa temática, recebemos, em nossa Jornada de Abertura das atividades, três colegas nomeadas Analistas de Escola, duas brasileiras e uma argentina: Adriana Grosman, Andréa Milagres e Julieta de Battista, que deram corpo e voz à questão: "Função AE?".

Julieta de Battista, de partida, trouxe a seguinte ponderação: "*Se a função de AE é dar testemunho dos problemas cruciais da psicanálise, quais seriam os problemas cruciais hoje?*". Ela destacou a questão das "*diferenças irreconcili*áveis que se manifestam nas Escolas. Muito trabalho é convocado diante desta constatação. Muito estranho já que, como analistas, trabalhamos justamente com a diferença ... a qual se articula diretamente com a identificação ao synthome". Como em um de seus sonhos, trata-se de consentir à diferença: "*Se h*á algo para eu agradecer à *psicanálise,* é a diferença". Quanto à função AE: *função incômoda, sintom*ática, mas efêmera, que cai.

Andrea Milagres concordou: "*A função AE* é incômoda, apertada... circular em lugares, perguntas que surgem; é *se p*ôr a trabalhar... função *que s*ó se coloca aos analistas em Escola *(e não aos analistas solitários) e que demanda uma responsabilidade em uma comunidade*". E mais: "*função AE como aquela de poder, querer compartilhar a solidão do ato, sair do solilóquio. Permanecer na Escola implica em ultrapassar, suportar o problema do laço entre analistas. Ato que faz*

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 23 19/11/2021 15:01:55

laço na Escola e com a Escola. Função às vezes estranha: 'para ser AE é preciso ser brilhante', imaginário de alguém que saberia mais, um E.T., alguém que não seria mais atingido por nada...". Andrea segue o fio da fala de Julieta e acrescenta que no consentimento da diferença há a "*passagem da diferença como vergonha, para a diferença como synthome*".

Neste (bom) encontro, outras vozes se juntaram e ressoaram. Adriana Grosman complementa: *"O AE está vivo. O passe não é o final da análise, tem importância, mas não é o final. AE como movimento, tal como um caixeiro-viajante. AE às voltas não só com a transmissão dos problemas cruciais, mas de uma Escola em funcionamento. Há laços e trocas em diferentes lugares, ser escutada e receber de volta me faz trabalhar mais: de alguma forma a análise que continua, um pós que faz continuar esse trabalhar*". Ela lembrou-se da angústia no final de sua análise: "*Encontro com o meu mais novo amigo, o conjunto--vazio, a angústia!*". Angústia esta que poderia lançá-la novamente em busca por (mais) análise. Poderia. Mas ao invés disso, enlaçou-a com a Escola. Referência ao momento de deslocamento do significante "descolada", "descola", para a "transferência para com a Escola" — tal como Lacan (1980) propõe em *D´Ecolage*. Em seu final de análise, "descolada" virou "DEscola" (Analista de Escola): fruto do trabalho de des-cisão, uma cisão e um des-ser: "*analista est*á nesse lugar de quase nada". A função AE articulada tanto à Psicanálise em Intensão, quanto à Psicanálise em Extensão.

Sobre questões sobre o fim da análise, o passe e seus efeitos, destacamos: as preocupações com a preservação da polifonia de modo que as falas de um AE não repercutam como que portadoras da "verdade lacaniana última" perigosamente uniformizadora do que se deveria esperar no fim de uma análise; a singularidade dessa função que só pode falar a partir da experiência da própria análise e de seus efeitos; as questões sobre o que uma análise produz e o que vem por efeito do dispositivo do passe.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 24 19/11/2021 15:01:55

DA PAUSA E DE SEUS IMPASSES

Em março de 2020, fomos todos e todas surpreendidos(as) e pausados(as) pela pandemia global causada pela COVID-19[5]. De uma hora para outra, restrição social, confinamento, interrupções, separações, isolamento. Golpe do Real. Angústia frente à iminência de morte, ao desconhecido, ao invisível.

Naquele momento, nos perguntávamos se conseguiríamos ou se deveríamos manter nossas atividades e encontros de Espaço Escola, em meio à angústia de risco de contaminação e morte (nossa própria e dos nossos amados), incertezas diante de um cenário político e econômico desencorajador, para dizer o mínimo, e a necessidade de rearranjos diversos no modo costumeiro de atendimento clínico e na rotina familiar e doméstica.

Pausa.

Enquanto tentávamos nos rearranjar sob essa nova condição sem perspectivas claras de final, apelos (imperativos) nos atravessaram: "o trabalho tem que continuar", "fique em casa, mas *keep busy* (assista shows, filmes, espetáculos, faça cursos, aprenda idiomas e novas receitas, pratique atividades físicas, conheça lugares, faça e assista a lives, etc..). Optamos por manter o EE na data prevista, mas não sem ponderar antes o trabalho possível e na aposta do "princípio de solidariedade" (Carta da IF, 2018), mais do que nunca imprescindível, para continuarmos a sustentar coletivamente o trabalho. Então... ainda caberia discutir o tema "passe" em meio a uma conjuntura que nos afetava, mais ou menos intensamente, a todos?

Como responder ao momento atual enquanto analistas e em nossa coletividade? Como fazer Escola e presentificar a psicanálise, neste mundo e neste momento, onde o Real se apresentava a cada notícia a

[5]Segundo o Ministério da Saúde, "os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais. [...] Em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa". Fonte: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid. Acesso em: 30. mar. 2021.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 25 19/11/2021 15:01:55

nos lembrar de nossos limites, da transitoriedade da vida, da impossibilidade de controlar ou compreender o que se passava, e mesmo assim manter nossa escuta operando, nossa oferta renovando-se?

Para conseguirmos continuar, deslizamos do "passe" para o "impasse" de um momento no qual não tínhamos ideia de como nos sairíamos, de quantos de nós se contaminariam ou mesmo sobreviveriam à infecção e à situação em geral, e nem de quando retomaríamos a vida habitual. Decidimos levar em consideração essa contingência pausante, levando em consideração seus impasses e nossos limites.

O texto freudiano "A transitoriedade" nos ajudou a imprimir o tom — nem prostrado e nem revoltado — que queríamos para o encontro: "Essa exigência de imortalidade é tão claramente um produto de nossos desejos que não pode reivindicar valor de realidade. Contestei a visão de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização. Pelo contrário! [...] valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo" (FREUD, 1916/2010, p. 248). Não sem o luto, conclui Freud.

Foi muito importante para nós, naquele momento tão difícil e incerto, conseguirmos colocar o corpo para sustentar, enquanto delegadas, este Espaço de Escola, optando por "não ceder à tentação de prostração" (Soler, 2020)[6], reafirmando nosso compromisso de articulação entre este Fórum e os três colegiados internacionais, de transmissão de informações e de zelar pelo *freshness* da presença da Escola em nosso meio, não sem levar em consideração a conjuntura atual e seus efeitos sobre nós. Foi gratificante encontrar ressonâncias nas vozes que ali participaram e que partilharam igualmente suas experiências, inquietações e reflexões. Juntos fazendo Fórum.

No aprés coup, olhando para trás, podemos extrair deste movimento, de pausar para seguir, de seguir para pausar, algo orientador: as suspensões são de fato aquilo que nos orientam, ou de forma mais precisa, o movimento entre corte e costura, pausa e movimento, e a delicadeza de cada momento! Isso orienta tanto na escuta analítica, impondo e

[6]Em e-mail enviado pelo Conselho de Orientação aos colegas da EPFCL-França, em 28 de março de 2020.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 26 19/11/2021 15:01:55

propondo ritmos mais afinados à temporalidade do inconsciente, cortes que transformam as urgências da angustia em revisitas desapressadas aos ritmos do próprio dizer — psicanálise em intensão; quanto, também, nos exercícios de formação e transmissão, psicanálise em extensão, imprimindo uma "Outra temporalidade" (LACAN, 1975) que contribui para a inscrição do discurso psicanalítico na pólis, função da Escola e do psicanalista.

Naquele momento, sugerimos a leitura do *Boletim Ecos no. 18* no qual três analistas membros de Escola — Bernard Nominé, Albert Nguyen e Nicole Bousseyroux — responderam, cada um a seu modo, como não poderia deixar de ser, à questão do seguir a vida psicanalisando e transmitindo o vírus da psicanálise em tempos de pandemia.

Tal como no trabalho coletivo de construção que orienta o trabalho em cartel, também é possível pensar o trabalho no Espaço Escola como uma tessitura de múltiplas vozes: num trabalho de cartel, aonde muitas vezes a autoria das construções vem do próprio coletivo, retiramos construções e desdobramentos, ecos das vozes e contribuições, de nossos colegas do colegiado e colegas membros de fórum, em ricas trocas nos encontros de Espaço Escola.

Tentamos assim sustentar um espaço de múltiplas vozes com maior participação de colegas, inclusive daqueles recém chegados ou mesmo aqueles que costumam falar pouco nas reuniões.

Nas Jornadas de 1975, Lacan (1975) instiga seus colegas a falarem de suas experiências pessoais nos cartéis, nos grupos, na função de mais-um. Lacan pede para que se elabore melhor, se precise melhor o que se gostaria de escutar. De forma similar, neste momento de poder colocar o corpo e a voz, mesmo via câmera, no aplicativo Zoom, fez-se uma oferta para que esse espaço, tão caro para colegas de fórum, pudesse servir à troca e elaboração: "falemos mais... um a um... um pouco mais... e mais alguma volta possível", diante da topada com o Real, e orientados pelos possíveis. Foi muito rico podermos nos escutar a partir da solidão de nossos fazeres na clínica, cada qual de seu cantinho, porém, bem-acompanhados. Os dispersos e disparatados se acompanhando nessa decisão de seguir adiante com nossas escutas em ofertas, nosso saber posto à serviço de nossa angústia: é o que soubemos e

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 27 19/11/2021 15:01:55

pudemos fazer de melhor nesse momento, ainda longe de se concluir. Cada um à sua maneira. Nos acompanhando na escolha pela Escola, pela orientação da psicanálise.

Destacamos abaixo alguns dos ecos e ocos colhidos desse encontro e que perpassaram desde a forma como cada um estava experienciando e refletindo sobre aquele momento, sobre o andamento do trabalho na clínica, suas "invenções" e "soluções", até textos e autores, entre estes o inovador filósofo coreano Byung-Chul Han com suas reflexões e críticas acerca da "sociedade do cansaço".

> A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quarteis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shoppings centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais de "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. (HAN, 2017, p. 23).

Em um "universo-mercadoria" tornou-se difícil de se morar, diz o autor, sufocamos o silêncio, expulsamos o vazio, a pausa, a relação com o mistério. O coronavírus contaminou esse universo, mas o que se assiste não é tanto a sua subversão, mas o uso político do vírus, do confinamento e das informações de modo a deixar as pessoas confusas, amedrontadas, acuadas, dispersas, sem saberem como se posicionar, protestar e mesmo se organizar coletivamente, traços da *coronation*[7] denunciada pelo artista e ativista social Ai WeiWei. Notícias de depressão, suicídio e ansiedade associadas à pandemia passaram a circular

[7]*Coronation*, documentário lançado em 2020 que mostra o auge da pandemia em Wuhan (China) bem como a eficiência do governo chinês em controlá-la no ponto da desumanização e aniquilação de qualquer manifestação contrária. O documentário está disponível em: https://www.aiweiwei.com/coronation. Acesso em: 30. mar. 21.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 28 19/11/2021 15:01:56

nas redes sociais e imprensa. Aumento considerável de busca por atendimento psicológico e psicanalítico em um novo contexto no qual o atendimento por via remota rompeu as fronteiras delimitadas pelo espaço físico da clínica.

Neste encontro, nos perguntamos ainda sobre as demandas incontornáveis, os casos de urgências subjetivas: conseguiríamos não responder tão prontamente às demandas, construir outros modos de resposta? Conforme sugeriu N. Bousseyroux (2020, p. 5), "somos capazes, diante da demanda gerada pela crise, de poder pesar a urgência?".

Bernard Nominé (2020, p. 2) ressaltou, em suas reflexões, que a experiência analítica é "o único espaço em que nos pedem para tirar nossa máscara antes de entrar" e nos levou a nos perguntar sobre o que essa circunstância atual desmascarou, desvelou em cada um de nós. Enfim, como pesar as demandas, especialmente quando estamos mergulhados e sofrendo os efeitos da mesma situação?

E mais, de que modo colocar o corpo e com quais efeitos nesse apelo virtual *full time*?

Comentou-se que a relação com o corpo é muito enigmática. Quando alguém fala no Zoom, por vezes temos a imagem do rosto, se a câmera estiver ligada, outras vezes temos só a voz. A voz, no atendimento, não vai sem o corpo. Qual corpo? Apesar das aparências, comentaram alguns, não se trata de um corpo ausente. Há presença ainda que seja necessário aguardar um tempo para podermos dizer melhor sobre essa experiência e seus efeitos.

Há referência ao corpo quando falamos, neste momento, do medo de adoecer, medo do impacto econômico da pandemia, medo de perder as pessoas e coisas que amamos. Efeitos de um Real, de um corpo enlaçado dessa maneira ao significante. Os efeitos já se nos apresentando como incalculáveis.

E ainda o corpo que se faz presente, também do lado dos analistas, quando durante os atendimentos os analisantes nos perguntam se estamos bem, como estão nossos familiares e no encerramento nos sugerem para nos cuidarmos bem: sob a aparente *absentia* física, o corpo do analista parece se fazer mais presente.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 29 19/11/2021 15:01:56

Alguns colegas apontaram para um corpo que não responde à ortodoxia. Um modo de "colocar o corpo" é também não responder imediatamente às demandas e urgências que nos atropelam sem dar tempo à reflexão. Podemos pausar, nos angustiar, sentir medo. E retornar, a cada vez, à pergunta inesgotável sobre o que é que fazemos quando fazemos uma análise, aliás, o que é o psicanalista. Seguir deixando o vírus da psicanálise nos contagiar, ou melhor, "o inconsciente vírus" conforme sugestão chistosa de Nominé (2020, p. 2)... este pode ser também um tempo de despertar.

Várias perguntas, questões, ponderações foram levantadas e tecidas: Como a teoria analítica pode nos fortalecer? Poderia nossa comunidade também nos servir de refúgio, conforme sugeriu Lacan a respeito da Escola? Um refúgio que implica na possibilidade de uma pausa, de um distanciamento, mas também que inclui uma operação, uma ação... enfim, algo que opera...? Como atender às urgências sem perder a pausa à reflexão? Como acolher, consentir com a contingência? Valor de transitoriedade é valor de preciosidade no tempo, disse Freud, mas de que modo e por quais meios? E o luto nisso tudo, está sendo considerado?

E ainda, como pensar sobre o desejo do analista: como se mantém? Como operar com o desejo? O que o passe põe em questão e este momento também, diante das vicissitudes do mundo?

Comentou-se sobre as inquietações concernentes aos efeitos dessa conjuntura sobre uma população que não tem ou não terá pouco acesso aos serviços essenciais de saúde e aos nossos dispositivos de atendimento, uma população à margem que não tem direito de escolhas. A certeza da morte pelo vírus ou pela fome. Uma necro-governamentalidade, lembrou Fabio Franco, que mais do que nunca se desmascara em nosso meio. A dimensão política do luto, quais vidas perdidas tem valor de luto e quais podem simplesmente desaparecer, sem direito a ritos, homenagens ou lamentos?

Iniciamos nosso encontro com um poema do poeta Rainer Maria Rilke, "Diz-me poeta", em epígrafe neste texto, e o encerramos, com um belo haiku compartilhado por Tatiana Assadi:

À sombra das floresninguémé estrangeiro.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 30 19/11/2021 15:01:56

SEGUIMOS. DE VOLTA AO PASSE

A conjuntura atual e suas incidências políticas bem como as reflexões suscitadas por este encontro foram cruciais para nos acordar de modo a retomar da palha inicialmente lançada como norteadora dos trabalhos do EE para o ano corrente: o passe como experiência viva, *fresh*.

Diante desse encontro do real, mergulhados até o pescoço, um modo de resistência é seguir apostando no desejo do analista, no ato analítico, no discurso analítico. Não seria nessa "articulação com o real", conforme sugeriu Fingermann (2008, p. 70), que se encontraria "a incidência política em que o psicanalista teria lugar, se fosse capaz de fazê-la"?

Soler (2020)[8] observou o quanto nesse "contexto singular, bastante difícil e até perigoso, ainda tivemos a satisfação de registrar uma solidariedade renovada no trabalho, uma reafirmação de nossos objetivos e talvez, quem sabe, um pouco desse efeito despertador que geralmente produzem os golpes de um real".

"Atentar aos efeitos", enfatizou Sandra Berta, em algum momento daquele encontro.

Seguimos nos perguntando sobre nosso fazer enquanto psicanalistas enlaçados tanto pela causa analítica quanto no fazer Escola (que não é sem o coletivo). Fazer Escola? A Escola não é um fato estanque, mas algo vivificado, atualizado e (re)construído nos encontros dos esparsos disparatados. Se a Escola nos orienta e nos enlaça, ela é também refúgio, como lembrou Cibele Barbará em referência ao "Ato de Fundação", mas não só isso. É também base de oper(ação), em potência de ata/ato.

Nessa retomada, optamos por encerrar o EE de 2020, convidando a colega Adriana Grosman, que assim como esse colegiado, encerrou sua função de AE. Mais uma oportunidade de pôr em pauta e em causa a função AE que atravessa toda nossa topologia de Escola: ponto que ex-siste, na "linha sem pontos", da topologia inventada por Lacan, topologia aesférica, cujas estruturas tem sua superfície composta por "linhas sem ponto", de auto-penetração, pelas quais se passa de um

[8]Em e-mail enviado pelo Conselho de Orientação aos colegas da EPFCL-França, em 28 de março de 2020.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 31 19/11/2021 15:01:56

lado ao outro da superfície. Para nos deixarmos ser tocados por essa função de ex-sistência.

MOMENTO DE CONCLUIR

Santo Agostinho perguntou: de onde veio o tempo? Disse que veio do futuro que não existia entrou no presente que não tinha nenhuma duração e foi para o passado que tinha deixado de existir.

Ou, de outro modo, a modulação temporal é uma experiência essencialmente subjetiva. Para nós tempo-lógico: de ver, compreender, concluir.

Se no início do ano de 2020 tivemos o privilégio de abrir o EE, na Jornada de Abertura das atividades do Fórum São Paulo, com três Analistas de Escola — Adriana Grosman, Andréa Milagres e Julieta de Battista —, pudemos encerrar nossa função biênio 2020-2021 com Adriana Grosman que concluiu junto a nós a função AE, compartilhando suas elaborações, inquietações e surpresas quanto às contingências no trabalho de AE.

Registramos aqui nosso agradecimento à confiança em nós depositada pela comunidade FCL-SP e ainda ao Fórum Belém do Pará, junto ao qual realizamos, enquanto delegadas, a representação junto à IF, e por conta disso tivemos a oportunidade de trabalhar e passar um tempo bastante profícuo e agradável com Paula Bastos e demais colegas da CG de Belém (Danieli Lameira, Amanda Brasil, Alcione Hummel e Fuvio Farias), com quem partilhamos, via remota, o acesso ao EE do ano de 2020.

Foi-nos essencial sustentar e cuidar que as vozes múltiplas fossem acolhidas. Tal como num trabalho de cartel, aonde muitas vezes a autoria das construções é o próprio coletivo, tivemos a oportunidade de nos instruir com reflexões, construções e seus desdobramentos. Ressonâncias das vozes e contribuições das colegas do nosso colegiado e ainda dos colegas membros de Fórum nos encontros locais, nacional e internacional a partir das assembleias.

Neste momento crítico, foi-nos igualmente importante a consideração pela pausa, a atenção aos efeitos em nós dessa conjuntura. A pausa,

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 32 19/11/2021 15:01:56

para além de ter sido necessária para conseguirmos sustentar o trabalho analítico de transmissão possível, ela nos foi fundamental para nos (re)orientar, tanta na escuta analítica ao impor e propor ritmos mais afinados à temporalidade do inconsciente, cortes que transformam as urgências da angústia em revisitas desapressadas aos ritmos do próprio dizer — psicanálise em intensão; quanto, também, nos exercícios de formação e transmissão, psicanálise em extensão, imprimindo uma "Outra temporalidade" Fingermann, 2008) que contribui para a inscrição do discurso psicanalítico na pólis, uma das funções da Escola e do psicanalista.

Durante dois anos, esse colegiado de delegadas esteve às voltas com o tempo de ver e compreender; foram muitas consultas (aos documentos, e-mails, textos...), muitas conversas com outros colegas em diversas instâncias e muitas trocas e debates entre nós. Tempo de intenso labor, intercâmbio de informações e experiências com bons encontros e estranhamentos também; tempo de intensa (de)formação. Chegado o fim de toda essa jornada, ao concluir, nos damos conta de que somente agora estamos prontas para começar o exercício da função.

Referências bibliográficas

BOUSSEYROUX, M. Nossa urgência. Boletim do Colegiado Internacional da Garantia, *Ecos* n. 18, março, p. 3, 2020.

FREUD, S. (1916). A transitoriedade. In *Obras completas* (v. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FINGERMANN, D. *O tempo na experiência da psicanálise*. Revista USP, São Paulo, n. 81, pp. 58-71, mar-maio, 2008.

HAN, B. C. *Sociedade do espetáculo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

INTERNACIONAL DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO. *Carta da IF-EPFCL e anexos*. Atualizada depois da Assembleia Geral de setembro de 2018 e o voto eletrônico de março de 2019. Disponível em: http://www.champlacanien.net/public/docu/4/ifCharte.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 33 19/11/2021 15:01:56

INTERNACIONAL DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO. *Princípios diretivos para uma escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan*. Novembro 2018. Disponível em: http://www.champlacanien.net/public/docu/4/epPrincipes2018.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1971). Ato de fundação. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1980). D´Ecolage. In *Seminário 27, Dissolução*. Inédito.

NOMINÉ, B. *O inconsciente nos tempos do vírus*. Boletim do Colegiado Internacional da Garantia, *Ecos* n. 18, março de 2020.

RILKE, RM. (1921). Diz-me poeta. In: CAMPOS, A. (Org.). *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SANTO AGOSTINHO. (420). *Confissões*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 34 19/11/2021 15:01:56

JORNADA DE ENCERRAMENTO

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 35 19/11/2021 15:01:56

VOLTAS MOEBIANAS ENTRE DAUS E REDE CLÍNICA: DAS URGÊNCIAS ÀS EMERGÊNCIAS[1]

Daniele Guilhermino Salfatis[2]

Em meados de março de 2020, iniciou-se a quarentena em São Paulo. Muitos, não todos, recolheram-se em seus lares devido à ameaçadora pandemia que se instalou em nossas cidades. A angústia provocada pela ronda da morte e pela neblina que nos impede de avistar o horizonte, nos jogou no olho de um redemoinho, nos desorientando e acirrando a sensação de desamparo tão escutada nos divãs desde Freud. "A angústia é correlativa do momento em que o sujeito se vê questionado em sua existência, sem poder se reconhecer no passado nem imaginar o que será no futuro" (BERTA, 2007, p. 59).

Prontamente, o FCL-SP organizou o Dispositivo de Atendimento de Urgências Subjetivas (DAUS) para que sujeitos fossem escutados por analistas. Os atendimentos seriam gratuitos e de curta duração. Não se pretendia disponibilizar instaurações de processos analíticos. Antes de que os atendimentos tivessem início, pensávamos em

[1]Importante datar o texto que aqui apresento. O que será lido foi escrito no decorrer dos atendimentos e da construção do DAUS pela Rede Clínica. Momento em que nos encontrávamos em uma espécie de laboratório em que as condições de temperatura, pressão e tempo foram modificadas à revelia. Estávamos ali, em ato, experienciando e construindo os atendimentos em meio do marco histórico da pandemia. Sendo assim, lanço muitas perguntas que reverberarão pelos próximos anos. Essa foi, e é, uma tentativa de promover giros orientados para que possamos seguir o fazer clínico à altura de nosso tempo.

[2]Psicanalista. Especialista em linguagem pelo COGEAE. Mestra em fonoaudiologia pela PUC-SP. Membra do Fórum do Campo Lacaniano - SP. Membra da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 37 19/11/2021 15:01:56

escutar urgências que, de alguma forma, estariam relacionadas à pandemia, urgências ligadas ao confinamento, à solidão, aos lutos impossíveis. Talvez a oferta de minimamente enodar algo deste real meteórico.

Iniciados os atendimentos, algumas questões vieram à tona. O que seria uma urgência, uma vez que os ditos dos sujeitos ultrapassaram questões "relacionadas à pandemia"? Escutávamos ecos de sofrimentos longínquos amplificados pela pandemia.

De saída, algo ficou muito claro, a urgência não pode estar do lado do analista. O analista não deveria embarcar nesse significante para que o atendimento cumprisse o tempo de urgência, de pressa, curto e determinado. Mesmo levando em conta que estávamos imersos no mesmo caldo de incertezas, revoltas e com a morte flertando o tempo todo! Seja de um conhecido, de um parente, ou a nossa. Tão impotentes estávamos frente a esse grão invisível que se agiganta em sua potência virulenta.

Mas, então, o que seria urgente de se escutar nesse momento? Se pensarmos na área de urgência de um pronto socorro, atende-se aquilo que seria mais nocivo ao corpo que sangra, que foi dilacerado, que entrou em colapso e precisa ser salvo. Feito este primeiro atendimento, segue-se o tratamento das feridas, o reestabelecimento dos órgãos e da organização daquela gramática bio-quimio-fisiológica.

Em psicanálise, como separar isso e dizer que estamos fazendo um atendimento de urgência?

O analista já está lá, paga seu preço de entrada, na medida em que abre seus ouvidos para escutar o outro. De novo estes casos nos colocam num lugar de não saber, cada caso é um caso para fazer bailar o analista que aposta de saída no desejo que leva seu nome. E assim, novamente, como diferenciar os atendimentos do DAUS daqueles que chegam em nossos consultórios, ou para a rede clínica?

Berta (2015a, p. 98), em seu texto *Localização da Urgência Subjetiva em Psicanálise*, nos ajuda a dimensionar o que seria uma urgência subjetiva:

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 38 19/11/2021 15:01:56

> Desse modo, o conceito de angústia ultrapassa sua definição de espera (*Erwartung*), função do sinal do eu, para apontar que no encontro com o *Unheimlich*, algo se torna o surgimento do *heimlich*, do familiar, no quadro da vida. Esse familiar é o objeto da angústia. [...] Entre a espera e a certeza da angústia, a junção entre o estranho e o desamparo se localiza a urgência subjetiva.

Há na urgência, portanto, uma junção que conecta o que estava recalcado com a avalanche formada no presente. Alguma coisa que silenciosamente habitava o sujeito se fantasia de atualidade pandêmica e entra em cena. Sendo assim como tratar apenas do disfarce com que o recalcado fez seu retorno?

Seguindo com Berta (2015b, p. 182):

> Abrir um espaço que permita a reconstrução da ficção fantasmática significa gerar as condições para que a fala possa advir. Podemos convir que seja fundamental que o poder da fala trace as coordenadas simbólicas no tratamento do trauma. É preciso abrir para o tempo de compreender, modo de responder à atuação que a suspensão subjetiva do trauma pode promover.

Porém, como fazer isso se a proposta inicial seria a de atender em um curto espaço de tempo? De que lado estaria a urgência?

Com o início dos atendimentos, alguns pontos passam a se configurar. Alguns contatos não resultaram em atendimento ou escuta, as pessoas não retornaram as mensagens ou não encontraram horários em suas agendas. Os demais, passaram a desenhar uma demanda de análise. A partir disso, uma diferença se fez pertinente: urgências e o que seriam emergências? Ou seja, passamos a compreender que questões que estavam ali, que não eram in-familiares para estes sujeitos, emergiram durante o período crítico da quarentena. O acontecimento quarentena, ou pandemia, portanto, não seria a causa da angústia, mas há algo de *Das Ding* que emerge, que vem à tona neste momento em que sobre — vivemos, que colocamos nossas vidas em suspensão

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 39 19/11/2021 15:01:56

aguardando que algum desenho de futuro surja no horizonte e que possamos voltar a nos localizar no tempo e no espaço. Sobrevoamos esse cenário incerto, deslocado.

Miller (2011, p.119) nos ajuda a diferenciar a urgência da emergência:

> Lacan diz que 'corremos atrás da verdade', o que me parece se relacionar com a urgência [...] Uma vez que prestamos atenção à verdade — como deve ser entendido — saímos dela, deslizamos para a mentira. Lacan formulou isso nos seguintes termos: "Não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta."[3] Como indiquei da última vez, trata-se de pôr a questão no sentido da própria operação psicanalítica, já que ela consiste precisamente em prestar atenção às emergências de verdade, as que emergem nas chamadas formações do inconsciente. A operação analítica consiste em engastar essas emergências em uma articulação e fazer delas um discurso através da associação livre. [...] Em outras palavras, pelo viés da associação livre transformamos emergências de verdade em discurso articulado.

Dessa forma, acolhermos a urgência que parece, ter relação com o instante de ver. "Retomemos o instante de ver que pode criar as condições da urgência subjetiva." (BERTA, 2015, p. 103). Nesse sentido, o dispositivo acolheu urgências que ao serem escutadas fazem emergir demandas de análise.

Para além das discussões relacionadas aos atendimentos, no hiato temporal imposto pela pandemia, o novo dispositivo, DAUS, faz pensar o já existente, Rede Clínica, talvez um instante de ver institucional. A urgência pandêmica fura o funcionamento daquilo que parecia estabelecido. Podemos pensar que havia algo de urgente também do lado da rede clínica que se re-localiza, se atualiza (pensando que nos perdemos no tempo e no espaço ao nos recolhermos aos nossos lares) frente ao acontecimento e produz giros muito interessantes. Os fazer

[3]Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (1976), In: Outros Escritos, p. 567.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 40 19/11/2021 15:01:56

clínico em grupos menores, cartéis, retoma o funcionamento em rede que sem que percebêssemos havia sido esgarçado. Algo da *práxis,* da experiência, da clínica em ato, re-atualiza diretrizes antes mais consistentes. E assim seguimos na tentativa de formalizar o inédito que desponta neste conjunto de escutas para os dispositivos assim como para os sujeitos. Construção que deve reverberar nos tempos vindouros.

Trabalho que se fez a partir de um exercício de resistência, o que não é nada fácil. Escutando as fantasias assombrosas e as realidades, por vezes devastadoras, apalavradas por meio deste dispositivo.

Outro ponto que se evidenciou em nossas discussões, também coloca em questão o funcionamento da rede clínica moebianamente com o DAUS: a tela. A tela foi se tornando, com o passar do tempo, mais uma moldura, outro setting que se desenha singularmente no desenrolar da transferência. Não sem raciocínios clínicos orientados pela ética analítica, para que o manejo não perca o norte da orientação analítica.

A falta do corpo, por exemplo, se coloca na transferência. Faltam corpos, contato de corpos, inclusive com os corpos mortos que sobram. O que fazer com isso? Outra transferência? Que corpo virtual seria esse? Que analista virtual seria esse? Há um para todos? Acredito que não. Há outros componentes a serem manejados desde a estratégia, a tática e a ética do processo analítico.

Neste cenário, os cartéis, os grupos menores de supervisão, também abarcaram urgências que poderiam denunciar resistências que como diz Lacan, estão sempre ao lado do analista e ameaçam estreitar a função do desejo do analista. Foi preciso se virar com as condições disponíveis frente às diversidades nunca antes vivida por essa geração.

A transferência entra no bojo dos conceitos colocados em questão dentro do dispositivo e dos atendimentos virtuais. Como pensar a transferência tendo as limitações de partida do dispositivo? Como não entrar em transferência, uma vez que os atendimentos deveriam ser curtos? Como fazer um laço transferencial de urgência, posto que para alguns analistas, a continuidade não será possível de saída? Para usarmos a linguagem do zoom, como pensar nestes atendimentos que ficam na sala de espera, aguardando a entrada na reunião?

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 41 19/11/2021 15:01:56

Revisitando textos de Freud e Lacan, nos lembramos que a transferência tem como maestro o analisante, ele nos indica qual a nota mais ruidosa, qual o tom que destoa em sua harmonia ou em sua cadeia de significantes.

> Em primeiro lugar, deixemos claro que a transferência surge no paciente desde o início do tratamento e que, por algum tempo, representa a mola propulsora do trabalho. Enquanto atua em favor da análise empreendida em conjunto, nós não a percebemos nem necessitamos nos preocupar com ela. Se, todavia, a transferência se transforma em resistência, somos obrigados a atentar para ela, e vemos que em duas condições diferentes e opostas sua relação com o tratamento se modificou. (FREUD (1916/1917), 2014, p. 587).

Sendo assim, não há um *a priori* da transferência. Algo que deveria se transformar em decorrência da diferença entre o virtual e o presencial que pudéssemos nos adiantar, nos prevenir. Aliás, há prevenção em psicanálise se não tratamos do universal e sim do singular?

Lacan (1951/1998, p. 223) escreve que a transferência "só adquire sentido em função do momento dialético em que se produz". E segue:

> Cremos, no entanto, que a transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel: um não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente. (FREUD, 1951/1998, p. 225)

O matema da transferência em Lacan transmite exatamente isso.[4] O significante daquele que escutamos, se dirige a um significante qualquer do analista e produz um significado relacionado ao saber inconsciente daquele que fala.

[4] $\frac{S \longrightarrow Sq}{S\,(S_1, S_2 \ldots Sn)}$

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 42 19/11/2021 15:01:56

Todavia, o manejo da transferência concomitante ao uso intenso das ferramentas tecnológicas, já entram no processo analítico e trazem efeitos. Assim que se estabeleceram as analises online, passamos a nos questionar se ligamos as câmeras ou não, onde este paciente está no momento da análise, como ele se organiza nesse consultório móvel. Todos os pontos que não eram pensados enquanto tramas do tecido clínico. E ainda, como pensar o divã, no corpo como imagem, como pensar que algumas vezes a presença do analista se faz pela a imagem virtual? Enfim, manejos se esboçam, fazem questão, surgem efeitos. O analista procurando saber fazer com a distância tão próxima do virtual que se impôs às análises.

Como dissemos, o analista já está lá, paga seu preço de entrada, na medida que abre seus ouvidos para escutar o outro. De novo os casos nos colocam no lugar de não saber, de apreensão diante do inédito que irrompe entre os ditos.

Talvez poderíamos pensar que a transferência seria feita com o DAUS, ou com o próprio fórum, antes que seja estabelecida com um analista. Uma aposta sem garantias que abre espaço para as urgências subjetivas, para o instante de ver, para a possibilidade de enodamento do real avassalador, e aponta para o tempo de compreender deflagrado, quiçá, com o encaminhamento para a Rede Clínica, com a emergência de uma demanda de análise para um analista que possa acolhê-la.

Referências bibliográficas

BERTA, S. L. *O exílio: vicissitudes do luto, reflexão sobre o exílio político dos argentinos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007.

BERTA, S. L. Localização da urgência subjetiva em psicanálise. In: *A peste*. São Paulo, v.7, n.1, p. 95-105. Jan./jun, 2015a.

BERTA, S. L. *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume, 2015b.

FREUD, S. (1917) A transferência. In*: Conferências Introdutórias à Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 570-593.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 43 19/11/2021 15:01:56

LACAN, J. (1951) Intervenção sobre transferência. In*: Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 214-225.

MILLER, J.A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: Entre Desejo e Gozo.* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

-

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 44 19/11/2021 15:01:56

UM ANALISTA ENTRE: LEIS... LIES, LIVES, LOVE... *"E DIE"*?[1]

Isabela Ledo[2]

"Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras [...] a escovar palavras..."

(Manoel de Barros, 1916-2014/2018)

Um "adoecimento" que ultrapassa a questão do vírus. Um tempo marcado pelo medo... Da morte? Da vida? Que vida? Do vírus? Do que virá... do que já re-virou? Presididos pelos riscos ou em busca de proteção frente ao horror viralizado por quem nos preside?

Tais questões têm se proliferado, para mim, desde o início da pandemia. Encontro, nesta escrita, uma via de formulá-las e, talvez, de resistir a um imperativo de se produzir respostas, quando o cenário coloca em causa, justamente, o que parecia "respondido". Coloco-me a pensar que outra leitura à urgência a psicanálise poderia me ajudar a imprimir? Uma leitura que acolha a pausa, a suspensão, o respiro em tempos de tirar o fôlego.

Orientada por esta busca, deparei-me com este significante "urgência" no primeiro seminário de Lacan (1954, p. 305) no seguinte trecho:

[1]Versão estendida de texto apresentado na Jornada de Encerramento do FCL-SP 2020.
[2]Psicanalista. Membra do FCL-SP, da EPFCL-Brasil e da Internacional dos Fóruns (IF-EPFCL).

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 45 19/11/2021 15:01:56

> A novidade freudiana [...] é a revelação, no fenômeno, desses pontos vividos, subjetivamente, em que **uma palavra emerge que ultrapassa o sujeito discorrente**. Novidade tão comovente que, dificilmente, podemos acreditar que nunca tenhamos nos apercebido disso antes. Sem dúvida, era preciso que o comum dos homens estivesse engajado, há algum tempo, num discurso bem perturbado, desviado, talvez, e de algum modo inumano, alienante, para que se tenha manifestado com tal acuidade, tal presença, **tal URGÊNCIA, essa palavra**.[3]

Ao situar o termo urgência associado à "palavra" que ultrapassa o sujeito acorrentado a um discurso *"perturbado, inumano, alienante"*; interrogo-me sobre a atualidade desta espécie de confinamento do sujeito nestes tempos de pandemia e pandemônio. Desacorrentar as palavras, re-visar, reavivar, cuidar do estado da palavra é o desafio e a urgência situada, então, por este texto.

É sabido que ao entrarmos na linguagem, nos apalavramos, criamos pactos e regulações simbólicas que possibilitam a troca, as custas de uma perda radical. Renunciamos a algo do "ser" na própria constituição subjetiva. Entrar no campo da significação, tentar dizer do que se é, é uma experiência que demanda sempre uma representação, uma substituição. Habitar a linguagem, assim, é consentir com a condição itinerante própria ao sujeito dividido pelos significantes... entre um e o outro, há lacuna, corte, disjunção. Esta divisão subjetiva não pode ser reparada por uma palavra, um objeto. Cada um terá um trabalho psíquico, de invenção de respostas sempre parciais para lidar com a realidade atravessada pelo mal-estar. Trabalho este que desvela um impossível de tudo saber. A verdade, segundo Lacan (1969/1970), é este lugar que encarna o impossível de se produzir um saber todo, um significante, uma palavra última que possa dizer do "ser"... algo sempre resta, escapa.

Como Lacan (1955/1957) precisou, há sempre em jogo um ganho de sentido, mas não-todo, algo resta. No campo da significação, usamos a palavra para ocultar esta verdade, para nos colar ao outro. Cai-se,

[3] Grifos da autora.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 46 19/11/2021 15:01:57

frequentemente, no engodo de um significado dado, comum, a despeito da falha que se abre no encontro com o outro:"A linguagem funciona inteiramente na ambiguidade, e a maior parte do tempo vocês não sabem absolutamente nada do que estão dizendo. Na nossa interlocução mais corrente, a linguagem tem um valor puramente fictício" (LACAN, 1955, p. 139).

Sabemos, assim, que a palavra permite um acesso sempre ficcional à realidade. No entanto, há um modo de tratar, de se valer desta palavra que preserva a ambiguidade, a duplicidade, a falha que lhe é própria, permitindo novos efeitos de sentido, e há um outro modo que a engessa, a endurece, dá uma fixidez alienante. É este segundo uso da palavra que torna-se preocupante. Especialmente, quando se chega ao limite disto: se ela serviria para se construir o pacto civilizatório ainda que, de modo claudicante, sempre aberta à revisão, o que acontece quando ela é usada para quebrar este pacto?

Temos acompanhado os efeitos de horror desta quebra, deste "decepamento da palavra" (BRUM, 2019). A palavra confinada a uma "autoverdade": a verdade tratada como algo íntimo, fechado em si mesmo, a despeito dos fatos, do coletivo. Como protagonizado pelo presidente do Brasil, ao nomear um adoecimento letal para milhares de pessoas como "gripezinha" e dizer sobre o seu avanço: " *E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre*".

O mais curioso ou insuportável nestas falas é que, justamente, pela duplicidade própria ao significante que algo da verdade passa pela "mentira". Não basta, no entanto, que a verdade passe, há de escutá-la no seu escoamento ou negá-la, fazendo-a consistir. Há quem tente fazer da verdade morada, posse. "Donos da verdade", uma expressão corriqueira, que nega a inospitalidade permanente deste lugar. Em nome de uma crença, nega-se que o que a verdade faz saber é da falha escancarada no lugar do Outro; e ficciona-se ali uma garantia. Confia-se que o saber será dado por um MITO, um messias que, de saída, já anuncia não fazer milagres, mas nem por isso dissuade os crentes fervorosos. Crentes que frente a disjunção entre saber e verdade, sustentam um alto e uníssono: *"E daí?"*

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 47 19/11/2021 15:01:57

É nesta era sem "leis", reguladas por "lies" que se condenam "lives"... "Lives" que se perdem... Lives que se produzem virtualmente... para interrogar as "lies" ou para endossa-las? "Lives" para tomar a palavra: para colaborar com o tamponamento do Real ou para elaborar, no laço, o inevitável esfacelamento de sentido que vivenciamos?

Leis, Lies, Lives... deslizamentos necessários num tempo que parece nos fixar, nos deixar atônitos, apáticos, paralisados. Como reintroduzir pelo som o "sentido" da função da palavra revelada, desde Freud, e retomada por Lacan (1954, p. 308) desde o seu primeiro seminário: "palavras introduzem um oco, um buraco nomeado como ser" ou ainda " a palavra revela que a lei da conversa é a interrupção e que o discurso corrente se choca sempre contra o desconhecimento... que é a mola". A-molar a escuta e o uso das palavras pela via da equivocação, esta é a urgência, mais uma vez, que estes tempos de absolutismos nos coloca. Fazer ecoar a voz de Tom Zé, ludibriando a censura: *"eu tô te explicando pra te confundir..."* e fazer passar para *"tô te confundindo pra te esclarecer"*. Um analista deve estar em dia com a advertência da função poética da língua, e fazer uso da confusão, do equívoco como meio de fazer uma outra verdade falar — "cada palavra é vertiginosa. Esta é a sua clareza" (PAZ, 2014, p. 150).

Historicamente, a palavra sempre foi uma "arma" que pode matar, aprisionar, mas também capaz de ludibriar a censura, proteger liberdades. Deste modo, para subverter este cenário de autoverdade, é preciso se valer do estranho, dos caprichos das palavras, da insubordinação palavreira... recolher os restos, tão abominados pela lógica messiânica, para tirar a mordaça. No menor dos vocábulos, *"E daí?"*... fazer aparecer o tamanho do absurdo, agigantar o que se busca negar, interrogando de outro modo: *"E die?"*. Reavivar *"d' ai em ai"*... cada um dos gritos dos torturados, mortos, enlutados na história deste país. *E daí?* Seguir mais um pouco, refrescando a memória, pois *"d'aí"* solta-se também um outro *"ai"*... atos institucionais... 1, 2, 3, 4, 5... e quantos mais? Marca de um tempo torturante, inumano que não passou...

É esta a urgência analítica sustentada por este texto: des-amor-daçar as palavras... sair do amortecimento e tecer o amor num tear polifônico, descontínuo, que comporta o espaço, o singular.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 48 19/11/2021 15:01:57

Analistas que vem, cada vez mais, ocupando lugar de fala nas lives, nos espaços virtuais... como cuidar, então, desta relação com a novidade da palavra descoberta por Freud? Como estar atento ao estatuto da palavra ali? Nesta era apressada e de um empuxo à significação plena, a respostas rápidas, seria ingênuo pensar que um "psicanalista" poderia "escapar" de se interrogar, ainda mais, sobre a transmissão. Consentir com esta fuga, parece um meio de camuflar o "tormento" da advertência lacaniana: *"a psicanálise é intransmissível. É bem chato. É bem chato que cada psicanalista seja forçado — pois é preciso que ele seja forçado — a reinventar a psicanálise"* (LACAN, 1978). Como não cair na armadilha de fazer do papagueamento de palavras já gastas, fixas, engavetadas um plácido refúgio para esta tormenta? Num tempo atordoante, refugiar-se à sustentação de uma significação última, unificadora, como abordado, leva ao pior. Frente a um saber pretensamente "ab-so-luto", "só um luto" do sentido que cada um poderá, singularmente, operar pode remobilizar o "sentido" da transmissão analítica. Acompanho Nominé (2011) nesta argumentação que coloca este trabalho de luto do lado do analista, advertindo os riscos de se tomar a palavra como meio para abrigar-se do turbilhão do sentido, tentando se assegurar contra o escape, o escoamento do sentido, a fuga infinita que lhe concerne.

Analistas, nas lives, assim, podem se valer do "artista", deste escoamento do sentido para recuperar este fértil "estado da palavra"... e "escapar" da "palavra do estado" que estatiza, burocratiza, confina, "zumbi-fica", mortifica o desejo.

Afinal, Analista é também uma "palavra" que nada garante, mas adverte...

Não imuniza, pelo contrário, desprotege...

Não estabiliza, mas vacila, balança...

Não ritualiza, mas ritmiza...

Não dá caminho, mas faz rede-moinho...

Não é bússola, mas um comando que nos escapa...

Escape que, por efeito, mobiliza um saber em termos de verdade... ao recolocar na palavra o ritmo, a vertigem dançante, o redemoinho

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 49 19/11/2021 15:01:57

estonteante... que permite deslocar-se entre leis, lies, lives, love... sem se fixar. Neste es-paço, se transmite a urgente itinerância da palavra "verdadeira" em sua potência poética abissal. Neste (não) sentido, Octávio Paz nos "dá um baile", no seu ritmo mutante impassível...e nos inquieta, num entre passos, fazendo um passe pelo impossível, ao saber bailar, improvisar no salão inóspito da verdade:

Entre o que vejo e o que digo,
entre o que digo e o que calo,
entre o que calo e o que sonho,
entre o que sonho e o que esqueço,
a poesia.
Desliza
entre o sim e o não:
diz
o que calo,
cala
o que digo,
sonha
o que esqueço.
Não é um dizer:
é um fazer.
É um fazer
que é um dizer.
A poesia
se diz e se ouve:
é real.
E, apenas digo
é real,
se dissipa.
Será assim mais real?
(*PAZ*, 1976-1988)

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 50 19/11/2021 15:01:57

Referências bibliográficas

BARROS, M. *Memórias Inventadas.* A infância. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2018.

BRUM, E. Doente de Brasil. In: *El país,* 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html. Acesso em: 29 set. de 2020.

LACAN, J. (1953/ 54). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

LACAN, J. (1954/ 55). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio* de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, J. (1957/ 58). *O seminário, livro 5*: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, J. (1969/70). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. (1978). *IX Congresso da Escola Freudiana de Paris*. Publicado em Lettres de l'École, 1979, n. 25, vol. II, pg 219-220.

NOMINÉ, B. *Luto do sentido?* In: Wunsch 11. Boletim Internacional da EPFCL, 2011. Disponível em: https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch11.pdf. Acesso em: 12 nov. de 2020.

PAZ, O. *O arco e a lira.* São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PAZ, O. (1976-1988). Dizer-fazer. In: *Arbol adentro — Poemas 1976-1988.* Tradução de Eduardo Jardim. Disponível em: https://bazardotempo.com.br/dizer-fazer-um-poema-de-octavio-paz/. Acesso em: 29 set. de 2020.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 51 19/11/2021 15:01:57

QUE COISA É FALAR[1]

Viviana S. Venosa[2]

Eu quero falar do óbvio. Eu quero falar do falar. E que coisa é falar! E que coisa é falar?

A ideia deste trabalho é propor que o espantoso mistério da função da fala, no campo da linguagem, seja mantido na emergência. Emerge enquanto coisa submergida no Simbólico, que faz uma densidade Imaginária com o objeto Real. Em outras palavras: falar é uma emergência que afunda no Simbólico, dando peso e volume Imaginário, em uma operação de sobra, na qual se situa — ex-siste — fora o objeto, que é Real.

Te contar: o sistema de signos não dá conta do falar. Ao inverter a fórmula saussuriana significado e significante Lacan não disse, mas eu leio: significante barra S1 – S2. O significado como dado está perdido, mas a perdição do pecado do significado continua tentando. Embaixo da barra, são tão somente significantes articulados. Mas isso não é pouco: indica uma produção. Mesmo que possa ser uma produção vazia, ou tagarela, ou absurda. "A psicanálise é uma prática da falação [...] Nenhuma falação é sem riscos. [...] «Falação» põe a fala a 'babar' ou 'perdigotar'. E a reduz a uma espécie de respingo que dela resulta" (LACAN, 1977-1978, p. 3). Pingo no i, de inconsciente.

Lacan diz que "a linguagem é uma ferramenta ruim" (LACAN, 1977-1978, p. 17). E falar é uma ferramenta? Talvez não, mas o discurso é um artefato lacaniano "... porque, para o discurso, não existe nada de fato, se assim posso expressar, só existe fato pelo fato de

[1]Este texto foi apresentado nas Jornadas de Carteis e de Encerramento das Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano-São Paulo (FCL-SP), em 2020.
[2]Psicanalista, membra do FCL-SP, mestra pelo Instituto de Psicologia de USP.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 52 19/11/2021 15:01:57

dizê-lo" (LACAN, 1971, p. 12). Ele diz também que a palavra faz a coisa (LACAN, 1977-1978, p. 17). Que coisa é falar, não é mesmo? Uma coisa que faz coisas.

Falar localiza um lugar, de fala.[3] Quenhé que fala? E d'onde fala? Mas essas perguntas vêm depois, ou melhor, *só-depois-que-cria-o-antes--que-só-então-já*-estava-lá. Falar localiza no tempo, lógico. Antes, eu quero falar do óbvio que é falar. E da estupefação que o fato de falar causa. Estúpido fato de falar. Efetivo fato de falar. Espantoso fato de falar. Com o falar, viajamos no tempo: criamos condicionais, criamos passados que ainda nem aconteceram no futuro, mas quando chegar lá, eu terei falado.

E é um fato que é verbalizável: é verbo. Podendo ser verborrágico ou lacônico ou, ainda, verborrágico e/ou lacônico. Um fato que é ato: falar desorganiza, o sexo. Falar verbaliza o sexo. Mas não é verbo-divino em si, ideal platonizado. É verbo que se faz fazendo falar. Eu quero falar do óbvio espantoso que é falar.

Ao falar o sexo, o sexo fica além do organismo. O ser que fala já não é mais simplesmente um sexuado, mas um sexzuado no zunindo de significantes. Gozado. Abre a boca e: "cala a boca já morreu, queimando aqui sou eu" — mal sabe ele (ainda) que não é ele quem manda em sua diz-mansão. E o falar faz questão: sou isso ou aquilo? E faz falta: eu tenho? Mas, pensando bem, a falta já está feita na questão do ser. Sequer pensamento temos, sem falar. Pensar é falar com a boca fechada. O silêncio pode ser prenhe de fala. Por isso diz tanto.

Não lhes parece muito chistoso que Freud tenha proposto a associação livre como regra fundamental da psicanálise? Afinal, a associação livre está presa na cadeia significante. E o "faletudo" é impossível, no vazio do não existe nem um que diga não ao eu-falo. Lógico: o impossível da linguagem permite que cada analisante se depare com S(Ⱥ): "... é justamente porque o ser é falante que existe o complexo de castração" (LACAN, 1971-1972, p. 16).

[3]Sobre o termo "lugar de fala" indico o texto de Lélia Gonzales: "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira".

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 53 19/11/2021 15:01:57

Mas a regra fundamental ainda é fundamental: falar o pensamento. Ou pensar de boca aberta, que pode ser dito também como falar sem pensar. Depende de como você entende a razão depois de Freud. "O pensamento sempre se reduz a fazer do sujeito aquele se designa como tal no discurso" (LACAN, 1957-1958, p. 65). E a regra fundamental faz diferença: oferece um fazer que chamamos de analisar. É só o começo do jogo, mas não será sem falar. Como eu disse: localiza. No começo do jogo, falar localiza também um saber suposto no outro. Até porque quem fala, nesse início, está tão assujeitado que só pode supor saber no outro sujeito que sabe. Quem sabe um Outro? E quando se sabe as formações do inconsciente se presentificam como efeitos de escape-de-sentido, seu real-de-sujeito? "Trata-se da oposição do que chamarei de dizer do presente ao presente do dizer" (LACAN, 1957-1958, p. 65), quando já pode se perguntar sobre seu efeito sujeito, que é causa do que lhe causara.

Por isso, Lacan diz que ele vai siderar dando voltinhas em torno do ato de falar. Quantas forem precisas, pois ele ainda pensa que o necessário é natural. Shhhhh! Ele não sabe ainda que a divisão natureza e cultura se dá porque falamos. Aliás, só falamos em natureza por falarmos. Falar por falar é, ao contrário, de muita importância: é uma importação do que — pela fala — foi colocado de fora. É a sideração que borda o desidério do desejo, essa perdição que parece tirar *a*lgo fora. Mas calma: depois de tirar, não se põe tudo de volta. Mais ainda: nem tem tirar, já que o que se pensa que teve foi alucinado no tempo: amanhã, quando houver perda, terá havido o objeto *a*, sempre a presentificar-se. Abordar esse vazio é uma viagem no tempo de uma análise. Viagem difícil de dar a letra. A letra é um desenho, um desígnio, mas não vou falar da letra hoje.

Ficamos por aqui, falou? Tá falado!

Referências bibliográficas

LACAN, J. (1957-1958). *Seminário, livro 5*: as formações do inconsciente. Texto estabelecido por JAM. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 54 19/11/2021 15:01:57

LACAN, J. (1971). *Seminário, livro 18*: de um discurso que não fosse semblante. Texto estabelecido por JAM. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. (1971-1972). *Seminário, livro 19*: ...ou pior. Texto estabelecido por JAM. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, J. (1977-1978). *Séminaire, livre 25*: le moment de conclure. Disponível em: http://staferla.free.fr/. Acesso em: 10 out. 2021.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 55 19/11/2021 15:01:57

A MENINA E O SAPO[1]

Maria Laura Cury Silvestre[2]

Em tempos de pandemia, fomos surpreendidos pela quarentena e pelo confinamento súbito, que nos impeliu aos atendimentos online. Tudo aconteceu tão depressa que, para muitos analisantes, não houve tempo sequer para uma "sessão de transição". No caso de I., uma menina que atendo desde os seus 5 anos, por sorte houve tempo (em março de 2020, ela já estava com 8 anos).

Sua "sessão de transição" ocorreu logo após a escola ter anunciado a suspensão das aulas presenciais. Depois de mais de 3 anos de trabalho comigo, ela chega, nesse dia, ao consultório, com a velha e conhecida cena que por um longo período se repetiu antes de suas sessões, e que já não acontecia mais havia tempos: seus berros podiam ser ouvidos por todos, já desde a esquina. Sua entrada triunfal, chorando e gritando, espantando todos os outros pacientes da sala de espera, acontecia ali, novamente.

Para subir a escada e entrar em minha sala, ela exigia, aos berros, que a mãe viesse junto. A mãe sobe as escadas arrastando a menina pelos cabelos, e isso não é modo de dizer. Enfim, após esses anos de árduo trabalho com ambas, já é possível fechar a porta da minha sala com a menina para dentro e a mãe para fora. Mas a cena persiste, e ela insiste na presença da mãe.

Então lhe digo: "Eu sei que sua escola suspendeu as aulas presenciais e que você passará algum tempo dentro de casa, com sua mãe, o dia

[1]Texto apresentado na Jornada de Cartéis e Encerramento das Formações clínicas do FCCL-SP em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista, membra do FCL-SP, membra de escola EPFCL, psicóloga e mestra em Psicologia Clínica pela USP.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 56 19/11/2021 15:01:57

inteiro. Estou te oferecendo aqui um espaço em que você pode ficar sem ela. Tem certeza de que vai continuar berrando, pedindo para ela entrar?". Ela se cala e sorri, marota. Levanta, abre a gaveta onde guardo coisinhas, pega algumas folhas de papel e diz: "vamos desenhar?".

O que aconteceu nessa análise para que tal intervenção pudesse ter esse efeito? É o que pretendo desenvolver aqui, por meio de um breve recorte, enfocando o delicado e particular manejo da transferência, neste caso.

Uma frase dita pela mãe, durante a primeira entrevista com os pais, fornece, de saída, uma pista com relação à posição do sujeito: "parece que ela espera a gente dizer o que é pra ser feito, pra ela fazer exatamente o contrário". Em sua primeira sessão, nos idos de 2017, quando a mãe, na sala de espera, lhe diz: "suba com ela, e eu fico aqui", nenhuma surpresa: a menina diz que só sobe com a mãe. Insisto um pouco, mas afinal ponho as duas para dentro. A menina parecia querer brincar, enquanto a mãe falava mal dela: insuportável, desobediente e mais outros tantos insultos.

Tirar a mãe de dentro da sala levou um tempo: nem a menina permitia que a mãe saísse, nem a mãe me parecia disposta a sair. "Ela não me deixa", dizia a mãe. Mas, a partir da repetição dessa cena, após algumas sessões, algo opera, e a menina parece finalmente incomodada, e começa a dizer para a mãe, baixinho e quase disfarçadamente: "pode sair". A mãe não ouve. A menina insiste algumas vezes, eu repito e endosso, mas a mãe, embora se levante, segue falando, sem parar, mesmo depois que me levanto e abro a porta. Decido, então, oferecer à mãe um horário separado do da filha.

A partir desse manejo, fica evidente a necessidade de seguir ouvindo essa mulher, cuja única função na vida era estar com a filha o tempo todo. Frases como "O pai não serve pra nada" e "Parece que ela vive pra me enlouquecer!" são como uma espécie de refrão. Pois: se lemos, em Lacan (1969) que na falta da mediação comumente exercida pela função do pai, a criança corre o risco de ficar exposta a todas as capturas fantasísticas, tornando-se o "objeto" da mãe, o analista tem aí uma direção clara. E foi nessa direção que decidi apostar: eu a escutei separadamente

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 57 19/11/2021 15:01:57

toda semana, durante muito tempo. Essa manobra com a mãe foi fundamental para que o atendimento da criança pudesse seguir e avançar.

A cena com a mãe saiu de dentro da minha sala e passou a ficar restrita à sala de espera: a menina grita, chora, derruba água, café, açúcar, enlouquece os outros pacientes... E diz que não entrará sem a mãe. No início eu ia até ela, tentava contornar, conversar, e enfim verifiquei que isso trazia mais força à cena. Mudança de estratégia: eu me retirei da cena. Passei então a chamá-la do alto da escada, dizendo seu nome e olhando-a por um segundo. Em seguida eu a esperava pacientemente, dentro da minha sala, até que ela pudesse fazer a concessão do dia, o que podia demorar um bocado...

Sustentar essa posição sem o trabalho com a mãe teria sido impossível. Era preciso que ela também suportasse a cena pelo tempo necessário para que a menina pudesse fazer sua concessão do dia. Devo dizer que nem sempre deu certo, e muitas vezes ela arrastou a filha escada acima, o que, como disse anteriormente, acabava por trazer mais força à cena.

Essa concessão, quando ocorria, era a cada sessão. Não era definitiva. Primeiro, sempre a cena, e só depois a concessão. Então ela entrava na sala, e desenhava, e rasgava, e fazia ameaças, me desafiava o tempo todo, procurava regras para quebrar... Era ela em todo o esplendor de sua insuportabilidade. A força com que ela me convocava a ocupar o lugar do Outro ditador de ordens, na ausência da mãe, era tal, e tantas vezes respondi com regras estúpidas pelas simples dificuldade em não responder, que esse momento durou um certo tempo.

Porém, ao analista cabe suportar esse insuportável. Creio que a posição decisiva aqui foi deixá-la "falando sozinha". Ela já esperava de mim alguma ordem: arrume a sala, não derrube água, não espalhe farelos, pare de gritar, não pode levar os desenhos para casa. Num dado momento, substituí tudo isso por um... nada. Eu apenas fazia uma cara. Uma cara de nada. Isso produziu um efeito inesperado: ela encena a mesma cena, diante do meu silêncio, exatamente como se eu tivesse dado uma ordem! Ela chora, se joga no chão, grita... Vou, a cada sessão, suportando isso, o que é radicalmente diferente de endossar, ou de tentar dissuadi-la. Suportar, ali, tinha a ver com responder com minha presença e meu silêncio, ou minha presença silente. Suportar até que se

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 58 19/11/2021 15:01:57

produzisse um esvaziamento de todas essas respostas que configuravam a cena de sempre, e ela pudesse, a cada sessão, afinal, fazer outra coisa.

Quero destacar algumas passagens que considero viradas importantes.

Certo dia, após entrar na sala e passar reto por mim, deita no divã e finge dormir. Aguardo um pouco, em silêncio, até que faço uma ou duas provocações. Ela se levanta, furiosa, e se dirige à gaveta onde tenho guardado algum material gráfico, junto com várias de suas produções. Ali, não encontra nenhuma folha em branco. "Hoje eu vou jogar tudo fora!", grita, "não vai sobrar nada!". E, de fato, rasga tudo o que já havia feito até então, e joga literalmente no lixo.

Na sessão seguinte, passa novamente reto por mim, deita no divã e finge dormir. Eu me dirijo à gaveta, dizendo "vamos ver o que sobrou aqui". Abro a gaveta e eu mesma me surpreendo. "Folhas em branco!", digo, e ela voa do divã em minha direção, dizendo que coloquei as folhas ali enquanto ela não estava olhando. Aponto que já estavam ali, mas só apareceram depois que ela jogou aquele monte de coisas fora. Ela pega as folhas e desenha. E assim segue, por mais muitas sessões, desenhando, uma e outra coisa, coisas bonitinhas, outras horríveis, bundas fazendo cocô, pedaços de coisas soltas... Desenhos que já não parecem ter mais nenhum compromisso com o erro ou o acerto, nem com a beleza, nem com o sentido.

Entre eles, destaco um, porque escreve algo inédito até então. É o desenho do "sapo que não lava o pé", assim nomeado por ela, dentro de uma bacia de banho. "Então você desenhou o sapo que não lava o pé lavando o pé?", pergunto, intrigada. Ela rebate: "Você não viu que ele tem uma coleira?", e explica: "ele é um sapo de dono, e é por isso que ele lava o pé, entendeu?". São duas posições ali condensadas na mesma figura: não é por lavar o pé, assujeitado à coleira que o marca como tendo um dono, que ele deixa de ser o sapo que não lava o pé!

Mas, então, quem pôs a coleira no sapo? Ali, no desenho, foi ela mesma. E não é isso que uma análise constrói para depois desconstruir, levando à brilhante conclusão de que o sujeito sempre tem sua parcela de responsabilidade nesse "encoleirar o sapo"?

Embora esse desenho dê notícias de uma nova posição, o sapo segue brigando com a coleira: choraminga às vezes na sala de espera e reluta

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 59 19/11/2021 15:01:57

em subir as escadas. A analista, dentro de sua sala, já não é mais plateia. Apenas ouve e fica em silêncio, aguardando a concessão do dia, acompanhando o que se produz de criativo, e por quê não dizer divertido, que aparece como desdobramento do insuportável que dominava a cena no início do trabalho, e que era, para a menina, a única posição possível: berrar e chorar enquanto submetida à coleira.

É isso, uma análise. Nenhum compromisso com o pedagógico, nem com o terapêutico. Trata-se de um reposicionamento. Ainda que a mãe siga dizendo à menina "Você vai continuar indo lá até aprender a me obedecer!", e ela ainda encene a ladainha da entrada na sala, é possível ver sua meia risada mal escondida no canto da boca: e quem é que ainda não viu que a coleira não está grudada no pescoço?

Quando faço esse recorte, escolho momentos cruciais, que tomaram um tempo para serem construídos. É preciso tempo para que um analisante possa tirar todas as respostas da cartola, começando pelas que estão mais à mão, até que venha a fazer desenhos novos. E é claro que, especialmente nesse caso, em que a separação da menina e da mãe é um trabalho que ainda segue em construção, a suspensão das aulas presenciais e o fantasma da presença constante da mãe reacendem na menina a angústia da submissão absoluta à coleira. Lembrando o que foi dito na primeira entrevista com os pais, ela espera a ordem para fazer o contrário. Parece desobediência, mas é um aprisionamento, uma encenação repetitiva desde uma única e engessada posição.

O reposicionamento imediato frente à intervenção da analista na "sessão de transição" é a prova clínica de que houve análise: o sujeito se desloca rapidamente para uma nova posição, que ele mesmo construiu, para além da coleira, ainda que não sem ela. A diferença é que a coleira já não figura como fazendo parte integrante do pescoço: é possível retirá-la e finalmente desenhar o que quiser.

Referências bibliográficas

LACAN, J. (1969). Nota sobre a criança. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 60 19/11/2021 15:01:57

COSTURANDO, À LUZ DE VELAS[1]

Juliana Gerken de Carvalho[2]

No momento, leio Seminários 9, 18 e 23 em atividades do Forum, e buscarei fazer um registro de algo que ficou, como um "diário de um ano (não tão) ruim".[3] Assim, procurarei descrever neste texto como me aproximo da produção de Lacan: dos escritos, da fala transcrita e traduzida, dos esquemas. É uma tentativa de falar da transmissão da psicanálise via Lacan.

Nas primeiras leituras de textos nos Escritos, penei com o ininteligível. Por sugestão em um grupo de estudos, comecei por A carta roubada — uma leitura que deixou poucas marcas. O grupo se desfez, e resolvi tentar sozinha com os seminários. Escolhi o Seminário 11, afinal, lá estariam os quatro conceitos fundamentais da psicanálise! Parecia mais fácil, talvez pela incapacidade de aprofundar. Me animava algo que ouvira: "a questão é começar: ler, ler, ler... até que um jeito se instaure".

Comecei também a ler comentadores, e costumo contar com alguns deles como holofotes para clarear alguma questão, jogando fachos de luz intensa sobre o tema. Mas logo retomo meu jeitinho de ler Lacan "à luz de velas": iluminando ali, iluminando aqui, lembrando de outro texto acolá, traduzindo uma frase "estranha" direto do francês, olhando uma figura, lembrando de um caso clínico, pesquisando sobre referências citadas, em algum dos vários campos com que Lacan buscava interlocução, como a linguística, física, lógica, matemática. E, sempre

[1]Texto apresentado na Jornada de encerramento da FCCL do FCL-SP em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista, membra do FCL-SP, graduação em engenharia, MBA em Gestão Empresarial, Pós-Graduação em Globalização e Cultura pela Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo.

[3]Expressão que se refere ao título do livro de J. M. Coetzee: "Diário de um ano ruim".

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 61 19/11/2021 15:01:57

que possível, falando a respeito do que pesco, aqui e ali. Como em conversa de pescador, contando das invenções, sobre aquilo que vai se abrindo, com o auxílio de alguém que, na trasmissão, não concluía.

> ...elaborar a função... de significante do corte... é em torno dele que se organiza o que chamamos de superfície... .
>
> (J. Lacan — Seminário 9, p. 359)

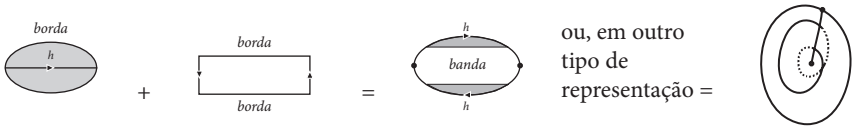
No seminário 9, Lacan escolheu o cross cap, ou plano projetivo, para falar do conceito de fantasia. Durante o desenvolvimento de sua idéia, fala sobre um ponto de descontinuidade central nesta figura. Esse ponto nodal, central, furo, (corte?), seria o tal "corte que engendra a superfície" do cross cap?

Em seu livro Notas matemáticas para ler Lacan, Pablo Amster inicia mostrando o cross cap, ou plano projetivo, como 'herdeiro" das noções de geometria projetiva desenvolvida a partir das tentativas, nas artes plásticas, de se representar o que se vê. Além disso, mostra imaginariamente a construção desta figura topológica a partir de uma esfera, e aponta a impossibilidade de sua imersão no espaço tridimensional, por ser uma figura não orientada[4] e fechada. Essa impossibilidade faz com que a figura imaginada em 3D tenha uma linha de interpenetração, conforme figura a seguir.

Amster também usa a representação da topologia combinatória para demonstrar que o cross cap pode ser a junção de duas outras figuras: uma banda de Moebius e um disco.

[4]Amster descreve a propriedade de "orientabilidade" de forma aproximada, em "Notas matemáticas...", na página 105. Não pretendo detalhar o assunto neste texto, porém comento que ser "não orientada" equivale ao "possuir uma só face", tal qual se aplica à banda de Moebius.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 62 19/11/2021 15:01:57



A linha de junção ("costura") destas duas figuras em um cross cap, ou, colocando de outra forma, o corte do cross cap que gera estas duas figuras, tem a forma de um oito interior. Acompanhando a demonstração de Amster, verifica-se que este tipo de corte se dá com duas passagens pela linha de interpenetração, que, no plano projetivo, é a representação da linha do horizonte.

Volto na referência da perspectiva como técnica de representação do visível nas artes, isto é, da representação do que se vê em uma superfície plana qualquer. Nesta técnica, a linha do horizonte contém os pontos impróprios, aqueles em que retas paralelas se encontram. No plano projetivo, algo que caminhasse até este horizonte que "limita o visível", ao cruzar esta linha em determinado ponto, surgiria do lado oposto, em um ponto também no horizonte, mas às costas de um "observador imaginário"[5] que mirasse este caminhar a partir do ponto inicial da caminhada... Chamo tais pontos no horizonte de "antípodas", mas, em um plano projetivo, eles são um só ponto, e estão na linha de interpenetração.

Lacan nomeia de φ, ou falo, um ponto de descontinuidade central, no final desta linha de interpenetração. O ponto em que talvez estivesse esse "observador imaginário" que descrevi anteriormente. Esse ponto nodal, central, furo, (corte?), seria "o corte que engendra a superfície" do cross cap? A partir dessa questão, escolhi o tema e propus um trabalho, ainda sem saber o que escreveria, sem saber sobre o que falaria. Iniciei pesquisas sobre uma maneira de usar a matemática para falar

[5]Tendo a imaginar que o plano projetivo é uma superfície de duas dimensões com a representação do visível em 360º, por um "observador que veria em todas as direções", sem a necessidade de se virar... A própria superfície de duas dimensões "se dobra", e "se torce", envolvendo tal observador imaginário.

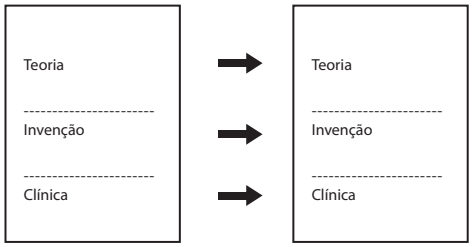
Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 63 19/11/2021 15:01:57

sobre essa questão do ponto central. Enquanto estava às voltas com essa tentativa, me ocorreu, ao pensar em corte, pensar em costura.

Corte e costura.

Me ocorreu costurar. [6]

[6]Em seu livro "Diário de um ano ruim", J. M. Coetzee separa cada página graficamente em partes, como se escrevesse três textos independentes que podem ser lidos em separado, mas que, de alguma forma, vão se entrelaçando. Busquei usar recurso semelhante neste trabalho. Desta forma, as páginas a seguir passam a conter três textos: citações teóricas, vinhetas clínicas... e a invenção.



Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 64 19/11/2021 15:01:57

Lacan, na lição XII do Seminário 9, fala que usará a topologia: como uma "metáfora intuitiva, geométrica", cita Poincaré e defende que: "há um elemento intuitivo irredutível... e que não se pode resolvê-lo".

- -

Nos encontros da Rede — Sobre as Psicoses estamos lendo o Seminário 23. Somos convidados constantemente a manipular os nós, a experimentar aquilo que é descrito no texto e representado nas figuras: "há que se colocar o corpo".

Lendo Pablo Amster, em minha pesquisa, me perguntava: onde está o ponto central/nodal, tão ressaltado na explanação de Lacan, na representação da topologia combinatória? Eu localizava a linha de interpenetração, mas não o seu fim. Resolvi "pensar com as mãos", experimentar o que já sabia ser impossível. Cortei em um tecido bem maleável, um disco e uma faixa. Uni as pontas da faixa com uma torção, e ali estava uma faixa de Moebius. Via recortes de tecido, criaria a "simulação" de duas superfícies topológicas, e tentaria uni-las. Comecei lentamente a costurar as bordas, unindo as duas com agulha e linha. Voltando ao ponto de início, teria costurado um oito interior.

A palavra *intuition* aparece 53 vezes no Seminário 9 (edição Staferla). Apareceria algo de intuitivo neste "pensar com as mãos"?

Costurar me é fácil e gostoso...

- -

Lembro-me de um caso clínico. Uma paciente, que chegou em março de 2019...

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 65 19/11/2021 15:01:57

...é algo que aprendi na infância, com minha mãe e minha avó.

A primeira metade da tarefa é tranquila, unindo as bordas com um chuleado de ponto pequeno, "bem caprichado, cuidando de não apertar o ponto, quase um bordado". Mas em um dado momento, na metade do perímetro do disco, acontece o já esperado. Aquela costura simples, fácil, teria unir bordas que teimavam em seguir em direções opostas. Seria este o local em que se cruzaria a linha de interpenetração pela segunda vez? Um ponto impróprio e antípoda?

Para "fechar" uma banda de Moebius, ao redor de sua borda única, seria necessário dobrar, retorcer o disco que conteria, dentro de si, o tal furo central. Olho aquilo que tenho nas mãos e chamo de bolostrô. Impossível em 3D.

...relata, em setembro de 2020:

"Existe um provérbio que diz sobre aquele que come sem limites..." são duas palavras, e o sentido é algo como "a boca que sente falta".

"Falta, como assim, saudade? A boca que sente saudade? Alguém que sente saudade?"

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 66 19/11/2021 15:01:58

> A construção do cross cap implica a equivalência dos contrários, responde portanto à lei do significante a = não a. Mas, ao menos Um ponto escapa a esta lei e vai dar à fantasia sua “gravidade”. Esse ponto de exceção, o falo, constitui o ponto que dá sentido a todos os outros, mas onde o próprio sentido se anula, salvaguardando a possibilidade do não sentido.
>
> Bernard Vandermersch, em “O cross cap de Lacan ou ‘asfera’”.

- -

Nas minhas pesquisas encontro uma frase de Bernard Vandermersch, um facho de luz que dá foco, através de sua interpretação, a uma das idéias apresentadas no Seminário 9: a linha de interpenetração fala com a equivalência dos contrários, e seu ponto final seria aquele em que o sentido se anula.

- -

Ela continua: “Bem, não... não se usa assim... é estranho. Não consigo traduzir. Aprendi japonês ouvindo minha avó conversar com os irmãos. Entendo, mas não falo bem. E não consigo traduzir. Em português, se diz alguém que tem os olhos maiores que a barriga”.

Sua fala seguinte foi a expressão de um outro sentido para seu sintoma.

Me ocorre que, ainda em 2019...

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 67 19/11/2021 15:01:58

O Japão é o lugar em que é mais natural alguém se apoiar num intérprete, porque isso não requer em nenhum caso, uma interpretação.

(Lacan, Sem. 18, p. 118)

- -

Uma de minhas pacientes descende de japoneses. Apesar de ela própria não o ser, o que aparece em suas falas ilumina minhas leituras do seminário 18. Algo do impossível da tradução, da relação sexual que não existe (também na linguagem), e da função... do falo. De um conceito relacionado com a falta, passando por ser considerado o significante da falta de significante, neste seminário, começam a aparecer os desdobramentos que levarão àqueles do Seminário 20, que ainda não li com minhas velas.

Uma pesquisa sobre o furo que marca um lugar do não sentido, que "engendra a fantasia"... algo mais teria trazido este caso para dentro deste "pensar com as mãos", ao tentar topar com a prova já esperada do impossível da construção de um cross-cap? Seria também a sensação de que a montagem fastasmática desta paciente se solta a todo momento e expõe o que ainda não se pode ver?

Seria via uma costura, a construção da fantasia, que a imagem do cross-cap, estaria me servindo? Quem costura?

- -

...ela quis que eu ouvisse mensagens de voz, recebidas de uma cunhada. Para que eu entendesse algo sobre sua família. Peço que fale sobre as mensagens... e ela começa a chorar, bastante. Diz que sou igual às outras terapeutas, que não a entendo. Faço uma intervenção para acalmá-la. Após um tempo de silêncio, digo que sim, que posso escutar as mensagens. Era algo sobre seu pai, uma "interpretação" sobre a posição simbólica dele na família, na tradição japonesa. Um tema sobre o qual ela já falava nas sessões. Mas algo que, para ela, talvez estivesse sendo falado em outra língua que não a minha... foi necessário que eu ouvisse pela voz da cunhada. A partir de então, o tema continuou a ser falado... aí sim, em transferência, me parece hoje.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 68 19/11/2021 15:01:58

No seminário 18, p. 74, Lacan fala do uso do escrito, quando "construiu ponto por ponto, traço por traço, coisas chamadas grafos". Antes de cada elemento, um ponto, a direção de uma linha, uma letrinha, ele falara para justificar do que se tratava. Aponta o cerne da questão: o suporte do escrito, sob a forma do próprio grafo. Ressalta que a interpretação pode oscilar, caso não se parta do sentido do A, que está descrito no texto em que o grafo está inserido, e "os sentidos que se impõem para os demais não ficam livres de um grande desvio". Mas aponta que, uma vez escrito o grafo, fala-se dele.

> Aí está o escrito, portanto, algo de que é possível falar.
>
> (J. Lacan, Seminário 18, p. 78)

Já, conforme apontado na página 114, no real, a escrita é "o ravinamento do significado... o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita está no real, o significante, no simbólico". Há nela algo do singular, como a letra de alguém. A escrita, no real, é da ordem da caligrafia.

- -

Ainda faltavam duas lições para terminar o Seminário 9, quando a pergunta se apresentou: há um ponto central, seria "o corte que engendra a superfície" do cross cap? Buscando uma demonstração matemática como resposta, antecipei a leitura das lições finais, acendi velas, segui lendo outros textos em paralelo, procurei alguns holofotes, o que incluiu vasculhar uma tese de doutorado em matemática. E... não encontrei.

- -

Ela escreveu algo em um carderno, na adolescência... um texto íntimo, privado, que foi furtado e tornado público via tradução, para outra língua. Foi punida, injustamente, e arcou com consequências, sem considerar contar com qualquer ajuda. Sobre isso, diz, em uma sesssão logo após a fala sobre os provérbios: "faz tanto tempo, achava que isso já não me afetava... parece que consigo sentir de novo aquilo que sentia ao escrever. Mas ainda não consigo colocar em palavras."

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 69 19/11/2021 15:01:58

- -

Não ter encontrado não quer dizer que não há.

Mas a procura me levou a costurar, à luz de velas. A decisão de pegar agulha, linha, tesoura, cortar tecido, topando topar com o impossível... é de uma estupidez, não? Estupidez, bobeira, besteira...

Mas é disso que se trata, não? Com bobeiras e besteiras, uma trama vai se formando, uma invenção. Passível de ser escrita, em um fragmento, de que se possa falar, em uma jornada.

- -

Como hobby, ela faz cadernos. No natal de 2019, deu um deles para a analista

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 70 19/11/2021 15:01:58

Participo de um grupo de estudos que decidiu retomar uma leitura interrompida de um dos seminários de Lacan.

Eu teria preferido ler o Seminário 11, o grupo decidiu seguir lendo... o Seminário 9.

Ótimo, adoro leituras inéditas!

Referências bibliográficas

AMSTER, P. *Notas matemáticas para ler Lacan*. São Paulo: Scriptorium, 2015.

LACAN, J. *A Identificação.* Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, 2014.

LACAN, J. *O Seminário livro 18:* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VANDERMERSCH, B. O cross cap de Lacan ou "asfera", In: *Tempo Freudiano*. jan. 2008. Disponível em http://www.tempofreudiano.com.br/index.php/o-cross-cap-de-lacan-ou-asfera-2/. Acesso em: 20 jul. 2020.

OBSERVAÇÕES

1. Beatriz Oliveira, em seu seminário, fez uma mostração da irredutibilidade do oito interior a um ponto, e portanto, da existência de um furo na parte do cross-cap em que há a linha de interpenetração, depois que eu já havia escrito este texto. A figura me pareceu consistente e convincente, dentro daquilo que se pode "visualizar"

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 71 19/11/2021 15:01:58

como sendo um cross cap em 3D. Mas continuei sem concluir como se descreve esse ponto de descontinuidade, matematicamente falando. Sem a conclusão, me basta a escrita deste texto, em função da transmissão que se deu. Ou, melhor, em função da transmissão que teria se dado? Ou ainda, da possibilidade de transmissão através dele?

2. Michel Bousseyroux no CICLO DE SEMINÁRIOS CLÍNICA BORROMEA, em 24/04/2021, citou um artigo com o registro de uma conversa entre o psicanalista Fabrice Guyod e o físico Jean-Pierre Petit, em que são relatados encontros de Jean Pierre Petit com Lacan. Nestes encontros, Petit mostrou a Lacan a existência de 2, e não 1, "pontos cúspide" (o tal ponto de descontinuidade) no cross-cap, o que teria deixado Lacan instigado. Petit comenta também que apresentou a superfície de Boy (outra figura topológica) a Lacan, que teria se entusiasmado com suas características, mais apropriadas quanto a possibilidade de contribuição para seu desenvolvimento teórico. Esses encontros se deram em 1979, e esse assunto não foi desenvolvido por Lacan, que morreu no ano seguinte. Para aqueles que se interessarem, segue a referência: PETIT, Jean-Pierre, GUYOD, Fabrice : Récit des trois rencontres entre Jean-Pierre Petit et Jacques Lacan, tournant autour de la surface du Cross Cap et de la surface de Boy. Disponível em: https://www.psychaanalyse.com/pdf/lacan_rencontres-entre-jp_petit_et_jacques_lacan.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 72 19/11/2021 15:01:58

ME PROTEGER DO OUTRO? UMA QUESTÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Beatriz Helena Martins de Almeida[1]

A primeira versão deste trabalho foi escrita em julho de 2020. Era o início da pandemia. Nesse momento não sabíamos que era só o início. Talvez por isso, e também porque ainda sabíamos tão pouco e ainda não havia perspectiva de vacina, foi o momento de maior isolamento social. Precisávamos nos proteger do outro, nas poucas vezes em que saíamos de casa, atravessávamos a rua quando avistávamos alguém vindo na direção oposta, evitávamos, nos afastávamos, tínhamos medo do outro. E, em alguma medida, ainda precisamos nos proteger. O outro contamina.

Quando escrevia a primeira versão dessa apresentação, tive um sonho:

Estava num escritório que dava frente para a rua. Entrou um casal com um bebê. Havia uma sacola de pano grande pendurada na porta do banheiro, entendi o que estava prestes a acontecer e confirmei com o casal: "Vocês vão abandonar o bebê nessa sacola?", então peguei o bebê no colo, e o pai me disse: "Ele teve covid", devolvi o bebê para o pai e perguntei: "Quando?", ele respondeu que há poucos dias, perguntei se eles também tinham pego covid e me responderam que era provável, mas não sabiam. Ocorre que o bebê queria ficar no meu colo e como

[1]Psicanalista, membra da IF-EPFCL e do FCL-SP. Coordenadora da Rede de pesquisa "Psicanálise e Feminilidade" do FCL-SP. Coordenadora e supervisora clínica do Curso de Formação em Acompanhamento Terapêutico do Instituto A Casa. Supervisora clínica da Equipe Nós de Acompanhamento Terapêutico. Supervisora clínica de acompanhantes terapêuticos que acompanham famílias no Centro de Visitação Assistida do Tribunal de Justiça CEVAT. Co-organizadora do livro "Rede Clínica" (Ed. Escuta/FCL-SP, 2016).

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 73 19/11/2021 15:01:58

sonho é uma coisa sem pé nem cabeça, o bebê falava e me disse que não queria voltar para o colo do pai e, mesmo assim, eu o devolvi. Deixei eles no escritório e saí rapidamente para encontrar informações sobre qual instituição poderia receber o bebê. Encontrei uma colega e contei o que havia acontecido e comecei a chorar descontroladamente, porque eu havia devolvido aquele bebê, porque os deixara no mesmo ambiente que minha família e tinha medo que pudessem contaminá-los, porque não sabia se o casal e o bebê, que visivelmente precisavam de acolhimento, estariam lá quando eu voltasse e, sobretudo, sentia um enorme remorso de não ter acolhido no meu colo aquele bebê, e acordei.

É um sonho que revela algo sobre o momento vivido. A pandemia pode ser considerada um evento traumático na medida em que impõe o isolamento social chegando até o confinamento.

Um evento é considerado traumático quando nos pega desprevenidos e não encontramos recursos simbólico-imaginários para lidar com tal evento até esse momento de nossas vidas. É um evento que não remete a uma experiência vivida e para qual não estamos preparados e ainda não sabemos como assimilá-lo no futuro. A experiência traumática produz um tempo de indeterminação. Consequentemente, o trauma se configura como uma marca subjetiva, uma marca como um divisor de águas, que produz um antes e um depois a tal ocorrência. A etimologia da palavra 'trauma' no grego significa ferida. É interessante pensar que uma ferida cicatriza, mas deixa marca. Podemos pensar em 2020 como um ano de exceção, um ano que não será esquecido.

Outra característica importante, é que mesmo posteriormente, algo do trauma permanece inassimilável. Um evento traumático pode gerar angústia e sentimento de desamparo. Enfatizamos, ainda, que cada sujeito vai fazer frente ao evento traumático de maneira singular, de acordo com sua fantasia, ou seja, de acordo com o modo como pode responder ao trauma original. De modo que a contingência do evento traumático pode provocar exacerbação de sintomas, como depressão, ansiedade, adições, transtornos alimentares etc.

A pandemia atinge a todos, mas não todos respondem da mesma maneira, dito melhor, se a pandemia é universal pois atinge a todos,

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 74 19/11/2021 15:01:58

cada um reage da maneira como pode, conforme a tela de sua fantasia, a resposta é singular, é individual e é preciso ser solidário com o modo de cada um se virar diante dessa nefasta contingência. De modo que não adianta propor soluções universais.

Dito isso, podemos considerar a pandemia do coronavírus um evento traumático de proporção social, pois acomete a todos indistintamente, independente da variedade de respostas, que vai desde a negação até o mais profundo desespero e até mesmo ao adoecimento psíquico.

O afeto do trauma é a angústia e o evento traumático pode desencadear manifestações sintomáticas ou mesmo exacerbá-las. Isso quer dizer que o evento traumático não é causa dos sintomas, mas desencadeador. Um evento é considerado traumático porque essa experiência relança o sujeito inconscientemente ao trauma originário de sua constituição. Ou seja, o evento traumático se enlaça ao trauma original, ressignificando-o, lhe dando novos contornos. É esse trauma original que tem valor de causa para o sujeito.

Em psicanálise, para Lacan, o trauma originário é correlativo à experiência do encontro do bebê humano com o Outro, Outro da linguagem, lugar do código, que pré-existe ao sujeito. O bebê humano nasce banhado na linguagem, falado pelo Outro. Essa operação é chamada de identificação simbólica.

É a incorporação do simbólico que funda a existência. Algo precisa ser nomeado para existir, para subsistir no tempo. Essa operação de nomeação configura-se como a morte da coisa, a palavra é a morte da coisa, é uma operação de perda. Dito de outro modo: ao consentir em se fazer representar pela linguagem, algo se perde na ordem do ser, pois é impossível se dizer por inteiro. A representação está sempre aberta a equívocos, pois uma palavra pode querer dizer uma coisa e outra coisa. Toda operação de simbolização deixa um resto impossível de representar. Esse resto chamamos Real. Algo como um buraco no ser. Esse fulcro de Real no sujeito que funda a existência. Assim, a entrada na linguagem, inicialmente, tem um aspecto de intrusão do Outro. Esse estado de desamparo persiste na vida dos sujeitos.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 75 19/11/2021 15:01:58

Dizemos também que o bebê nesse momento fundante ocupa uma posição de objeto diante do Outro. Outro que o nomeia, que o alimenta, cuida, manipula seu corpo, seus orifícios, interpreta o seu choro. Outro diante do qual o bebê se vê completamente dependente, a ponto de não sobreviver se encontrar-se abandonado do Outro.

O bebê se aliena de tal modo ao Outro, que se experimenta como sua extensão. Uma operação de separação se faz necessária. Podemos dizer que tanto a operação de alienação quanto a operação de separação do Outro, embora fundamentais, são fonte de angústia e desamparo.

Miticamente, dizemos que o sujeito se pergunta pelo desejo do Outro: "O que queres?", para aí se alojar. O sujeito interpreta o que o Outro quer e se faz esse objeto, que no seu entendimento é o que o Outro deseja, para garantir sua subsistência no Outro. A fantasia é essa ficção que o sujeito constrói do seu ser como objeto do desejo do Outro. Lacan equivoca ficção com fixão, pois essa posição diante do Outro fixa um modo de gozo, que será matriz de toda sua produção sintomática. Podemos dizer que a angústia é o afeto que comparece, ao longo da vida, toda vez que o sujeito se vê reduzido à condição de objeto do Outro.

O Outro tem um lugar privilegiado na Psicanálise. Uma vez que o sujeito humano se constitui a partir do Outro. A essa relação do sujeito com o Outro, chamamos identificação.

Já falamos da primeira identificação simbólica, essa da intrusão da linguagem do Outro que cava um buraco no ser, que será revestido, contornado pela fantasia e suas consequentes manifestações sintomáticas, tornando o sujeito, sujeito de uma falta a ser, incompleto na busca incessante de completude, busca a que chamamos desejo.

Em Psicanálise falamos de duas operações constitutivas, a constituição do eu (imaginária) e a constituição do sujeito (simbólica).

O bebê é convocado a se fazer um entre outros: Assemelhe-se!

O bebê humano apreende sua imagem unificada a partir da imagem do outro no espelho, assim percebe-se como um indivíduo. É uma operação de integração egóica de um corpo experimentado até então como fragmentado.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 76 19/11/2021 15:01:58

Podemos dizer que nesse momento constitutivo do eu, o eu é o outro. Essa confluência/confusão entre o eu e o outro é observável num fenômeno chamado "transitivismo" muito comum em crianças pequenas. A criança que bate na outra criança, chora, como se a outra criança tivesse batido nela. Ela se confunde com a outra criança numa relação especular.

Um parêntese: algo semelhante se apresenta na pandemia, em que o portador do vírus pode ser qualquer um, pode ser o outro, mas também posso ser eu. Se o outro pode ser portador do vírus e desconhecer, eu mesmo não estou livre desse desconhecimento.

Essa apreensão especular com o outro (semelhante) do espelho comporta um conhecimento sobre seu corpo unificado e um desconhecimento sobre o efeito de ilusão óptica fornecida pelo espelho. Podemos dizer que a completude oferecida pelo imaginário comporta sempre um caráter ilusório. Comporta o desconhecimento dessa confusão entre o eu e o outro.

A questão se complexifica quando o bebê que se olha no espelho, se vira para o rosto daquele que o segura no colo, e encontra o olhar desse Outro, e a satisfação que advém de se perceber oferecendo um espetáculo ao Outro. Sua imagem unificada é ratificada por esse olhar do Outro, um olhar de reconhecimento.

Essa satisfação em relação à fascinação experimentada a partir do olhar do Outro sobre seu ser unificado, a partir desse olhar do Outro sobre si mesmo, é o que chamamos narcisismo. Narcisismo alimentado pelas experiências de reconhecimento, de admiração, de amor do Outro sobre si, mas também onde reside a rivalidade com o outro (semelhante).

É na medida em que o eu se vê concernido pelo olhar do Outro que ele faz uma báscula entre o "eu é o outro" para o "eu ou o outro", pois ele rivaliza com o outro, seu semelhante, pelo olhar do Outro. O outro semelhante passa a ameaçá-lo de aniquilação, de onde advém a disputa e a agressividade em relação aos semelhantes.

Freud (1921) já advertiu a respeito dos fenômenos de grupo no seu texto "A psicologia das massas e análise do eu". No grupo, o sujeito se

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 77 19/11/2021 15:01:58

identifica com seus semelhantes (eu ideal) diante da aprovação ou do amor de um líder, que tem o estatuto de Outro (Ideal de eu) e hostiliza todos que se apresentam como não pertencentes ao grupo, é o que chamamos de "narcisismo das pequenas diferenças" que engendra intolerância e segregação. Os fenômenos de grupo nos ajudam a pensar as questões de racismo e de gênero. A pequena diferença que não se reconhece em si, e que é intolerável, indo do preconceito à segregação, e até ao extermínio.

Podemos dizer que existe uma "virulência" da identificação nos fenômenos de grupo, uma pessoa no grupo se comporta de determinada maneira, e aquilo viraliza, todos se comportam da mesma maneira.

A ansiedade e o medo, em tempos de pandemia podem ser virulentos. Paradoxalmente, sua negação sistemática, também. De outra sorte, a crença no Ideal faz com que um bom número de pessoas se ampare no Outro e deposite neste a esperança de uma solução, desresponsabilizando-se completamente pelo cuidado de si e pela solidariedade com o outro.

As perdas e os medos em tempos de pandemia são muitos. Medo de adoecer, de morrer, de contaminar, de perder pessoas queridas, de ficar sem trabalho, de ficar sem dinheiro, do esgarçamento dos laços, da perda do ano escolar etc.

Festas de aniversário pelo zoom. Tensões do ambiente familiar. Aumento de violência doméstica. Necessidade de trabalhar presencialmente para alguns. Acúmulo da jornada de trabalho com o cuidado dos filhos, com o acompanhamento do ensino a distância, com os cuidados com a casa e com a alimentação, para outros. Falta de computador para todos da família em suas atividades remotas. Dificuldades com as atividades remotas. Falta de espaço. Falta de privacidade. Falta de atividade física, de sol, da rua, das pessoas. Saudades de se aglomerar. Incerteza sobre o futuro.

Descaso governamental e patamar altíssimo de mortes sem qualquer segurança para retomar o convívio social. Número significativo de pessoas enlutadas. Enlutadas muitas vezes sem se despedir, sem ver o corpo de seus entes queridos que faleceram, sem parte importante dos

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 78 19/11/2021 15:01:58

rituais de passagem. Muitos anos serão necessários para elaborar lutos nessas condições.

Negacionismo, festas lotadas, rua cheia de gente. Pessoas que nunca puderam deixar de trabalhar mesmo que quisessem. Transportes públicos lotados.

Num dispositivo de atendimento às urgências subjetivas[2] relativas à pandemia do qual fiz parte, a maioria das queixas que chegaram eram de crises de ansiedade, de pânico, depressão, mal-estar indeterminado, sentimento de esvaziamento de sentido.

Não queremos dizer que todas as pessoas foram acometidas por essa sintomatologia, mas a maioria daquelas que procuraram um dispositivo de atendimento às urgências, ou seja, um número considerável de pessoas.

Nessa mesma perspectiva, porém numa escala muito maior, a OMS[3] advertiu na abertura do fórum europeu em julho deste ano (2021), sobre o impacto de longo prazo e de grande alcance na saúde mental mundial, com o aumento dos casos de depressão e ansiedade, o que vem sendo chamado de "quarta onda".

Vamos retomar, um evento é considerado traumático no decorrer da vida de um sujeito, quando o lança numa posição de assujeitamento a uma condição que ele desconhece e que abala a cena do mundo; instala-se um momento de indeterminação que ganha contornos de eternidade. Quando o sujeito perdura na angústia, no desamparo, na indeterminação, a escuta de um analista é importante para reconduzi-lo à possibilidade de dizer, de re-encadear sua narrativa, de se localizar, de se historicizar. Em momentos de abalo psíquico é importante restabelecer a homeostase do narcisismo e a função do sintoma como defesa, como primeiro passo para a saída da angústia. Um exemplo dessa operação que pode ser acolhida por um psicanalista é a tentativa de saída do pânico pela inscrição de um significante fóbico. A fobia,

[2]DAUS dispositivo de atendimento às urgências subjetivas, organizado pela Rede Clínica do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, que funcionou do início da pandemia do Covid-19 até o final de 2020.
[3]Organização Mundial de Saúde.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 79 19/11/2021 15:01:58

nesse sentido, pode ser entendida como manifestação sintomática aberta às intervenções do analista.

Tem-se dito muito que as coisas vão mudar pós pandemia. Fala-se em "novo normal". Será que as coisas vão mudar pós pandemia? Certamente, uma vez que enquanto acontecimento traumático, isso produz uma marca, marca que definirá 2020 como ano de exceção. Há um luto a ser elaborado em diversos níveis. Luto que para ser elaborado deve partir primeiramente do reconhecimento de que houveram perdas, e não de sua negação.

Ainda sobre a esperança de um novo mundo pós-pandêmico, é importante considerar a tendência à repetição do psiquismo humano; passado o abalo, a tendência é recair no mesmo velho lugar, a isso chamamos "pulsão de morte", relativa à uma força de conservação que chamamos "gozo" em psicanálise. Gozo como empuxo à conservação e à repetição. Por outro lado, temos o desejo que representa o movimento, o ir atrás de um objeto sempre outro, sempre alhures. Mudança requer trabalho psíquico. O aparelho psíquico funciona nessa dialética entre desejo e gozo, movimento e conservação. Para que as desejadas mudanças aconteçam, é preciso se orientar nessa direção.

É certo que vai passar! É preciso acompanhar o fluxo dos acontecimentos de maneira responsável e esperar. Enquanto se espera, é importante encontrar maneiras criativas para lidar com seu modo singular de responder às contingências. Como promover laço, como estar acompanhado, como cuidar da saúde e do corpo, como encontrar possibilidades de circulação segura, de trocas afetivas, e sobretudo de experiências prazerosas, mesmo em tempos de pandemia. A vida não cessou.

Para concluir, podemos considerar que a pandemia se configura como um evento traumático social. Um evento dessa magnitude que interfere nas relações interpessoais, profissionais, no cotidiano familiar e na economia; e, em que se contabiliza diariamente o número de mortos, vai impactar de maneira diferente para cada um; e, podemos dizer que expõe as fragilidades, que expõe as vulnerabilidades, muitas vezes encobertas pela pressa do dia a dia e pela postergação: "não

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 80 19/11/2021 15:01:58

quero saber nada disso", "não tem solução", "resolvo depois" etc. Esses momentos de encontro com o evento traumático podem acentuar aquilo que já vai mal. Quando nos deparamos, apesar de nossas defesas, com nossas fragilidades emocionais, temos ao menos três opções: ir levando até onde der, adoecer ou mudar. Sem querer romancear a pandemia, que, sem dúvida, tem seus efeitos deletérios; podemos também pensar que esses momentos na vida em que o chão some debaixo dos pés podem ser uma oportunidade de buscar soluções para mudar o cenário da vida, para recalcular a rota, talvez, de maneira mais de acordo com os próprios desejos. A palavra positiva que podemos associar aqui ao acontecimento traumático é, portanto, a oportunidade.

Referências bibliográficas

BERTA, S. L.. Localização da urgência subjetiva em psicanálise. In *A Peste*, São Paulo, v. 7, no. 1, p. 95-105, jan./jun. 2015.

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In *Obras Completas,* Volume 15. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 2011.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 81 19/11/2021 15:01:58

JORNADA DE CARTÉIS

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 83 19/11/2021 15:01:58

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 84 19/11/2021 15:01:58

ENLACES E PRODUÇÕES UM CARTEL CLÍNICO

Carina Ferreira Guedes[1]

Este texto[2] foi escrito inicialmente para uma apresentação no Módulo de Estruturas Clínicas, como cartel convidado,[3] em setembro deste ano. O convite foi para nós nomeado por compormos um "cartel clínico". Desde as primeiras conversas na montagem do cartel, sabíamos que queríamos um cartel clínico, mas o que seria mesmo isso? Há um cartel que não seja clínico? O que faz de um cartel um cartel clínico?

O convite nos provocou a retomar o que nos causou a formar o cartel, nosso percurso e o que decantava para cada uma até aquele momento. E, retroativamente, essa interlocução com outros, fez laço e marcou um tempo de nosso cartel.

Começamos este cartel às voltas com questões que, inicialmente, nomeamos, inspiradas em um texto da Colette Soler (1995), como respostas de analista: ao analisante que chega inibido, embotado, monossilábico, ou nos quais os acontecimentos da realidade parecem tomar toda cena psíquica, como responder? Essas respostas que inventamos participam da resistência ou do desejo de analista?

Lembro que uma paciente, em particular, fazia-me questionar sobre meu lugar na transferência e minhas intervenções: diante de sucessivos relatos de violência, *prints* de ameaças sofridas e faltas em suas sessões,

[1]Psicanalista. Psicóloga e Mestra em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
[2]Apresentado na Jornada de cartéis e encerramento das formações clínicas do FCL-SP de 2020.
[3]Cartel em andamento "Da fixão à ficção: perguntas clínicas", formado por Carina Guedes, Isabel Tatit, Fernanda Sato, Carolina Bertol e Tatiana Assadi (mais-um).

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 85 19/11/2021 15:01:58

eu me preocupava. Seriam minhas mensagens dizendo para que viesse manifestações de meu desejo de que ela fizesse análise ou um efeito de uma preocupação minha que apenas servia à resistência? Por outro lado, quando colocava meu limite, "assim não funciona nem para mim, nem para você", e ela passava a vir mais, o que havia operado?

Mesmo que tenhamos experimentado e logo abandonado a ideia de trabalhar a partir de casos nossos, esse questionamento sobre o lugar do analista ocupado em casos considerados "difíceis" tem percorrido minhas reflexões a partir do cartel.

Ao escrever esse texto, fui retomar a questão que havia enviado na declaração do cartel, certa de que ela versava sobre a resistência x desejo de analista, mas sem lembrar como a havia formulado. E eis que des-encontro: "Política, estratégia e tática na clínica atual: perguntas (e respostas possíveis) de uma analista". Surpresa, pensei: que título chato! Depois, fiquei me perguntando: seriam questões diferentes? Ou uma o desdobramento, um outro tempo, da outra?

Lembro de um sonho que marcou este tempo inicial do cartel. Por uma trilha, chegava a um oráculo, buscando uma supervisão. Pensava em falar de um caso; na hora, falava de outro. Dirigia-me a uma pessoa, mas a resposta vinha de outra. Fazia algumas perguntas sobre minhas intervenções sobre o caso, mas a resposta única era: pode fazer, pode não fazer, o que importa é sua posição na transferência. E eu saía.

Já sabia meu inconsciente que é apenas em relação à transferência e à ética da psicanálise que a função de minhas intervenções podem ser melhor situadas...

É nesse trilhamento que tem se dado este cartel clínico, entrelaçando os diferentes níveis de uma análise e também da formação de uma analista. Assim como a clínica, está sendo trilhado na experiência: seus tempos e voltas não seguiram a ordem de capítulos de um seminário, mas vão se enlaçando entre as questões que a expriência clínica coloca a cada uma, os conceitos e pelos atravessamentos sociais. Tal como o sonho, o encontro é sempre faltoso: a pergunta intencionada não é a nomeada, a resposta não vem de onde se espera, nem responde ao que se pergunta e, mesmo assim, produz efeitos. Pois, é ao

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 86 19/11/2021 15:01:58

falar sobre a clínica em um cartel que a posição de cada uma se re-coloca a cada vez.

Destaco dois momentos deste enlaçamento teórico-clínico que, para mim, tiveram esse efeito de me reposicionar em relação a alguns casos e me permitiram relançar novas perguntas.

Revisitamos o esquema da angústia, construído por Lacan (1962-63/2005) no seu seminário sobre a angústia, curiosamente seminário tema de meu cartel anterior. Uma nova volta, em uma perspectiva diferente. Nesse quadro, Lacan re-situa a inibição, o sintoma e a angústia nos eixos da dificuldade e do movimento, acrescentando novas gradações: o impedimento, o embaraço, a emoção e a efusão, assim como o *acting out* e a passagem ao ato.

Das diferentes formas em que a angústia se escreve, como podemos escutá-las? É o analisante que não fala ou o analista que não escuta? Poder reconhecer e localizar impedimento, em especial, possibilitou-me escutar na resposta monossilábica e na palavra impedida um sinal da angústia, da presença do objeto, permitindo que o impedimento não ficasse também em mim, como analista.

Um segundo enlaçamento se deu quando estudamos a fixão da holófrase (LACAN, 1964/2008), da palavra-frase que, por aglutinar S1 e S2, não permite que um significante represente um sujeito para outro significante, "gelidificando" o sujeito. Fixão que também se apresenta no enraizamento da fantasia, cuja saída é a verdade mentirosa da ficção.

O que está fixado na angústia, congelado na holófrase, enraizado na fantasia, como pôr em movimento? Movimento que, tal como este cartel, não é sem idas e vindas, voltas e reviravoltas, visto que não é um movimento linear, rumo ao ideal, mas sim um trilhamento que conserva a própria estrutura dos tempos do sujeito, dos tempos da clínica, das idas e voltas entre a fixão e a ficção.

Finalizo com outra produção onírica deste cartel, sonho que se deu entre os dias em que escrevia este texto e que, inclusive, me fez reescrevê-lo. Em um grupo de 4 + 1 amigos meus de escola, tínhamos a tarefa de transformar e transmitir em essências e fragâncias uma experiência. Decidíamos fazer sobre a clínica. E eu então dizia: enquanto os

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 87 19/11/2021 15:01:58

outros frascos dos sentimentos tem cores, odores — o da preocupação, por exemplo, era rosa e doce — o elixir, o frasco menor, mas mais puro, sem odor nem cor nem sabor, tem que ser o desejo de analista.

Sonho que, assim como o anterior, articula, ressignifica e relança minha questão do e para o cartel. Abre para a relação de um cartel clínico com o desejo de analista, como o que sustenta e pode se produzir também como efeito deste. Também nosso cartel partiu de nossa angústia como analistas, na aposta de que o cartel, como dispositivo analítico, pudesse tratá-la pela via do desejo. Afinal, se não fosse ele, por que escolheríamos falar justamente do que não anda na clínica, do que para nós é difícil, fazendo decantar e transmitindo a essência de algo sem cor, nem odor, nem sabor?

Referências bibliográficas

LACAN, J. (1962-63). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SOLER, C. Interpretação: as respostas do analista. In: *Opção Lacaniana*, nº13, 1995, p. 20-38, 1995.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 88 19/11/2021 15:01:58

ENTRE O FONE E A JANELA, PERCURSOS EM UM CARTEL CLÍNICO EM MEIO A PANDEMIA[1]

Fernanda Ghiringhello Sato[2]

Retomando meus registros do cartel para escrever este texto, me deparei com a seguinte frase que recolhi de algum dos primeiros encontros: Falar da clínica é falar sobre o analista e seu desejo. E, também, complementaria agora escrevendo e me deparando com as dificuldades da clínica, os rastros e as questões que suscitaram o início desse cartel e da própria escrita e transmissão, é falar do analista e suas angústias.

Começamos o cartel a partir das angústias e inquietações de cada uma com a clínica, falando de casos em que nos deparávamos com dificuldades no trabalho analítico. Casos que suscitavam questões sobre como se posicionar e intervir na escuta de falas profusas, inexpressivas e inoperantes, relatos concretos, informativos e esvaziados ou, pelo aparente oposto, um certo silenciamento despreocupado, respostas econômicas, quase desinteressadas e interjeições monossilábicas e conclusivas que dificultavam que pudéssemos ter notícias da posição subjetiva de quem falava. Psicose ou neurose? Como responder quando, frente a fala de um suposto sujeito encalacrado, nos sentíamos convocadas a falar mais, perguntar mais? Ensinar a fazer análise? Ensinar, faz análise? Análise ou terapia? O que os casos nos transmitem também sobre questões de nossa época?

[1]Texto apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista, psicóloga, mestranda em psicologia clínica no IPUSP, coordenadora do Núcleo Entretempos.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 89 19/11/2021 15:01:58

Num primeiro momento, nomeamos o cartel como "resposta de analista" a partir do texto da Colette Soler (1995), com o mesmo título. Pensamos em trabalhar a partir dos casos, os nossos e também os escritos por outros psicanalistas, falamos de interpretação, transferência e desejo de analista. As discussões e leituras possibilitaram decantar da busca por respostas em um cartel sobre a clínica, "perguntas de analista" em um cartel clínico. Para mim, essa renomeação promoveu uma retificação que fez dar novo sentido para nossa proposta em fazer um cartel clínico: tratar a angústia, a partir do desejo, desejo de analista. Embora seja comum falarmos sobre o não saber, o non sense, a inexistência de uma "resposta de analista", foi preciso recolocar as angústias, o incômodo das indagações e sair da tentativa de sustentar o cartel na resposta, ou na busca dela, e seguir, sem textos escolhidos a priori ou casos. Se cabe a cada analista responder sozinho pelo seu desejo e sua escuta, ele pode não estar só em suas perguntas e reflexões ao suportar a indeterminação necessária à escuta clínica e fazer delas causa para produzir.

A questão que formulei naquele momento, foi "O desejo do analista em tempos de dessubjetivação". Pensando nela ao escrever, lembrei-me se um sonho que tive após as queimadas na Amazônia, que chegaram até São Paulo como fumaça. Sonhei que havia um golpe e que tinham decretado a proibição do inconsciente. Angustiada, eu indagava e dizia que não era possível e que, se eu estava sonhando, isso por si dava provas do que não é possível controlar. Atualmente vivemos tempos de novos incêndios e dias escuros, tempos de mortes inumeráveis e banalizadas, de silenciamento, negacionismo e um certo conformismo frente à brutalidade diária do "salve-se quem puder", cada um a procurar sua bolha para se resguardar dos descaminhos do mundo.

Nesse sentido, me percebo inquieta e às voltas com a clínica, as angústias frente aos casos e ao que eles mobilizam e também, pensando moebianamente, como a clínica não se encerra em si, da importância de não escutarmos o sujeito e sua singularidade, como indivíduos. O que nos chama, nos interpela a sustentarmos, ao abrir com nossa escuta, o que se tenta diluir, cancelar, impedir?

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 90 19/11/2021 15:01:58

Nos últimos meses, me chamou a atenção como, para alguns analisantes, a emergência da pandemia produziu uma atualização, uma espécie de autorização e legitimidade dessa fala esvaziada. Como se, junto com os corpos, os sujeitos também estivessem em alguma medida quarentemados em uma espécie de reticência ou dispensa de falar de si, ou ainda mesmo, se queixar, duvidar. "É a pandemia", "É isso.", "Tudo está igual, não há o que contar" escutei de alguns. "ah, Quarentena" aparece como palavra-frase portadora de um sentido universal, como se nesse momento, supostamente, atravessássemos todos um mesmo momento, imersos na mesma realidade e que, portanto, nada precisasse ser dito, como se o sujeito ficasse diluído, referido ao significante pandemia. Pensar nessas questões, me fez voltar à algumas discussões do cartel, sobre a holófrase, que, ao aglutinar os significantes em uma palavra-frase, condensaria um sentido em si. Sem brecha, espaço entre os significantes, o sujeito fica eclipsado, sem poder se contar e desliza pela infinitena. Como des-velar o que essa palavra-frase vela? Como extrair da pandemia universal e do confinamento generalizado, a posição subjetiva de quem fala, o pandemônio a partir do qual pode se dizer?

Também pude refletir com as questões discutidas a partir da leitura do quadro da angústia, do seminário 10 (LACAN, 2005), na qual Lacan articula inibição, sintoma e angústia. Nesse quadro, Lacan se propõe a escrever uma orografia da angústia, o estudo das nuances e dos relevos. Pensar nas gradações da angústia a partir do movimento e dificuldade subjetiva, possibilitou uma abertura na escuta. Poder escutar como impedimento, as falas que soam achatadas e planificadas, possibilitou perceber como sinal, onde parecia haver ausência da angústia ou sua não presença.

Escrevendo, me fez pensar na importância de sustentar um cartel sobre clínica nesse momento. Fazer cartel nesse momento, foi contar com uma escansão em meio ao tempo sem cortes que a quarentena convida e também dar espaço às inquietações que mantêm aberta nossa escuta, não ficar submerso às emergências — e as ondas — do momento e sim, relança-las como questão. Entre suas idas e vindas, textos, associação livre, as interpelações sociais e a experiencia clínica

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 91 19/11/2021 15:01:58

e às questões de cada uma, seguimos produzindo movimento nesse fazer, desfazer e refazer sentidos e direção a cada encontro, escutando seus deslocamentos ao longo desse percurso.

Referências bibliográficas

LACAN, J. (1962-1963) *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOLER, C. Interpretação: as respostas do analista. In: *Op*ção Lacaniana. São Paulo: Eolia, 1995, v.13. p. 20-38.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 92 19/11/2021 15:01:58

ALGO PASÓ[1]

Maria Claudia Formigoni[2]

Em 2018, fiz parte de um cartel interamericano cujo tema era *El Seminario 18 de Jacques Lacan. Letra y escrito.* Cada integrante entrou com uma questão ou a formulou após um tempo de trabalho. A minha era um tanto ampla: pensar letra, número e significante.

Nos encontros, líamos juntos as lições do seminário que escolhemos trabalhar. Parávamos em pontos que faziam questão para um, para outro(s) ou para todos os integrantes. As discussões foram sempre ricas, indo muito além do "texto base" e abrangendo outros temas que derivavam da leitura. Eu tentava extrair pontos que tinham a ver com minha questão, que pudessem me ajudar a pensá-la.

Apesar do desconforto que, a meu ver, sempre está presente no fazer cartel, conseguia trabalhar. Fazia questões, ouvia as discussões, participava delas, lia os textos... porém, houve um momento em que percebi que eu pouco sabia falar sobre aquelas leituras e discussões todas. Era como se eu não tivesse lido nenhuma página do seminário *18*. Pensava: "Nossa! Estou há quase dois anos lendo e participando de discussões sobre esse seminário e não aprendi nada". Mas segui, um pouco cismada, é verdade, com o verbo — "aprender" — que usei para falar sobre uma possível consequência do fazer cartel. Cartel não é um grupo de estudos. Por isso, não se trata de aprendizagem, de adquirir conhecimento sobre a teoria.

[1]Texto apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista. Mestra em Psicologia Social pela PUC-SP. Membra da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Coordenadora da Rede de Pesquisa Psicanálise e Infância do FCL-SP.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 93 19/11/2021 15:01:58

Naquele que seria o penúltimo encontro, um dos cartelizantes propôs que cada um produzisse um pequeno texto para apresentar no último dia em que nos reuniríamos. Proposta aceita por todos. "E agora? Não tenho questão nenhuma, nada ficou desse seminário... vou escrever o quê?". Fui para o último encontro sem produzir um texto. Nesse dia, apenas ouvi os colegas. Como nem todos tiveram tempo de apresentar seus trabalhos, marcou-se outro encontro para dali a um mês. "Pronto! Agora tenho que escrever alguma coisa".

Eu não conseguia escrever nada sobre o seminário em 18. Nenhuma questão me mobilizava, nem mesmo aquela que tinha formulado ao início do trabalho. Talvez escrever sobre a letra e o sonho da Injeção de Irma? Tentei redigir alguns parágrafos horas antes do encontro do cartel. Não consegui. Lembrei-me, porém, de um pequeno texto — "Escola, lugar para o não possível?" — que escrevi para um Espaço Escola ocorrido em 2019, cuja proposta era pensar a orientação para e pela Escola. Decidi levá-lo para o cartel, apesar de achar que não tinha relação nenhuma com o que trabalhamos durante os anos em que mensalmente nos encontramos.

Assim que terminei de ler, após uma breve discussão a partir de algumas questões suscitadas pelo texto, um dos cartelizantes disse: "*Algo pasó*". *Qué pasó*? O que aconteceu? Com duas essas perguntas, saí daquele último encontro do cartel. Tempo depois, essas questões se decantaram em uma: O que um cartel pode pôr em causa?

Lacan, ao fundar e também ao dissolver no mesmo ato sua Escola, apostou e insistiu nesse pequeno grupo de trabalho. Grupo esse que se contrapõe à psicologia das massas, tentando minimizar seus efeitos e configurando uma inovação na lógica do coletivo, pois instaura uma nova modalidade de laço entre os analistas. Trata-se de uma formação que deve ser regida pela unicidade, e não pela unidade. Para tanto, dois pontos são essenciais:

1. O número reduzido de participantes (podem ser 3+1, 4+1), o que evita o anonimato da massa;
2. A função Mais um, oposta ao que seria o líder da massa.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 94 19/11/2021 15:01:58

O cartel foi instituído como órgão de base da Escola. A maneira singular de trabalhar com o saber nesse dispositivo permitiria transmitir e sustentar a psicanálise, considerando claro, também, a formação analítica. Não foi por acaso então que Lacan criou esse dispositivo: o cartel faz Escola e o analista faz a Escola. O cartel pressupõe a elaboração de um saber. Mas qual o estatuto desse saber?

Na análise, busca-se a verdade e produz-se um saber inconsciente. No cartel, busca-se conhecimento teórico, constrói-se um saber passível de ser coletivizado e pode-se, eventualmente, produzir um saber incomum?

Há um saber e um real em jogo também no funcionamento de um cartel. Parte-se de um não saber que faz questão e decanta-se, talvez, um saber singular, que é não-todo. De um vazio, algo se produz. Isso é colocado em movimento pelas identificações em jogo no cartel. "Entre os membros desse pequeno grupo […] a identificação se daria pela via do vazio do desejo do Outro […] é uma identificação que visa um saber em falta, seu enigma, e desse vazio se gesta um trabalho diferente no qual cada um poderá recolocar e elaborar as questões que lhe suscite sua pesquisa" (Berta, 2019, p. 19).

A partir dessa identificação — a qual Berta (2019), acompanhando Soler, mostra que é ao objeto *a*, e não a um traço — se estabelece um laço entre os cartelizantes. É a falta de saber que sustenta esse laço que pressupõe de saída um furo e que faz trabalhar. Lembro aqui a definição matemática de laço: "[...] permite dar conta dos furos que têm um espaço" (Amster, 2015, p. 81). Para fazer com esses furos, é preciso que o não-saber esteja posto como causa. Esse laço que se dá via falta de saber, articulando uma marca singular e um trabalho coletivo (Escola), não seria o que Lacan chama de transferência de trabalho? Um enlace contingencial?

Mas como fazer laço a partir de algo incomum, incomunicável e inarticulável? A transferência de trabalho, por sustentar e comportar o real em jogo na experiência (tanto de uma análise quanto de um cartel), parece abrir caminho para que cada um possa se dizer autor a partir da diferença radical. A Escola, como afirma Lacan (1980, p. 15),

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 95 19/11/2021 15:01:59

é um "campo onde cada um terá a liberdade para demonstrar o que faz com o saber que a experiência decanta". Isso torna possível que cada um — um a um — se coloque como analisante da própria experiência a partir de um estilo único. É justamente por ter em seu coração o furo, que a Escola dá lugar ao real do saber inconsciente, acolhendo a diferença fundamental que cada um pode ofertar.

"É somente a partir do não possível que o real ganha lugar. O que o sujeito busca é esse real enquanto justamente não possível; é a exceção" (LACAN, 1961-1962/2003, p. 180). Tomo aqui o "não possível" como o traço apagado que é marca de uma distinção. Um *não que é possível* como suporte da existência do sujeito em sua singularidade. A fim de que essa marca da diferença fundamental possa se revelar, é preciso tempo. "É preciso tempo para fazer traço daquilo que falhou em se revelar de saída" (LACAN, 1970/2003, p. 427). Nesse "precisar tempo" está em jogo o saber inconsciente enquanto ponto de falta e, portanto, não articulável.

O cartel, como vimos, promove um laço social. Portanto, é válido recorrer à teoria dos discursos para pensar que articulação é essa. Se considerarmos a produção de saber a partir de um sujeito dividido que tem uma questão, temos o discurso da histérica. Aí, trata-se de um saber como produto que pode ser compartilhado a partir de um âmbito teórico. Tomando, porém, o saber enquanto portador de uma marca singular, estamos no discurso do analista, no qual o saber está no lugar da verdade. Esses dois estatutos do saber estão em jogo em um cartel e, portanto, cabe pensar em giros discursivos no funcionamento desse dispositivo.

A função Mais um, entendo, deve propiciar o giro do discurso da histérica ao do analista, e vice-versa. Esse seria o movimento de um cartel, a alternância entre *a* e saber no lugar da verdade — só possível se aquele que estiver encarnando, no momento, a função Mais conseguir preservar o vazio como causa. A cada giro, um passo de real, um encontro com o impossível. Encontro esse angustiante, mas, ao mesmo tempo, gerador de entusiasmo justamente por permitir sair da impotência e produzir algo.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 96 19/11/2021 15:01:59

A transmissão só é possível a partir de uma marca própria. Lacan, no *Seminário 9* (p. 204), fala também do passo possível (*pas possible*) jogando com a ambiguidade: passo possível; não possível. O não possível permite um passo possível. É aí nesse *pas possible*, nesse vazio, que surge a marca da diferença a partir da qual se pode transmitir algo daquilo que não cessa de não se escrever. Seria, assim, justamente pelo não possível que se pode construir uma Escola possível?

Lembremos que o cartel faz Escola. A estrutura desse dispositivo articula o singular com a construção de um saber. Além disso, permite, contingencialmente, que o impossível ganhe corpo, transmitindo e fazendo operar algo do real em jogo nesse trabalho. Se isso por acaso ocorrer, poderemos dizer que houve cartel. Cito Ramos (2019, p. 100):

> Se um cartel possibilita que o furo de saber faça um nó da experiência singular e real do inconsciente com os instrumentos imaginários-simbólicos da teoria, a transmissão de algo desse furo pode acontecer. Aquilo que no percurso do cartelizante resiste à lógica identitária encontra aí as condições contingentes de seu para-si. O produto de um cartel deveria valer por esses efeitos de contingência, as verdades não todas, muito mais do que por aquilo que se cristaliza e se reifica como necessário teórico.

Eu só consegui levar um texto para o último encontro do cartel quando pude abrir mão da ideia de que o produto desse trabalho deve necessariamente ter a ver com a teoria estudada. E foi então que algo aconteceu. A fala do cartelizante, sentida no corpo e geradora de angústia, transmitiu que houve transmissão. Houve cartel. Houve experiência de Escola.

Quanto ao Seminário 18, é difícil dizer o que pude apreender em termos teóricos. Mas posso dizer que experienciei o que é fazer cartel. Senti a transmissão. *Algo pasó*...

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 97 19/11/2021 15:01:59

Referências bibliográficas

AMSTER, P. *Notas matemáticas para ler Lacan.* São Paulo: Scriptorium, 2015.

BERTA, S. O cartel faz Escola. In: *Cartel em questão.* São Paulo, Escuta, 2019, p. 17-28.

LACAN, J. (1961-1962) *A identificação: seminário 1961-1962.* Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. (1970) Radiofonia. In: *Outros Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 400-447.

LACAN, J. (1980) D´Écolage. In: *Revista da Letra Freudiana: Escola, psicanálise e transmissão*, *Documentos para uma Escola*, ano I, nº 0, Rio de Janeiro, p. 13-16.

RAMOS, C. Reflexões sobre cartel e produto. In: *Cartel em questão.* São Paulo, Escuta, 2019, p. 97-103.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 98 19/11/2021 15:01:59

AS RUÍNAS DA VOZ — TRAVESSIA DO INSULTO AO CANTO[1]

Mariana Castro[2]

Participei de um cartel cujo intento era estabelecer relações entre a literatura e a psicanálise. Apesar das estimulantes discussões que se deram entre nós, o percurso de minha pesquisa no interior do cartel foi um pouco errático, mas, quase no momento de sua conclusão, tive a alegria de que a mais-um pescasse em minha boca uma questão que, percebi, caminhava comigo havia muitos anos, embora eu não a formulasse assim. A voz do poeta — ela provisoriamente enunciou e eu reconheci que aquilo reverberava de modo inequívoco. Entendi que ao fim do cartel o que eu tinha era isso: a chance de uma pergunta a se desdobrar.

Desde este momento, me deparei com alguns textos (constarão na bibliografia deste trabalho) que me forneceram um mapa à pesquisa da voz como objeto. Apesar de não estarem explicitamente citados no que ora apresento, marco sua importância fundamental como ocasionadores de uma abertura em minha escuta clínica. Foi com o desejo de avançar tal investigação que entrei em um novo cartel para pesquisar as relações entre música e psicanálise. Para dar um passo a mais e alinhavar alguns elementos que recolho das leituras que fiz até o momento, decidi escrever um caso que me faz frequentemente pensar nas emergências da voz na clínica. O que proponho aqui é, portanto, um recorte do caso sob o prisma do objeto voz. Vamos a ele.

[1]Texto apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista, graduação e mestrado em filosofia, com ênfase em Estética; participante de grupos de estudo coordenados por Alejandro Viviani desde 2010; participante das FCCL do FCL-SP desde 2015; participou de coletivo votado articulação da psicanálise e política. Interesse em pesquisar a escrita e a função poética em Lacan.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 99 19/11/2021 15:01:59

V. chega a meu consultório em 2017. Mal entra em minha sala, senta-se na cadeira, chora. Esboroa um limite, em seu choro há um grito incontido. Nas primeiras entrevistas, e mesmo decorridos os primeiros meses, este choro que ultrapassava os decibéis de qualquer mesura social, esteve presente. Chega até mim a partir de uma instituição que trabalhava com mulheres vítimas de violência doméstica. Trazia a queixa de ter sido violentada por seu parceiro — noto que a violência raramente incidia em um gesto agressivo que tocava seu corpo, mas, frequentemente, nos gritos que dirigia a ela. Era primordialmente através da voz que se cativara espancada.

Muito precocemente, no entanto, era notável que uma dialetização da queixa apareceu, trazendo à tona sua divisão. Enunciados como "A partir de um certo ponto, me torno apta a obedecer" me permitiram começar a interrogar o que havia aí, ou, ainda mais explicitamente, a indagação na qual se implicou: por que pela manhã procurava ajuda na instituição que a reconhecia como uma mulher violentada (perigosa identificação) e à noite, ia ter, às escondidas, com aquele que nomeava seu algoz? O laço entre este par em posição complementar [algoz e mulher violentada] indicava-me como hipótese o que fez o esteio de sua relação sexual.

No momento em que vem me procurar, está buscando meios de romper com o companheiro, e também com um coletivo de artes no qual trabalhava de forma expositiva e ingressara em uma universidade para estudar música. No decorrer da análise, ao mesmo tempo em que vai trazendo à fala o quanto a música sempre esteve presente em sua vida, vai se engajando de forma pertinaz como pesquisadora *com* sua voz no que se abriu como uma descoberta audaz e sem precedentes: o canto lírico.

O que chamava atenção à analista é este recorte que trago aqui: as manifestações da voz nesta experiência clínica. V. dizia que desde criança tinha crises de asma em momentos em que não conseguia impor ou expor um limite ao outro. Tinha uma projeção vocal que se destacava quando, nas aulas de canto, no mesmo período em que quase fora reprovada por faltas, uma vez que sequer nas chamadas o

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 100 19/11/2021 15:01:59

professor escutara sua voz. O grito ou a elevação da voz do outro lhe era intolerável e produzia desnorteamento, perdia referências e a capacidade de se localizar, o que também acontecia em lugares públicos como uma sensibilidade ou acuidade extrema aos ruídos e falações. Em situações de desentendimento com o parceiro, encerrava-se ante a estupidez ou falta de sentido do que lhe era dirigido, ficava sem dizer, sentia falta de ar e era acometida por um *ataque* de asma.

Aos poucos, diz como os insultos que lhe foram dirigidos ganham *eco* em seu corpo. Eu notava também que, ao se queixar das pessoas com quem altercava, começava a elevar bastante o tom da voz numa espécie de remeda satírica do que lhe fora dirigido — o que era chamativo, visto que, se em meu consultório parecia não ter pudor de chorar, gritar ou comumente solfejar na entrada ou saída das sessões em tom alto o suficiente para se fazer escutar não apenas por mim –, na situação da divergência, havia se metido em sepulcral silêncio, o que era sucedido por agressões a si mesma — repetia a espancada.

Desde o primeiro momento, a figura materna aparece repleta de ambiguidade. Cenas de sua infância trazem-na como agente de agressões físicas e verbais injustificáveis, sem uma causalidade escrutável senão o que V. toma como a loucura da mãe. Noto que a irrupção de seu choro comumente acontecia no encontro e na repetição de um insistente significante: bater. O que se seguia ao trazer à fala as cenas de açoite era uma exasperação em que acabava por concluir: "Não sei, acho que ela me odeia". Diante da agressividade da mãe, a resposta de V. era engolir o choro, retrair a voz, "Eu não vou chorar", repete à analista a frase que lhe advinha em determinadas ocasiões em que fora agredida, frase esta que indicia, quiçá, uma decisão de não mostrar ao outro o transbordamento de sua dor, veiculada pelo choro/voz que não deu a ouvir. Decisão revogável, visto que surgia uma confusão reincidente: em situações em que queria mostrar sua voz — através da fala ou do canto — era o choro ou o grito que compulsoriamente apareciam.

A ambiguidade materna incide em que, ao mesmo tempo em que V. se cativara como objeto do [suposto] ódio da mãe, também havia situações em que era objeto de um excesso de cuidado. A asma emerge

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 101 19/11/2021 15:01:59

aí como algo que a amarra em uma posição em que sofria de algo reconhecível pelos médicos. Ao mesmo tempo, parece ter a função de apaziguar a pergunta que, desobstruída, enseja sua entrada em análise. Se o saber médico atestava sua necessidade de cuidados, simultaneamente a encerrando como doente, a investigação analítica traz à tona o encadeamento que torna possível escutar em que circunstâncias a falta de ar/sufocamento aparecia, mas, mais ainda, como apontamento a que havia nesta solução de compromisso (sintoma) algo da ordem de um enigma. Como aponta Vivès: "No ser humano, a voz, por ser um objeto de gozo, também é lugar de construções sintomáticas"[3].

Uma situação foi-se escrevendo como repetição: Diante de circunstâncias probatórias, em que tinha de oferecer sua voz ao reconhecimento/avaliação de um júri, V., que como artista já havia se exposto a centenas de pessoas, não conseguia cantar. Tomada por uma reação física violenta, sentia vontade de se atirar no chão e balançar o corpo. Não podendo praticar o ritual que repetia entre quatro paredes quando perdia a voz, o que se seguia em situações públicas era enigmático: perdia de tal forma o tônus muscular — os seus contornos, como nomeava — que chegara a sair carregada em uma cadeira de rodas de uma dessas provas.

Houve, então, um momento que leio como de virada nesta análise. V. estava ensaiando há meses uma peça lírica que fazia parte de um repertório que criava para mostrar a uma banca. Ensaiava sem apresentá-la a ninguém. Decidiu mostrar à amiga com quem mora, e que ocupava um lugar de autoridade em seu passado. Quando vai mostrar à amiga seu canto, a voz não sai. Desafina, sente vergonha, tem uma crise de choro. Para além da repetição que toma seu corpo, a misteriosa perda de tonicidade que a faz desabar quando não consegue sustentar a voz, V. não vê meios de suster a continuação desta cadeia: tranca-se no quarto, fica sem comer, se fustiga. Como se indiciasse: quando não consegue usar a voz, repete o espancamento, às escondidas. Daí trama o suicídio. Não por acaso, a via pela qual imagina sua morte é o

[3]VIVÈS, J. M. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 102 19/11/2021 15:01:59

envenenamento — engolir quiçá o voto letal da mãe, como quem atua o que interpreta como demanda do Outro.

Nesses dias de profundo assolamento, sem barragem ao gozo ruinoso, tem um sonho de angústia que traz à análise: estava com o ex-companheiro no espaço em que trabalhavam. V. sente cheiro de bicho morto, sabe que há uma carniça onde estão. Pensa que foi ele quem matou, mas parece que ele a acusa, *de repente não sei mais se fui eu ou ele.* Passa-se uma semana, e no instante último da sessão seguinte, diz à analista: "Eu tenho que te dizer, tive novamente o mesmo sonho. Era o mesmo sonho, era diferente. Desta vez, eu via o meu próprio corpo em decomposição na calçada, um cadáver ao relento. Desta vez eu sabia: era ele [seu ex-companheiro] quem havia matado, mas eu havia sido cúmplice".

Em tese, poderíamos dizer que um saber havia se articulado. V. estava atordoada com o que lhe advinha como uma revelação: era um cadáver, havia sido cúmplice. Naquele momento, eu sabia que tinha algo ao mesmo passo precioso e pernicioso nas mãos. Tomo esse como um ponto de virada pelos efeitos que daí surgiram, e também como uma ocasião que me colocou diante de um verdadeiro impasse. Justifico: se o que aí emergiu parecia ser nevrálgico para uma implicação radical de V. no que ela enunciava, a saber, a interrogação acerca de sua cumplicidade [esteio para, fantasmaticamente, oferecer-se como cadáver, complementariedade ao que supunha que o Outro lhe demandava], também me parecia ser o encontro mesmo com o que poderia fazê-la se responsabilizar de modo equívoco, assujeitada a um mandamento superegóico, como quem tramou e fez a sua própria morte. Por essa via, a participação do outro e, portanto, a possibilidade de barrar maus-tratos, colocar limites ao invasor, negociar com o outro, ficava quase elidida. Em outras palavras, nesta confusão, V. poderia se perguntar por sua posição sacrificial [relação direta com o fantasma] ou, para além disso, perpetrar o gozo alienante, a autopunição de quem, além de vítima, estaria aí porque "procura na humilhação um prazer" — e não porque ainda não construiu uma saída ao aprisionamento oriundo de sua posição fantasmática.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 103 19/11/2021 15:01:59

Como marcou o supervisor ao qual recorri para pensar estratégias ante o que se punha em jogo: "Em alguma medida, ela está te dizendo que se identificou com o cadáver. Não se trata de querer estar aí, mas não é simples. Diante desta cena, o que você tem de sustentar como analista é que há saída. Que seja possível sair com voz".

Uma diferença se produziu a partir deste momento. Não sei indicar com precisão o que se deu, mas posso afirmar que não consenti ao que ela, aturdida, me trazia como certeza quanto à sua cumplicidade. Ao não dar consistência à afirmação que trazia o desfiladeiro culminado em ideações suicidas, V. me disse na sessão seguinte que tivera um encontro com uma nova ária que começava a ensaiar. Foi tomada por um êxtase estranho ao escutá-la, e retoma o fio condutor que é seu canto, ensejando o advento de uma voz que, afirmava de modo entusiasmado, "eu não sabia que tinha. A minha voz está ganhando corpo. Eu retraio pois não sei ainda lidar com o tamanho disso". Ao falar sobre os detalhes técnicos desta pesquisa que parecem fazê-la "ser um outro corpo" (recolho isso de sua fala), começava a chorar... *Eu estou chorando, é um choro diferente.* Pergunto o nome da música, *Se tu dela mia morte* — endereça-me a música depois. Bem, a morte estava ali... mas não parecia haver apenas isso. Eu pressentia escutar que, ainda que através de um canto que encena a lamentação erótica de [sua própria?] morte, uma via desejante aparecia, a despeito mas não sem o encontro com o que a asfixiava. Seria o canto uma barragem?

Referências bibliográficas

RAMOS, C. *O lugar da função po*ética na poli(a)fonia do objeto voz em psicanálise. Literatura e Sociedade nº18, p. 129-139. 2014.

RAMOS, C. *A voz entre o ódio e a poética da investigação.* Biblioteca virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise: São Paulo, 2017.

RAMOS, C. *A indignação como voz do sujeito desejante, 2017. Disponível em:* https://www.minima-scene.com.br/arquivo/. Acesso em: 20 jul. 2021.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 104 19/11/2021 15:01:59

RAMOS, C. *"Entrar em contato com a construção do caso clínico", mas, afinal, o que é isso?* São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano, 2016.

VIVES, J. M. *A voz na clínica psicanalítica.* Contra-capa — Corpo Freudiano: RJ, 2012.

VIVES, J. M. *A voz no divã. Uma leitura psicanalítica sobre ópera, m*úsica sacra e eletrô*nica.* Editora Aller: São Paulo, 2020.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 105 19/11/2021 15:01:59

"PROPOSIÇÃO" SOBRE O DESEJO DO ANALISTA E SUAS MERDAS[1]

Marina Rachel Graminha-Cury[2]

Este trabalho é produto do cartel *Desejo do analista*, dissolvido em maio de 2020. Mas ele também foi atravessado pela minha experiência na Comissão de Cartéis 2019-2020. Ao iniciar o cartel, minha questão parecia ser clara: quais as relações entre identificação e desejo de analista? Esta pergunta se desdobrava em duas outras: (1) qual o lugar das identificações em um final de análise?; e (2) as identificações desapareciam ou se modificavam? Rapidamente, percebo que não seria simples responder a estas questões. Afinal, tanto a noção de identificação quanto a de desejo de analista são complexas e se modificam ao longo da obra de Lacan. O que seria possível recolher nesses dois anos de trabalho? Certamente, não tudo. O trabalho em cartel traz essa marca, a marca de um limite, da finitude. Na Comissão de Cartéis, discutíamos como esse corte temporal favorecia a precipitação da articulação de um saber, tecido com uns quantos fios e buracos. Um saber que não responde tudo, mas faz avançar — o quê? — o desejo de saber.

Pois não existe plenitude possível no reino da linguagem, não é mesmo? "A linguagem é uma ferramenta ruim" [3]. Assim, temos de nos virar com seus cacos e começar de algum lugar. Comecei por uma afirmação sobre o que seria o desejo do analista encontrada no texto de

[1]Trabalho apresentado nas Jornadas de Cartéis e Encerramento das Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, em novembro de 2020.

[2]Psicanalista, membra do FCL-SP, especialista em psicologia hospitalar pelo HC da FMUSP-SP.

[3]LACAN, J. (1977). *O seminário, livro 25: O momento de concluir*. Tradução feita pelo cartel de mesmo nome, dissolvido em 2019.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 106 19/11/2021 15:01:59

Lacan (1967) *Proposi*ção de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (que lemos, em 2019, no módulo de transmissão *O movimento psicanalítico: deforma*ções do psicanalista). Tomei essa afirmação não como uma resposta, mas como um enigma. Nela, Lacan retoma o seminário 8, falando da posição de Alcebíades: seu desejo seria o desejo DO saber como desejo do Outro/outro (Sócrates). Logo depois, Lacan (1967, p. 257) conceitua o desejo do analista como algo diferente desta posição, sendo ele semelhante a uma fórmula matemática ($x = a - \varphi$).

Afirma:

> O desejo do psicanalista é sua enunciação [da equação], a qual só pode operar se caso venha ali na posição do x: desse mesmo x cuja solução entrega ao psicanalisante seu ser e cujo valor tem a notação ($- \varphi$), hiância que designamos como a função do falo a ser isolada no complexo de castração, ou (a), quanto aquilo que o obtura com o objeto que reconhecemos sob a função aproximada da relação pré-genital. (LACAN, 1967, p. 257).

Desta enigmática afirmação, podemos extrair duas definições:

1. O desejo do analista é uma enunciação, ou seja, ainda que Lacan extraia uma fórmula com o que pode cernir sobre ele, essa enunciação se dá a cada vez que uma análise chegue ao seu fim.

2. O desejo do analista é um objeto e uma hiância, ou seja, sua definição implica não uma afirmação, mas um vazio. Sua definição não é "positiva" (na acepção de algo de que se poderia extrair um molde, um modelo).

Foi muito curioso como o movimento desse cartel pareceu testemunhar essa definição "negativa", melhor dizendo, definição pelo furo. Todos tínhamos a sensação de que, a cada leitura, a conceituação sobre o desejo do psicanalista escapava. Após um ano de trabalho,

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 107 19/11/2021 15:01:59

percebemos como a definição era evanescente e que isso nos gerou resistência ao trabalho. Se falar do desejo, constituído pela falta, já é difícil, o que dizer de um desejo que é resultado de uma construção, que, para ser cingido, demandou uma série de operações dentro de um tratamento a partir da transferência? Relendo este texto que cá escrevo, percebo como ainda (*encore*?) não encontro uma definição assertiva sobre o tema!

Sustentar a angústia de não obter um conhecimento claro e objetivo sobre o tema foi difícil! Ouso dizer que isso só foi sustentável porque estávamos em um cartel que funcionou como tal. Não é à toa que Lacan sustentou que o cartel faz a Escola. Ele é uma amarração privilegiada para sustentar a construção de um saber furado. Após alguns meses patinando, conseguimos nomear este mal-estar e seguir sustentando o cartel. Não sem antes retomarmos o ponto em que cada um poderia se enodar com o tema: nossas questões (próprias).

Quanto a mim, continuei debruçando-me sobre a *Proposi*ção. Ela continuava a me intrigar, principalmente a forma como Lacan amarrava suas ideias do que seria uma Escola com a própria clínica. No texto, ele aproxima o final de análise ao advento do desejo do psicanalista e afirma que este ocorre ao fim da relação transferencial — e que isso não é por acaso. Lacan (1967, p. 259) diz:

> A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque a divisão essa não é outra coisa senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa.

Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser. Nesse des-ser revela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 108 19/11/2021 15:01:59

Novamente, destaco algumas depreensões importantes presentes nesta passagem:

1. A constatação, pelo psicanalisante, de sua divisão, faz com que seja possível sua passagem a psicanalista.
2. Essa divisão tem o resto, decaído ao final de análise, como causa, o que marca o final de análise como uma operação de criação e não de encontro com uma verdade histórica dada a priori.
3. Essa criação faz com que a segurança advinda da fantasia decaia (ou termine de decair, pois o processo analítico a faz vacilar), revelando-se o *des-ser*.
4. O *des-ser*, o vazio, a falta de consistência da existência humana por se apoiar em algo tão falho como a linguagem, fica posto e ao sujeito só resta pagar com a mesma linguagem, com seu nome, mas dessa vez não como um significante mestre, mas como um significante novo (falarei mais dessa noção adiante).
5. Assim sendo, a transferência deixa de existir pois, se descobri que a verdade sobre mim é uma ficção por mim narrada, já não é mais possível supor um saber no outro.

Sobre o final de análise e o desejo de analista, Fingermann (2016, p. 22) afirma que "ter vislumbrado esse ponto fora das medidas comuns pode precaver que o futuro eventual analista procure do lado de seus analisantes o complemento de sua falta-a-ser e um gancho para seus objetos libidinais". Mas isso, a autora afirma, não garante que um analista opere como tal. É preciso que suporte a provação de seu ato, a cada vez, a cada transferência que se estabelece. Cada analista é, em si, passador da psicanálise.

É nesse sentido que Lacan, ao colocar o desejo de analista como objeto e hiância, implica que o desejo não é um molde, mas o próprio furo, de onde permite que aquele que conduz uma análise possa transmitir que não existe relação sexual e que, por exatamente essa mesma razão, aquele que chega ao final de análise terá de ser o inventor de

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 109 19/11/2021 15:01:59

sua saída para fora da fantasia e da transferência. Lacan sustenta que o final de análise é, assim, feito pelo analisante e não pelo analista.

Com essa formulação, Lacan mantém sua aposta de que o analista dirige o tratamento , mas não o paciente[4]. Uma aposta ética, resposta à ideia de um final de análise como identificação ao analista, modelo dado pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA) na época de sua autointitulada "*Excomunhão*". Uma vez que, ao final da análise, tem-se a queda do lugar do sujeito suposto saber (e, portanto, do tratamento analítico, porque é disso que ele é feito), fica a cargo daquele que se dirige dirigir-se para fora a partir de suas próprias pernas — vamos chamá-las de traços ou troços. É assim que Lacan sustenta que intensão e extensão são moebianamente estruturadas. Ele marca que o próprio funcionamento da instituição de onde é expulso impedia o analítico, o subversivo da criação freudiana de surgir... Nos dias de hoje, poderíamos notar se uma Escola está funcionando a partir dessa ética se conseguíssemos recolher testemunhos de fins de análise que fossem diversos... mas este é um tema para um outro trabalho, ainda.

Outra característica do cartel é a de que ele não termina necessariamente com a sua dissolução… Para que ele possa realmente operar como um instrumento para avanço da Escola, é necessário que cada um possa colocar um pouco de si em uma produção. Assim, retornando às minhas questões iniciais, a partir de outra volta, me pergunto novamente (e ainda): qual o lugar das identificações, recolhidas pelo sujeito ao longo de sua história, estória, ex-stória, nesses traços? Como ficam as identificações após um final de análise?

Fingermann (2018, p. 11) coloca o paradoxo da relação entre identidade e identificações. Afirma que

> [...] a identificação se apresenta como uma solução ao drama da identidade. Solução paradoxal, pois, ao procurar sua singularidade na identificação, encontra-se, cada vez mais renovado, o exílio do ser deportado nos significantes e nas imagens do Outro.

[4]Ideia sustentada por Lacan desde 1958 em "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de janeiro: Zahar Ed., 1998, 944 p.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 110 19/11/2021 15:01:59

Segundo a autora, a identidade seria

> [...] uma questão relativa a estrutura do sujeito. O sujeito, fundamentalmente sujeitado na sua representação pela linguagem, perde sua identidade na cadeia infinita de representações que tentam alcançar o ponto original da sua emergência no real.

A autora ressalta ainda que a identidade é "um marco de ex-sistência sem essência" (FINGERMANN, 2018, p. 12). Ela elenca como possíveis nomes dados por Lacan para a identidade: separação, gozo, enunciação, nomeação, ato, dizer.

Recorto, destes nomes, a questão do significante ao qual se chega ao final de análise. Um significante que não é qualquer, pois nomeia algo que faz borda ao gozo. Ao mesmo tempo, ele não tem a função de referente, como a do significante mestre: ele tem a função de suporte a esta identidade sem essência, mas essencial para que o sujeito da linguagem sustente seus laços sociais e possa, caso deseje, sustentar a posição de analista aos que o coloquem neste lugar.

Neste sentido, Safatle (2017) aproxima o fim de análise com a questão da polissemia. Num final de análise, espera-se que o sujeito possa se deparar com sua meia verdade e, a partir daí, dar-se conta da multiplicidade de sentidos da linguagem e do que nos enlaça socialmente. Ele chega a comparar a mudança do laço social de uma submissão à gramática para a poética. É assim, segundo o autor, que a identificação não tem mais a predominância simbólica, mas sim, real.

Neste sentido, Lacan (1970, p. 281), em seu *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, afirma:

> O psicanalista, como dizem, aceita sem problema ser merda, mas não sempre a mesma. Isso é interpretável, sob a condição de que ele se aperceba de que ser merda é verdadeiramente o que quer, a partir do momento em que se torna testa-de-ferro do sujeito suposto saber. O que importa, portanto, não é esta ou aquela merda. E também não é qualquer uma. É que ele apreenda que essa merda não é dele.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 111 19/11/2021 15:01:59

Não tomar a merda alheia como sua, afirmo, é um ganho enorme, tanto para aquele que exerce a clínica como na vida em geral. Na clínica, torna mais fácil o esforço do analista em manter seus sentimentos no lugar de morto do jogo de bridge[5]. O morto, nesse jogo de baralho, é aquele que expõe suas cartas na mesa, permitindo aos outros jogadores que as usem em suas jogadas[6]. O que, de maneira alguma, garante que o jogo esteja ganho. É aí que cada analista é passador da própria psicanálise a cada vez e sempre de maneira diferente. É essa, a meu ver, a beleza do ofício, o (re)encontro com o novo de cada um.

Referências bibliográficas

FINGERMANN, D. *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2016, 212 p.

FINGERMANN, D. O problema da identidade (Prefácio). In: NOMINÉ, B. *Sobre identidade e identificações: confer*ências (2014-2015). São Paulo: Editora Blucher, 2018, 152 p.

LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, 608 p.

LACAN, J. (1970). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, 608 p.

SAFATLE, V. Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. In: *Estudos avançados*, São Paulo, v. 31, nº 91, pp. 211-227, set-dez. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191016. Acesso em: 14 jun. 2020.

[5]LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de janeiro: Zahar Ed., 1998, 944 p.

[6]Mais sobre a relação entre os sentimentos e o jogo de bridge em GRAMINHA-CURY, M. *Desenlace: o lugar possí*vel dos afetos do analista diante da morte. In: LIVRO ZERO: Revista de Psicanálise. Enlaces e desenlaces na clínica psicanalítica, São Paulo, FCL-SP/EPFCL-Brasil, v. 1, nº 8, 2º semestre, 2017.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 112 19/11/2021 15:01:59

A ESCRITA ABERTA[1]

Narayan Lima da Silva[2]

Antes de nomear minha questão, a transmissão do ensino de Lacan me remetia a outras leituras em que forma (ou o estilo da escrita) e conteúdo pareciam indissociáveis, tanto em *O Narrador*, de Benjamin (1936/2012) quanto em *O Ensaio Como Forma*, de Adorno (1936/2012). Estes dois trabalhos têm importância na maneira como fui pensando a relação forma e conteúdo em Lacan, e como algumas passagens são preciosas em dizer de algo similar ao que a psicanálise nos fala.

Vejamos como Adorno apresenta o ensaio:

> O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça contra o transitório (ADORNO, 1954/2003, p. 25).

Em *O Narrador*, Benjamin escreve:

> A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores

[1]Texto apresentado como produto do cartel: "A escrita em Lacan" na Jornada de Cartéis do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo em dezembro de 2020.

[2]Psicanalista, graduada em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo -UNIFESP

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 113 19/11/2021 15:01:59

> são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1936/2012, p. 214).

Ainda sobre Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin no prefácio de *Magia e Técnica, Arte e Política I* sintetiza o pensamento do autor a respeito da obra de Kafka:

> Poderíamos arriscar um paradoxo e dizer que a obra de Kafka, o maior narrador moderno, segundo Benjamin, representa uma experiência única: a da perda da experiência, da desagregação da tradição e do desaparecimento do sentido primordial. Kafka conta-nos com uma minúcia extrema, até mesmo com certo humor, ou seja, com uma dose de jovialidade, que não temos nenhuma mensagem definitiva para transmitir, que não existe mais uma totalidade de sentidos, mas somente trechos de histórias e sonhos. (GAGNEBIN, 1985/2012, p. 19).

Estas passagens marcam uma diferenciação: de um lado, a teoria tradicional e a ciência positivista; de outro, a teoria crítica. São uma aposta, cada uma em seu tempo, de que história e conhecimento não se fecham em uma totalidade (S1 + S2). Elas se assemelham ao distanciamento de Lacan em relação ao discurso universitário e às "armadilhas" do imaginário, se assemelha à aposta do discurso analista em que, entre aquele que narra e aquele que escuta do lugar de *causa* (objeto a), alguma coisa se abre ao não saber.

Estas leituras me puseram a pensar na minha questão de cartel que passava, inicialmente, pela forma escrita de um texto analítico, mas quando a formalizei, em 10 de novembro de 2018, nomeei-a de "o saber onde faz furo ou a formação do analista como a escrita aberta", pois ali, havia assumido um desejo, o desejo de ser analista, e apostava que a formação de analista estava às voltas da mesma relação de forma e conteúdo que aprendera nas leituras prévias. Isto é, que o que aprendemos sobre nó, significante etc., diz, necessariamente, da maneira que nos colocamos a aprender. Com o tempo, meu olhar para o tripé

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 114 19/11/2021 15:01:59

(análise pessoal, estudo teórico e supervisão) estava atravessado por aquilo que entendi que atravessava a formação: topar com o real. Aproveitei da bela ambiguidade que a palavra topar nos permite na língua portuguesa. Topar é esbarrar acidentalmente com alguma coisa, mas é também aceitar, tomar parte de algo. É disso que se trata em minha questão, como assegurar um rigor teórico em torno do real em nossa prática sem partir do discurso universitário? Vi, então, neste processo, que a forma cartel, as experiências ali contidas, me dariam um ensejo para responder esta questão.

Parto deste relato:

> Fazíamos a leitura do texto *Le séminaire 1976-77: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, da primeira lição cheia de topologia, e como de costume, falávamos de nossas impressões. Um dos colegas marca a insistência do Lacan em formalizar os registros, em especial o Real. Ao concordar com a colocação eu acrescentei que se não houvesse este esforço de formalização *"a coisa"* viraria religião. E para mim aqui havia um marco claro de um distanciamento a partir de uma racionalidade científica da teoria lacaniana e da religião. Os colegas nada comentaram. Na semana que se seguiu continuamos com a leitura da lição 2 até nosso próximo encontro. Na leitura, me chamou muito a atenção um trecho, que só pude compreender no final do seminário, mas que naquele momento me acertou: "A psicanálise, é preciso bem dizê-lo, roda no mesmo giro. É a forma moderna da fé, da fé religiosa. À deriva, eis onde está o verdadeiro quando se trata do real". (LACAN, 1976-77, p. 21)

Por um instante, "a coisa" tomou conta e fiquei diante de um "não sei". O incômodo surge como um afastamento da racionalidade, uma vez que não é disso que se trata na fé. Posteriormente, pude compreender que para Lacan, não se trata de uma defesa da fé, mas de que na religião e na psicanálise lidamos com o que vai mal, e que na fé e no real o que opera é o objeto a, embora visem resultados e percursos diferentes. Mas não é isso que interessa nesse relato, aqui se trata de um mal-estar de um corte na razão.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 115 19/11/2021 15:01:59

Tentei apaziguar tal aparição interrompendo a leitura e pegando uma vassoura para varrer a casa. Quando nos encontramos novamente, contei a situação e o impacto que a leitura me causou, os colegas riram e disseram que estavam cientes, não exatamente dessa passagem, mas do que ela evocava. Um espanto me tomou ao supor que eles sabiam que eu estava equivocada e nada me disseram, "não acredito que eles me deixaram errar" foi o pensamento que perdurou. Há dois "desencontros" nessa situação, primeiro, o vacilo da racionalidade e o segundo, a reação dos colegas como "aqueles que queriam que eu vacilasse". Levei este pensamento para a minha análise alguns dias depois. O que ficou dessa sessão foi um tal de "desamparo amparado", uma vez que "deixar errar" comporta a ambiguidade do desvalido e da permissão, não a permissão que assegura a consistência do Outro, mas a permissão de que se pode errar, interpretar e trilhar o próprio caminho *errante* na psicanálise, isto é, o caminho do vacilo de sentido, da abertura ao real.

> Com efeito, para mim, a menos que se admita essa verdade de princípio — que a linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo — não é simplesmente difícil, mas impossível considerar seu manejo. O método de observação não poderia partir da linguagem sem que ela aparecesse como fazendo furo no que pode ser situado como real. É por essa função de furo que a linguagem opera seu domínio sobre o real. (LACAN, 1975-76/2007, p. 31)

A linguagem permite que do que real algo se capture, como um furo naquilo que não cessa de não se inscrever. No entanto, a passagem supracitada precisa ser tomada com cuidado, pois o simbólico como aquilo que comporta a linguagem não domina o real, no sentido de colocar para dentro aquilo que está *foracluído*. No francês, Lacan usa as palavras "sa prise sur le reel", o que me parece mais uma função de captura do que de domínio. Sem dúvida, o simbólico tem seu domínio no real, quando domínio significa território ocupado, uma vez que se trata de um nó borromeano. É dizer que "o simbólico incluído no real tem um nome, isso se chama mentira, ao passo que o simbolicamente real — quer dizer, o que do real se conota no interior do simbólico — é

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 116 19/11/2021 15:01:59

o que se chama a angústia" (LACAN, 1976-77, p. 111). Podemos dizer, com isso, que o espanto e o incômodo relatados acerca da afirmação de Lacan sobre a fé religiosa, seriam o simbolicamente real, e que a afirmação "eu não acredito que eles me deixaram errar" se passa por *mentira,* mas "é preciso dizer uma coisa falsa para conseguir fazer passar uma verdade" (LACAN, 1976-77, p. 79), e que verdade é essa, senão de que não há relação sexual? Não há relação entre uma mentira e outra, o que há entre elas é o real.

O significante representa um sujeito para outro significante, Lacan insiste nessa afirmação por diversos seminários, essa insistência me parece surtir efeito quando no seminário 20, Lacan diferencia o signo do significante, trazendo de maneira explícita e inquietante o que já estava na sua afirmação corriqueira, de que o sujeito é efeito de significante.

> O signo não é, portanto, signo de alguma coisa. mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante [...] O sujeito não é outra coisa — quer ele tenha consciência de que significante ele é efeito — senão o que desliza numa cadeia de significantes. Este efeito, o sujeito, é o efeito intermediário entre o que caracteriza um significante e outro significante, isto é, ser cada um, ser cada qual, um elemento. (LACAN, 1973/2008, p. 55-56).

Isto é dizer também que o que está de fora, o real, é efeito da entrada na linguagem, o sujeito é, borromeanamente, o real, como este significante barrado que impede a si próprio aquilo que deseja, que um significante tenha relação com outro significante, e é precisamente por esta posição que ocupa que o sujeito pode chegar ao final de uma análise.

O desamparo amparado, que mencionei no relato, se encontra, precisamente, neste equívoco de significante, em que a suposta relação entre o mal-estar do corte da racionalidade com a suposição de que os colegas o premeditaram ("eles me deixaram errar") vacila, não porque descobri o que se passava na mente deles, mas porque o lugar

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 117 19/11/2021 15:01:59

de Outro que ocuparam, na posição poderosa de me fazer de objeto, se mostra ficcional.

> Essa carta, como voltei a sublinhar da última vez, funciona, muito especificamente, por ninguém saber nada sobre o seu conteúdo, e porque, até o fim, no final das contas, ninguém saberá nada dele. (LACAN, 1971/2009, p. 121).

Esta citação me parece conter o efeito do atravessamento que o real opera, desta vez não como angústia, mas como esvaziamento de sentido, como efeito de *uma prática sem valor*[3]. Do real nada se sabe. Como a carta roubada, *feminiza* quem a possui. No conto *A carta roubada* de Poe (1845/2008), a rainha ao perder a carta fica com um resto, com um simulacro do que se assemelha a original, mas que não conta de seu conteúdo. A carta como este traço originário funciona por nunca se fazer revelar, porque causando a cadeia da repetição (wiederholungszwang) algo fica de fora, a insistência da cadeia significante é correlativa da ex-sistência, do lugar excêntrico.[4] É porque algum sentido fica de fora no *começo,* que no *fim* algum sentido também se perde. Ou como Benjamin nos diz sobre Kafka: não há mensagem definitiva.

Quando aposto que o ensaio e a formação do analista têm a forma de uma escrita aberta, é bem porque vejo em ambos uma operação que comporta o furo. Um furo que, no caso do texto, pede um leitor que vá acrescentar o que quer seja, sem nunca completar a mensagem. No analista o furo se abre em dois, também pede um outro que vá tentar encher com inúmeras palavras o *sem-blank* para que o analista possa esvaziar como quem esvazia um balão por uma pequena brecha, e é também na condição de esvaziamento de palavras (significantes), em sua própria análise, que o analista pode se descolar da narrativa dos

[3]"Une pratique sans valuer: voilà ce qu'il s'agirait pour nous d'instituer", referência a lição de 10 de Abril de 1977. LACAN, J., *Le séminaire 1976-77: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Paris: L'École Lacanienne de Psychanalyse (Publication hors commerce). Disponível em: http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.
[4]LACAN, J., *O Seminário da Carta Roubada* em *Escritos,* 1966/2014, p. 17.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 118 19/11/2021 15:01:59

seus analisantes e esvaziar seus próprios significantes. O real é presente na formação de um analista, às vezes como angústia, às vezes como aquilo que queremos encher de *mentiras*. Topar com o real é o imprevisível que nos aguarda ao virar a esquina, mas assim como no ensaio, a partir da maneira que lidamos com este *tropeço*, isto pode servir para *forçar as coisas o bastante para fazer a experiência daquilo que daria em forjar um significante que seria outro* (LACAN, 1976-77).

Referências bibliográficas

ADORNO, W.T. (1962) *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 2012.

BENJAMIN, W. (1940) *Magia e Técnica, Arte e Política I*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GAGNEBIN, J. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política I* (p. 7-19). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1940.

LACAN, J. *Le séminaire 1976-77: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Paris: L'École Lacanienne de Psychanalyse (Publication hors commerce). Disponível em: http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

LACAN, J. (1971) *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Tradução de Vera Ribeiro. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. (1975-76) *O Seminário, livro 23: O sinthoma.* Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. (1973) *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1966) *Escritos*. Tradução de Inês Oseki-Depré. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

POE, A. E (1845) *Histórias extraordinárias.* Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 119 19/11/2021 15:01:59

REFERRÂNCIA: O GESTO DE LEITURA COMO PRODUÇÃO DE UM REFERENTE DIVIDIDO

Laerte de Paula[1]

ou: esta escrita já aconteceu ou está acontecendo?
(em que o leitor produz o texto que só ele lê).[2]

CONCLUSÃO

Ler, escrever e tentar transmitir algo sem saber ou dizer sua origem disparadora, já em uma posterioridade, como o desenho que atravessa o indecidível de sua causa primeira...

Eleger uma combinatória de letras, que urgem por sentido, que convocam imagens, identidade, ser... e que só podem mentir, para veicular algo da verdade que elas recobrem e a qual aludem.

Supõe-se aqui uma escrita que possa, desde dentro do aparato limitado, mentiroso e de semblância da linguagem, operar efeitos de drenagem, de escansão e ruptura que abram no leitor um ponto — um instante? uma distância? uma subtração? — que o presente trabalho

[1]Psicanalista, escritor e mestre em Psicologia Clínica pelo Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP. Membro pesquisador e psicanalista-praticante do Instituto VOX. Trabalha como docente em atividades de formação e transmissão da psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), atua no setor clínico da Rede de Atendimento do CEP e ocupa a função de coordenador do setor de triagens desta mesma instituição. É autor de *O Vento, A Chama*, publicado pela Editora 106.

[2]Texto produto do cartel "A escrita em Lacan" apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP, em dezembro de 2020.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 120 19/11/2021 15:01:59

gostaria de destacar: escrita não apenas advertida do vazio que a tornou possível, mas que consinta que este vazio siga produzindo efeitos na língua, que escute, que leia, que recolha, também, estes efeitos.

Ler, então, é um gesto de produção de estranhamento, de espanto, de distância. Ler separa algo. A escrita entra aí, para fazer algo com isso: lembrando ou esquecendo-se d'*isso*.

Nesta separação, advir: aquilo que não sabe o que faz, aquilo que não sabe o que diz, aquilo que quer transmitir, aquilo que chama, que pergunta, que se pergunta, que demanda, ou que já não apenas demanda, e ainda assim diz; aquilo que talvez queira ler, que imagina, que fabrica, aquilo que mente, sabendo-o ou não, aquilo que deseja, a cada vez que nenhum gesto detém a eleição da referência definitiva, aquilo que tenta escrever e dizer do que sabe, ou do que não mais sabe, onde ler já não é saber, mas consentir em sua ex-sistência...

... uma leitura consente neste vagar.

UM POUCO ANTES

Um considerável esforço foi feito para entender se Lacan chegava a uma conceituação última do termo escrita, se esta recebia um tratamento unívoco, específico e acabado. Se a resposta fosse negativa, considerou-se então o trabalho de inventariar os diferentes usos que Lacan dedicou ao termo.

A escrita foi trabalhada por Lacan em diversos momentos de seu ensino. Cito pelo menos três bastante distintos: no seminário 9, no 18, no 23, amparado a cada vez por diferentes instrumentos teóricos e questões específicas.

Não parece que Lacan tenha isolado ou esgotado um uso exclusivo para o termo. Ainda assim, o acompanhamento de diversos trabalhos dos dez últimos anos de seu ensino indica que reservou para a escrita o próprio esforço da transmissão da psicanálise, aliado a diversos suportes: a topologia, a lógica, a matemática, sob a forma da teoria dos discursos ou dos nós borromeanos, por exemplo. Após tal incursão, articula-se aqui o que se pôde recolher desse tempo e dessa leitura,

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 121 19/11/2021 15:01:59

propondo localizar ao menos quatro enfoques distintos a partir dos quais a escrita recebe a atenção de Lacan[3]:

1. O primeiro diz respeito ao desenvolvimento da escrita na história das civilizações humanas. É sabido que Lacan foi sensível a estes estudos, como o atestam, no mínimo, as menções feitas no Seminário 9 e 18 (os ideogramas, a escrita suméria, a chinesa, entre outras);
2. Outro diz respeito às operações lógicas de identificação através de acontecimentos de gozo no enlace com a linguagem e suas leis. Neste campo, termos como letra, significante e fantasia se apresentam como artifícios da ordem de uma escrita (*scriptológicos, como propõe Machado em exaustivo esforço sobre o tema*[4]) que uma análise procura construir e dar a ler;
3. Um terceiro propõe tomar a escrita como *sinthoma*, em sua função de suplência, como Lacan articula tomando Joyce como exemplo no seminário 23;
4. Por último, tem-se o uso da escrita para fins de formalização e transmissão da experiência analítica. Neste âmbito, a escrita é buscada para logicizar os três registros (RSI), cuidando de incluir aí o real como impossibilidade lógica no próprio cerne da linguagem.

No entanto, para além deste objetivo de organização, a pesquisa produziu encontros — isto é, desvios — que se tornaram parte do processo de pesquisa. Propus ser fiel a este acidente pois ele parece concernir justamente ao desafio em questão: encontrar um referente que organize o lugar desde o qual a escrita opera. Vejamos...

DA ESCRITA

Convém recolher do seminário 18 a proposta de servirmo-nos da escrita para interrogar a linguagem, visando aquilo que é perdido ou

[3]Remeto o leitor ao livro de Ana Laura Prates Pacheco *La letra: de la carta al nudo*, do qual me servi para compor essas distinções.
[4]Em obra *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan (2000)*.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 122 19/11/2021 15:01:59

que resta como impossível de ser enunciado na linguagem: uma das definições do real.

Neste momento (estamos em 1971) a escrita é tomada como meio de abordagem da verdade de que trata a psicanálise para formalizar o real em sua dimensão êxtima em relação à linguagem. Para sustentar que a verdade não é toda dizível na linguagem, Lacan propõe que tal impossibilidade só atinge uma formalização digna desse nome através da lógica. Neste caso, a escrita algébrica é o instrumento que daria suporte a esta especificidade.

O escrito se afigura como distinto da linguagem, e é através dele que é possível interrogar a linguagem e seus efeitos no falante. Não apenas isso, é também função do escrito interrogar a dimensão (*diz-man*são) da verdade. Assim, tal instrumento, de um lado, enuncia a inexistência de um referente que permitisse escrever a relação sexual e, de outro, interroga como o ser falante se sustenta em um discurso que faz semblante diante dessa impossibilidade.

Em *Lituraterra*, Lacan (1971) avança nas significações que empresta à ideia de escrita e chega a destacá-la como o ravinamento do significado no real. A escrita produz significado nas bordas dessa impossibilidade, como se, a cada esforço de aproximação do real, irrompesse uma precipitação de significados para tentar dizê-lo, incorrendo assim, inevitavelmente, em encobri-lo e escamoteá-lo. Um impasse que diz dessa impossibilidade de determinar um referente último para a linguagem: aquele que a permitiria fechar-se como unidade acabada.

O esforço do psicanalista se dá em direção oposta a tal acabamento: Lacan envereda por um trabalho de algebrização da escrita que, ao apostar em enxugar algo do peso debilizante do imaginário, tenta não perder de vista a margem de real que participa de sua causa e, assim, talvez favoreça um outro franqueamento dessa impossibilidade. "A escrita cava um vazio", diz em *Lituraterra* (LACAN, 1971, p. 118): justamente o lugar desde onde a linguagem pode ser interrogada.

É que uma das preocupações de Lacan ao longo dos anos 1970 apontava para os obstáculos impostos pela inclinação estrutural do falante em, pela via do sentido, tamponar os lugares onde este falha ou não

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 123 19/11/2021 15:01:59

pode alcançar. A escrita poderia operar como suporte que busca esvaziar a prevalência imaginária à qual o discurso convida, circunscrevendo a impossibilidade — o ponto? o instante? a distância? mesma que estrutura e causa o falante.

No Seminário 23, Lacan diz da potência dessa escrita para aliviar a obstrução do imaginário ao pensamento: "É por meio de pedaços de escrita que entramos no real, isto é, que paramos de imaginar" (2007, p. 66). Mas como desinflar a proliferação imaginária que empresta sentido sem cessar ao que justamente lhe ex-siste? A aposta era em uma escrita que pudesse desinflar o protagonismo hipnótico e soporífero do imaginário até extrair seu núcleo de letras lógicas para, assim, transmitir a especificidade da experiência analítica sem perder de vista seu quinhão de real.

DA LETRA

Ocorreu, então, alinhar, junto ao que Lacan afirma sobre a escrita, aquilo que ele diz sobre a letra: seguindo a lei da metáfora, a letra está em lugar *diferente* da linguagem, afigurando-se como aquilo que desenha, que cinge uma borda precisamente no furo do saber, onde não existe proporção entre os sexos possível de ser escrita.

"Não existe nenhum outro saber a não ser o transporte das palavras que desenham aquilo que falta à linguagem", li de Olivier Sigrist (apud CALLE-GRUBER, 2016, p. 216, tradução nossa). Bonita articulação: a letra é o que se recolhe — como saber textual — do desenho, produzido a partir do transporte de palavras, daquilo que a palavra não pode dizer. Esta *falha* produz um desenho que uma psicanálise aspira dar a ler.

A letra adquire aqui o significado de uma cifra, efeito da irrupção da verdade que advém na falha do saber, o próprio sujeito emergindo aí representado nessa disjunção, nessa síncope, dividido. É assim que entendo a notação da condição da letra como rasura, marca de ruptura, de semblante, dissolvendo o que constituía forma (LACAN, 1971).

Letra: desenho lido do conjunto de perdas recorrentes no trajeto do sentido em busca do referente original. Em si mesma, entretanto, a letra não quer dizer nada, já que só existe e opera graças à extração de

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 124 19/11/2021 15:02:00

sentido da qual foi objeto. A letra como mortalha vela o que desaparece com o seu advento.

Mas se por um lado a letra [*lettre*] é aquilo que se apresenta como um *já-escrito*, por outro ela pode adquirir estatuto de carta [*lettre*], passível de surtir novos efeitos em seus leitores. Ao querer dizer de um acontecimento, de uma marca, pode ainda produzir acontecimento, movimento, fazer marca, servir de novo traço. Aquilo que aqui se escreve talvez possa oferecer-se como traço a um leitor ainda por vir que precisará ler, isto é, produzir, seu próprio texto.

É aqui que vale propor pensar a letra como referente *dividido*: está no ponto de partida e, ao mesmo tempo, é uma produção que se dá à posteriori, já re-lida, decantada do instante de sua aparição. Sujeita às intermitências e ao trânsito indissociável ao campo do Outro. Embora opere como causa, para ser lida, precisa deixar-se escrever nas filigranas das repetições. Como o centro ausente que engendra a posição do sujeito na linguagem.

Neste percurso, a pesquisa desvela a face complementar e indissociável da escrita: a leitura.

DA LEITURA

No Seminário 20, Lacan afirma que o que se escreve por excelência é a solidão de uma ruptura do saber. (LACAN, 1973) A escrita, aqui, surge como rastro advindo de uma ruptura do ser, ponto de onde jorram os sentidos que proliferarão deste efeito. Ler visita essa solidão.

O analista opera, então, para favorecer uma modalidade particular de leitura que está no bordejamento de uma letra que se situa mais além da ortografia, aproximando-se do sem sentido, do acidente aleatório pelo qual uma marca de gozo se fixou. Nesta passagem, interpelar os próprios efeitos que o sujeito pôde recolher desta leitura. Leitura que pode ser um meio do falante ocupar uma outra posição diante da verdade em jogo.

Não é que a escrita esteja pronta antes, desde sempre, esperando para cumprir sua função. É no próprio momento em que há o destacamento

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 125 19/11/2021 15:02:00

de algo que ainda não é letra, que o traço se torna letra: é a leitura que cria a escrita ou, como Michel Maffesoli desenhou: "Um livro é escrito por aquele que o lê" (2001, p. 16). E se a escrita pode produzir efeitos no falante, é na medida em que este pode ler algo e, neste ato obscuro, dar lugar a uma articulação onde é a leitura que opera como causa.

O sujeito talvez poderia ser formalizado assim: é o efeito lido, buscando religar-se ao leitor que o produziu e que desapareceu neste gesto. Efeito do recorte contingente que reclama consistência. Efeito do ato que o dividiu. Como se fosse o ato que engendrasse um sujeito, desde então estruturalmente atrasado em relação a tal ato, buscando um ser, que desde então, resta necessariamente excluído. O sujeito produz a letra/carta que o cifra, mas só a encontra como lida, jamais de posse de um saber que *precederia* o ato. É, assim, o próprio ato que produz a referência, em íntima tensão com a errância. Ela não está antes: a cada encadeamento significante, ela é reinstituída, desviada, perdida, fundada.

PREÂMBULO

Uma tentativa de cruzar o litoral da língua para dizê-la pura, dizê-la viva, dizê-la desde fora, dizê-la intacta, transmitir seu referente originário, originante. Intenção impossível e malograda, mas que, por ironia ou por alegria, ao malograr, algo de notável ainda se transmite e leva adiante em seu desenho. Então, transmitir o próprio desenho e seus efeitos crivantes na língua: o quê ressoa e como ressoa em cada falante aquilo que resiste a se escrever?

Voltemos um passo. É que desejo fazer constar a beleza encontrada nesta palavra, crivar: ao mesmo tempo encher e furar algo, habitar e peneirar algo.

Entre releituras e reescritas, liberar algo da potência vibratória da linguagem. Extrair deste caminho uma possibilidade que a escrita pode franquear: ato que interroga e que, ao mesmo tempo, sofre os efeitos de seu próprio gesto.

Nomear esta referência dupla, dividida, esteve presente ao longo de todo o trabalho de leitura deste cartel. Nesta trajetória, um nome

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 126 19/11/2021 15:02:00

brotou como equívoco sonoro. Depois de buscar seu 'dono', descubro que fora eu mesmo o primeiro a fazer sua leitura: referrância.

Uma análise poderia então se afigurar como o esforço de ler, recolher isto que se revelou como já escrito, por detrás dos sentidos que tentaram lhe dizer, apostando que, nessa leitura, algo se depure e se modifique. Percurso que vai do traço selvagem à constituição do neurótico e sua fantasia estruturante; ou melhor: o percurso que vai da fantasia já estruturada, saturada, inflada, agora decompondo-a, depurando-a até onde possível, até se aproximar — sem, contudo, jamais recuperá-lo — do traço selvagem, marca puramente contingente em torno da qual o falante se viu lançado como tal na aventura da língua.

Referências bibliográficas

CALLE-GRUBER, M. (Org.) *Dictionnaire sauvage Pascal Quignard*. Paris: Hermann, 2016.

LACAN, J. (1970/1971) *O Seminário, livro 18*: *De um discurso que não fosse do semblante*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 174p.

LACAN, J. (1972/1973) *O Seminário, livro 20: Encore*. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola da letra freudiana. 2010. 277p

LACAN, J. (1975/1976) *O Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 249p.

MACHADO A. M. N. *Presença e implica*ções da noção de escrita na obra de Jacques Lacan. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MAFFESOLI, M. *Sobre o Nomadismo: Vagabundagens Pós-modernas*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2001. 205p.

PACHECO, A. L. P. *La letra: de la carta al nudo.* Colección Un-decir. Publicação da Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2014.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 127 19/11/2021 15:02:00

A LETRA; A ESCRITURA; A *CURA*[1] DE...[2]

Rafael F. Atuati[3]

A instância da letra no discurso analítico orienta uma escuta: oferece, como o reluzir dos faróis, uma via de leitura do que seria o funcionamento do significante; permite ao analista supor o que atuaria como causa por trás dos semblantes.

A letra: alteridade que habita o falante; *marca* que acompanha as palavras com as quais *alguém, ninguém*, tentaria dizer-*se*; *não* podendo se dizer.

Advir ao *um* da letra: acolher o *que* objeta interpretações delirantes destinadas a explicar, dar razão a um sintoma: abrigar o devir *desse sinthoma*.

Advir à letra: extrair-*se* do saber: encontrar...

Durante um percurso analítico, as incidências da angústia — o afeto que não engana — naquele/naquela que se dá a falar, apontam indicadores clínicos que demandam atenção àquele/àquela que escuta. A angústia pode comparecer diante da presença do analista, de um

[1]Conviria, me parece, manter a palavra *cura* em latim quando se trata de abordar a direção do que se traduziu em português como "cura" ou "tratamento" em psicanálise. Neste texto, tal operação convidaria as leituras a uma operação em três tempos: 1. o ressoar das conotações ensejadas pelas possíveis traduções de uma palavra já desaparecida; 2. seu silenciar progressivo, em fading, sob a atração de um ponto ao infinito; 3. o acolher de um literal litorâneo no corpo do texto: *cura* como o sem-cura; como a produção do incurável.

[2]Este trabalho foi apresentado nas Jornadas de Cartéis e de Encerramento das Formações Clínicas do FCL-SP 2020.

[3]Psicanalista e escritor. Membro do Fórum do Campo Lacaniano-SP (FCL-SP), da EPFCL-Brasil e da Internacional dos Fóruns (IF-EPFCL).

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 128 19/11/2021 15:02:00

lapso em uma fala, de um silêncio que se insinua nos vãos das palavras, da frustração que emerge ao se constatar a impossibilidade de apreender o que escapa aos ditos: falhando em dizer-*se*.

Os momentos de angústia em uma psicanálise apelam a uma leitura que poderia decifrá-los. Decifrar, no discurso analítico, não é o mesmo que descodificar uma mensagem, traduzir um código passível de tradução em uma ou outra gramática.

Decifrar é traduzir, sem traduzir, o impossível de *se* traduzir.

Decifrar: acolher o intraduzível do que se perdeu; do que apenas se dá a entrever: um brilho opaco: a letra?...

Os modos como cada qual pode se haver com *isso* que se insinua, em diferentes momentos de um tratamento, servem de indicadores que poderão compor um pensamento clínico com o qual um analista se posicionará na direção da *cura* de...

A aposta na materialidade da letra como via de acesso adequada — escritural — ao discurso analítico esteve em causa desde o início do ensino de Lacan, nos anos 1950. A letra, como suporte material do significante, sua estrutura essencial, estaria pressuposta por trás da fala do analisante. A estrutura institui o âmbito da leitura do analista: um outro lugar em que o texto da fala analisante poderia ser auscultado, deslido em uma determinada ordem que o levaria para além da leitura: devolvendo-o ao essencial de sua verdade; de seu gozo.

A *não*-leitura que o analista sustenta a partir do ato analítico — ato que se institui em sua ausência de leitura —, dá ensejo a que uma fala analisante faça sua travessia. Atravessá-la, não sem o devido tempo, é preparar-se para se des-pedir das palavras que orientaram o percurso fabulado de um vivente, tornando-o possível; dissimulando o impossível.

Em *Radiofonia*, Lacan retoma a figura de Sócrates ao dizer que, no ente, é preciso tempo para fazer-se ao ser. O psicanalista, figurando alguém, suporta esse tempo enquanto for necessário àquele que vem se dizer, até que este possa, instruindo-se do semblante que o analista oferece em seu ato, advir à letra.

Advir à letra: dar lugar à falha pela qual a falta-a-ser fracassa em dizer-se: passagem dos ditos que colonizam uma fala esquecida a *um dizer* que os testemunha a uma distância: que é proximidade.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 129 19/11/2021 15:02:00

Advir à letra: reposicionar-se diante do trabalho das palavras; pensá-las, dispensando-as do lugar que se abre a partir de uma ausência *não*-significante; refratária aos significantes. Experimentar um gozo outro; opaco; inexistente: a letra que advém, sem poder... advir: abrir-se ao sentimento da...

• • •

1. N*a proposi*ção de 9 de outubro de 1967: sobre o psicanalista da Escola, Lacan sublinha a prevalência do *saber textual* para a prática da psicanálise — em extensão e intensão — em relação à noção referencial da linguagem. Reitera que a psicanálise se sustenta a partir dos textos de Freud e que a prática do psicanalista guarda vizinhança com a do sofista e a do talmudista.

2. A superfície literal com a qual o discurso analítico propõe sustentar uma via própria de abordagem de seu objeto — uma hiância no saber — habilita o uso de artefatos escriturais como esquemas, grafos, fórmulas lógicas e a importação de recursos de outros discursos — como os objetos topológicos — a fim de oferecer um suporte contra-intuitivo ao pensamento.

3. Os matemas dos discursos, desenvolvidos ao longo do seminário *O avesso da psican*álise, propõem-se a pensar o funcionamento de cada um dos quatro discursos instituídos na teoria analítica. Em uma estrutura tetraédrica constituída por quatro lugares e quatro letras, duas barras e seis flechas — sendo uma delas rompida —, os discursos nomeados como o do mestre, do universitário, da histérica e do analista, articulam de diferentes formas o funcionamento significante como modos de produção de satisfação do ser-falante.

   Cada um dos discursos encontra uma maneira diferente de fracassar devido à presença da estrutura, o que leva a um giro de um quarto de volta nos esquemas e à mudança de um discurso a outro.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 130 19/11/2021 15:02:00

Os lugares são o do agente/semblante, trabalho/gozo, produto/mais-de-gozar e o da verdade. As letras: a, $, S1, S2.

Na escuta clínica, os matemas dos discursos podem funcionar para localizar os lugares de onde se fala e os impasses de cada discurso naquele/naquela que se dá a falar; permitem recolher possíveis mudanças de posição discursiva; assim como aguardar a última delas: na qual o analisante dis-pensaria o parceiro que lhe emprestara o oco dos ouvidos ao dessupô-lo de seu saber, autorizando-se a acolher uma fala ainda *por vir*...

4. A aposta que o ato analítico sustenta pode ser lida no matema do discurso do analista como o fomento a um trabalho da verdade no ser-falante e à possibilidade de um acontecimento contingente. O trabalho do saber inconsciente se realiza no falante que se dirige a um analista em função mediante sua exposição à *aus*ência de resposta que a prática da interpretação, suportada por um simples semblante, lhe oferece. A tarefa analisante se dá no nível da linguagem. Entre as palavras se produz o trabalho cujo sentido obscuro a presença do analista indica: o da verdade enquanto des-velamento (αλήθεια); ponto de *dis-jun*ção com o saber.

5. O trabalho que uma psicanálise dá lugar não produz significantes-mestres que possam ter alguma relação com a verdade, mas cria as condições de possibilidade para um (diz)encontro marcado com o impossível de saber: um acontecimento contingente que uma psicanálise enseja, com o qual se poderia produzir o *não-lugar* onde a hipótese de que haja *algo de* analista se abrigaria: qual oferta de hospitalidade ao impoder que resguarda a verdade.

6. O discurso do analista funciona com a abertura do objeto *a* no lugar de agente e opera com um saber no lugar da verdade. O sujeito ($), ao receber as reverberações de sua fala do parceiro-sintoma, histeriza seu discurso no ato de retomar a palavra. Nas repetições deste procedimento, se poderia desvelar um ponto de não-saber — a isso pode se dirigir uma análise –: um saber insabido, impossível de *se*

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 131 19/11/2021 15:02:00

saber, ao qual *se* poderia aquiescer na passagem de uma fala que busca o impossível, ressentindo-se em sua inevitável frustração, a um desejo causado pelo impossível; umbral do desejo *de* saber ao desejo *do* saber.

7. A histerização do discurso promovida pelo ato do analista pode fomentar a produção de significantes-mestres em enxames (S1 no lugar do produto) a fim de fazer existir a relação sexual, em uma busca pelo significante último que retiraria uma fala da indeterminação radical do desejo ou que explicaria definitivamente o sintoma do qual se queixa. Com os fracassos de suas tentativas, que se repetem ao longo de uma análise, permanece em potência a chance de um encontro com o Real, que apenas se insinua nas falhas de uma fala, e que poderia abrir passo ao des-ser — mediante a marca para o decesso — do fal.*h.*ante...

8. Em uma das oportunidades em que aborda a questão da produção do discurso analítico, Lacan repara no que seria um sinal de sua impotência, ao produzir nada mais do que significantes-mestres (S1), um fracasso atrelado à impossibilidade da posição que o analista se coloca ao tentar agir como causa do desejo. No entanto, deixa em aberto a possibilidade de que o discurso do analista pudesse fazer surgir um *outro estilo* de significante-mestre.

9. O momento final do atravessamento da fantasia pode ser pensado no matema dos discursos quando, diante da angústia petrificante da castração, em lugar da emissão de significantes-mestres — ou significantes-de-ser — que viriam em auxílio do falante, se produza *esse Um* como pura diferença, marca de gozo destacada do conjunto dos significantes (o campo do saber [S2] formalizado como em fôrma de *a* no seminário *de um Outro ao outro*), separada do objeto sustentáculo da fantasia que sonhara o vivente até ali. Advento da letra: em identidade de si a si: litorânea *entre* gozo e saber.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 132 19/11/2021 15:02:00

10. O ato analítico com o qual um analisante passando a analista *se* produz instala-se com a leitura que permite ao acontecimento de sua passagem realizar-se. A letra, marca de angústia radical em um corpo, índice da solidão do falante, apenas entrevista em meio à vacilação do enquadre fantasmático no (diz)encontro com o Real, se desvela, sem se desvelar, como presença/ausência à margem dos ditos; causando um dizer: ex-sistente.

A potência, impotente, de um dizer *de* analista busca sustentar, em ato, o impossível de saber como causa do desejo; ponto de indeterminação que poderia desestabilizar as explicações que se oferecem como parco remédio à ausência de sentido de um sintoma, aos impasses atrelados a alguma inibição, à experiência da angústia.

Tal dizer, não se podendo dizer, destina-se a veicular a possibilidade de um enigma; ao alcance de uma mão; que se abre.

Referências bibliográficas

LACAN, J. (1964) *O seminário, livro 11*: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1968-69) *O seminário, livro 16*: de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1969-1970) *O seminário, livro 17*: o avesso da psicanálise. Versão brasileira de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. (1971) *O seminário, livro 18*: de um discurso que não fosse semblante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. (1971-1972) *O seminário, livro 19*: ... ou pior. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, J. (1977) *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Versão digital disponível em: www.staferla.free.fr. Acesso em: 20 jul. 2021.

LACAN, J. O seminário sobre a Carta Roubada. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 13-66.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 133 19/11/2021 15:02:00

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, J. Lituraterra. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 400-447.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 134 19/11/2021 15:02:00

LETRA: CIFRA DE GOZO?[1]

Beatriz Oliveira[2]

Essa questão que trouxe para o cartel parte de um estudo maior que venho fazendo sobre a questão do ato de tomar a palavra que se verifica para todo falasser. Tal estudo já produziu vários trabalhos, em busca de a cada vez elaborar de alguma forma este ponto insondável, contingente e inacessível que engendra um desejo não anônimo a partir de um significante primordial.

Quando fui procurada como mais-um desse cartel, seus componentes já haviam feito uma leitura prévia na busca de cernir uma questão, um tema para o qual fui convidada a participar. Nesse momento fiquei me perguntando qual seria meu ponto de entrada, qual minha questão a enlaçar-se com as demais. Minha leitura de anos sobre o seminário IX, minha busca pela operação em jogo nesse enigmático desencontro entre o vivo e a linguagem, o qual permite UM traço distintivo que faz laço, "coalescência", como dirá Lacan em Genebra, me levou à pergunta sobre essa aproximação entre a cifra e o número, que ele nos apresenta em 1975:

> [...] que seja mediante o escrito que a palavra faça sua brecha, pelo escrito e unicamente pelo escrito, o escrito que chamamos CIFRAS, porque não queremos falar de números. [...] Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito. (LACAN, 1975, p. 12).

Aqui encontrei o que me parecia ser minha questão: de que maneira articular o que Lacan nomeia como cifra com a noção de letra e gozo?

[1]Texto apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP em dezembro de 2020.
[2]Psicanalista, membra da EPFCL, membra do FCL-SP, coordenadora da Rede de Pesquisa em psicanálise e infância do FCL-SP, mestra em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 135 19/11/2021 15:02:00

No Seminário IX, sobre a Identificação, Lacan trabalhará o conceito de traço unário a partir do conceito de número, tal como Frege (1978) o formula, ou melhor dizendo, tal como para Frege o número ordinário se estabelece. UM é o nome para o primeiro conjunto, o vazio. Assim, vazio e UM são indissociáveis na medida em que, para que tenha existência e se torne operacional, o conjunto vazio precisa ser nomeado. Assim como Cantor criou um nome para os conjuntos infinitos: os números transfinitos permitem operar com aqueles conjuntos, o que era impossível antes dessa nomeação. Nesse sentido, podemos entender o uso que Lacan faz do conceito de cifra: um traço que, a priori, por si só não tem valor, tal como o conceito de número. Ao mesmo tempo, como em sua própria definição: um sinal gráfico para aquilo que não tem valor absoluto, mas que serve para conferir valores aos demais algarismos. Não podemos ver aí a relação entre o significante primeiro e os demais significantes que dele se diferem?

Dessa maneira, podemos conceber o traço unário, ou significante primordial, como UM, primeiro SIM, *bejaung*, ao que nos aparece como vazio: o furo entre o vivo e alíngua. Alíngua refere-se àqueles uns sonoros indiscerníveis que nos chegam do Outro como um banho que atravessa a peneira através da qual a água da linguagem deixa para trás alguns detritos com os quais um sujeito brincará pelo resto de sua existência significante. Dentre estes uns, há UM, discernível, que, de maneira contingente, se torna cifra.

> É pelo modo como a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida aparecerá nos sonhos, em todos os tipos de tropeços, em toda espécie de modos de dizer. (LACAN, 1975, p. 12).

Nesse sentido, uma cifra pensada fregeanamente pode explicar como uma série se constitui, mas não diz nada em relação a que referente ela se liga. Tal sentido advém do que foi gozado e, portanto, traumatizado. É desse *moterialismo* que fala Lacan, o qual tornará possível que o falasser tome a palavra do Outro para se dizer e se aproprie dela.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 136 19/11/2021 15:02:00

É com o neologismo "moterialismo" (Mot (palavra) + matéria) que Lacan localiza a tomada do inconsciente, como cada um sustenta o sintoma. O inconsciente é a maneira que teve o sujeito de estar impregnado pela linguagem, ou seja, como cada ser foi falado pelo Outro: "ali onde ISSO fala, ISSO goza", lembrará Soler (2019, p. 156).

Na Introdução à edição alemã dos Escritos, Lacan dirá que:

> Os números, que são algo de real, embora cifrado, os números têm um sentido, sentido este que denuncia sua função de gozo sexual. Esse sentido nada tem a ver com sua função de real, mas dá um vislumbre do que pode dar conta da entrada do real no mundo do "ser" falante (ficando bem entendido que ele obtém seu ser da fala). (LACAN, 1973, p. 551).

Dirá Lacan que é graças a este moterialismo que a criança fará a coalescência da realidade sexual (gozo) e linguagem. É por esta operação de nomeação do furo, ou se quisermos, operação de corte que *troumatiza*, que um valor de gozo vem se agregar ao traço fazendo deste um significante gozado, um diferencial entre todos os outros uns falados. Um traço, então, vira marca e faz coalescência entre o vivo e linguagem somente por vir carregado por uma experiência de gozo, como dirá Lacan. Uma experiência de gozo contingente que faz série, a partir desse UM recalcado: S1, como função da castração, em virtude da fala. É esse UM que constitui também o que sustenta o conjunto dos ditos de um sujeito em uma análise, proporcionando sua unidade e consistência.

Há UM: traço que se faz cifra pelo fato de que um gozo adveio a este significante. A cadeia significante se torna um escrito de cifras, como diz Lacan, cifras que constituem o conjunto destes uns gozados de lalíngua. Aí podemos localizar a letra de gozo que insiste e se extrai a partir do discurso do analista: S1, S1, S1.

Para Soler, aquilo que se decifra na cadeia significante, da fala, é o que Lacan nomeará como gozo fálico. Entre simbólico e Real, há um gozo fora do corpo, gozo fálico da experiência do desencontro entre vivo e

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 137 19/11/2021 15:02:00

linguagem, que não se encarna. Esse gozo "carrega o traço do corte, corte na superfície do corpo, localizado e descontínuo" (SOLER, 2019, p. 53).

Reconhecemos aqui que esta experiência de gozo não acontece sem o Outro, trata-se de uma heteridade, como diz Lacan sobre a ereção de Hans e não de um auto-erotismo. A fobia como sintoma foi a possibilidade de enlaçamento do gozo com a linguagem: "O significante é algo que está encarnado na linguagem", dirá Lacan em 1975.

Esse gozo fálico, furo entre simbólico e Real, produz cifra, significação, através da fala. De acordo com Soler, o gozo fálico é o que decifra-mos, este é cifrado e constitui o Inconsciente Real. Ora, justamente, a *Bedeutung*, a significação (referência) do falo, é nosso modo de relação com o Real, diz Lacan em 1975.

É muito interessante acompanhar o que Frege nos apresenta a respeito da diferença entre sentido e referência (ou significação), de onde Lacan retira o termo usado no texto "A *Bedeutung* do Falo". Em seu texto *Sobre o sentido e a referência*, Frege dirá que a referência (*Bedeutung)* dá o valor de verdade a qualquer sentença. É esse valor que sustenta o sentido de uma cadeia significante, de uma fala. Sentido é o modo como o objeto se apresenta. Uma mesma referência pode ter diferentes sentidos.

Um fálico (*Bedeutung* do Falo) que se sustenta pelo Um Dizer do sujeito na fala, que se depreende por deciframento da cadeia significante (S1,S1,S1...). Letra sem igual, única e singular. Significante primordial, índice de uma experiência, traço unário de um traumatismo, dirá Soler. Letra gozada idêntica a si mesma, que se torna referência através da fala, geradora da Bedeutung, da significação de um gozo que está fora do corpo, o gozo fálico.

De acordo com Soler, no Seminário RSI, Lacan situa o sinthoma não como metáfora, mas como Letra na qual o gozo adveio a um significante que faz dele CIFRA, ou seja, um acontecimento de inconsciente Real, inconsciente feito de "alíngua". Assim Lacan dirá em RSI:

> O que é dizer o sintoma? É a função a se entender como o faria a formulação matemática f(x). O que é esse x? É o que, do

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 138 19/11/2021 15:02:00

> Inconsciente, pode se traduzir por uma letra, na medida que, apenas na letra a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade [...] O que não cessa de se escrever no sintoma vem daí. (LACAN, 1974/75, p. 23).

Temos então que é pelo ato de fala que um dizer pode revelar a nomeação de um desejo que tem uma função enodante — sinthoma. Esse UM faz série e permite que algo se leia no dizer que sustenta os ditos de uma análise. Os ditos estão para o Escrito assim como aquilo que se lê está para o dizer. Como diz Lacan no "Posfácio ao Seminário 11", a função do escrito não constitui o guia, mas o próprio caminho da estrada de ferro. Uma estrada constituída de cifras de gozo, que se lêem através do que se escreveu, permanecendo imunes a esta mesma escrita.

Aí encontramos a matéria de que o inconsciente foi constituído: os ravinamentos, detritos sonoros que compuseram o sinthoma singular de cada um. É por este mesmo sinthoma que um sujeito, ao final de sua estrada, saberá dos trilhos de gozo sobre os quais chegou ao seu destino.

Referências bibliográficas

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *L*ógica e filosofia da linguagem. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

LACAN, J. (1961- 62). *O Seminário, livro 9*: a identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. (1974-75). *El seminario,* libro 22: "RSI", inédito.

LACAN, J. (1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. (Texto inédito, versão não oficial).

SOLER, C. *Humanización?* 1ª. Ed. Ediciones de Foros Hispanohablantes del Campo Lacaniano de la IF-EPFCL, 2019.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 139 19/11/2021 15:02:00

REGIMENTO DA REVISTA LIVRO ZERO

1. A Revista Livro Zero (RLZ) é uma publicação do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP). Tem sua orientação e gerenciamento conduzidos por este Fórum, que forma uma Comissão de Publicação (CP) bianual para conduzir os processos da publicação.

2. A Revista Livro Zero é organizada e editada pela Comissão de Publicação, recebendo textos em três categorias diferentes, que podem ou não ser apresentados em seções separadas:

   a) artigos submetidos espontaneamente por membros do FCL–SP, produzidos a partir de trabalhos apresentados pelos autores em quaisquer das atividades sustentadas por este Fórum no ano anterior, inclusive eventos nacionais e internacionais com participação do FCL–SP; nenhum artigo será reprovado, devendo entretanto se adequar às normas de publicação estabelecidas pela Comissão de Publicação e por este regimento;

   b) artigos submetidos por não-membros do FCL–SP que tenham sido convidados para quaisquer das atividades oferecidas por este Fórum no ano anterior, produzidos a partir da respectiva atividade; a submissão de tais artigos não deverá ser espontânea, mas a convite da Comissão de Publicação;

   c) artigos submetidos espontaneamente por participantes de qualquer um dos cartéis inscritos no FCL–SP, produzidos a partir de trabalhos apresentados pelos autores em quaisquer das atividades relacionadas a cartéis promovidas por este Fórum no ano anterior, inclusive eventos nacionais e internacionais com

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 141 19/11/2021 15:02:00

participação do FCL–SP; os artigos passarão por aprovação pela Comissão de Publicação, que poderá rejeitar os textos que não estejam ao par com a publicação em termos de rigor e relevância analíticos e adequação às normas de publicação estabelecidas.

Em todos os casos, a Comissão de Publicação poderá trabalhar com os autores a fim de adequar os textos à publicação, sugerindo alterações que beneficiem a clareza e compreensão, ou oferecendo a tradução dos textos quando aplicável. Para alcançar esse fim, a Comissão de Publicação poderá solicitar apoio de profissionais ou colegas membros do Fórum sempre que julgar necessário.

3. A Comissão de Publicação é formada pelas seguintes Funções do FCL-SP:
   a. Secretário(a) (coordenador(a) da CP);
   b. Diretor(a);
   c. Tesoureiro(a);
   d. Diretor(a) da Gestão anterior;
   e. Secretário(a) da Gestão anterior.

   Desta feita, a composição e o mandato da CP são derivados diretamente das eleições para as Funções do FCL-SP, que faz girar as posições bienalmente.

4. A RLZ tem periodicidade anual, tendo seu lançamento programado para o segundo semestre de cada ano, em data a ser escolhida pela CP e pela Comissão de Gestão do FCL-SP.

5. Os prazos de recebimento dos artigos serão definidos a cada número pela CP e amplamente divulgados pela mesma Comissão.

6. Normas de publicação:
   - Artigos com até 25.000 caracteres (sem espaço), Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 142 19/11/2021 15:02:00

- Normas de citações e referências segundo ABNT
- Resumos: os artigos da seção "O Fórum faz Escola" não apresentam resumos. A CP deverá definir, a cada número, quais subseções do "Fórum em Campo" requisitam resumos.

7. A publicação da RLZ é feita de forma impressa e digital concomitantemente.

8. O número de exemplares impressos de cada número será sugerido pela CP e dependerá de aprovação da CG.

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 143 19/11/2021 15:02:00

Revista-Livro-Zero-n-12_PROVA-FINAL-01-alta.indd 144 19/11/2021 15:02:00